

2º CICLO
ARQUEOLOGIA

Esporas Medievais no Território Português

Diana Moreira Rodrigues

M

2021



Diana Moreira Rodrigues

Esporas Medievais no Território Português

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo
Professor Doutor Mário Jorge Lopes Neto Barroca

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Diana Moreira Rodrigues

Esporas Medievais no Território Português

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Arqueologia, orientada pelo
Professor Doutor Mário Jorge Lopes Neto Barroca

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

À MINHA FAMÍLIA.

Sumário

Declaração de honra	3
Agradecimentos.....	4
Resumo.....	5
Abstract	6
Índice de Figuras	7
Índice de Tabelas	8
Índice de Gráficos	9
Lista de abreviaturas e siglas.....	10
Introdução	11
1.Esporas. Origem e Evolução	13
1.1. Obras de referência	13
1.2. Componentes de uma espora	18
1.3. Origem e evolução.....	21
1.3.1. Esporas gregas, celtas e romanas	25
1.3.2. Esporas medievais.....	29
2.Esporas Medievais no Território Português	36
2.1. Referências Documentais e Cronísticas.....	36
2.1.1. O “Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela”	39
2.2. Metodologia.....	46
2.3. Inventário das Esporas Medievais Portuguesas.....	49
2.3.1. Esporas de Espeto	50
2.3.2. Esporas de Roldana	76
2.3.3. Acicates	84
Considerações Finais.....	90
Referências Bibliográficas	98
Anexos.....	101
Anexo 1 – Catálogo de Materiais.....	101

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 10/09/2021

Diana Moreira Rodrigues

Agradecimentos

O meu profundo reconhecimento constitui uma homenagem sentida a todos os que me apoiaram, encaminharam e aconselharam, permitindo a realização da presente dissertação e a minha concretização pessoal.

Primeiramente, agradeço ao Professor Doutor Mário Jorge Barroca, orientador científico deste trabalho, por todos os ensinamentos transmitidos, acompanhamento, empréstimo de bibliografia, e pela pronta disponibilidade demonstrada na partilha da sua ampla experiência como ilustre investigador.

Agradeço e reconheço igualmente o contributo de todos os museus, câmaras municipais, gabinetes de Arqueologia e demais instituições visitadas que, facultando o acesso e o estudo de materiais metálicos dos seus acervos, permitiram o estudo das esporas medievais e a realização deste trabalho. Gratulo a disponibilidade destas instituições, o seu contributo e o seu espírito de colaboração.

Desejo expressar profunda gratificação aos meus pais, especialmente à minha mãe e à sua teimosia e apoio, às minhas irmãs e ao meu irmão, que de diversas formas contribuíram para a minha evolução como ser humano e através de muito encorajamento, à realização deste trabalho.

Agradeço à minha loirinha nº1, Alexandra Silva, luz do meu dia, que mesmo com pouco ajudou em muito.

Ao meu Bando dos Pintos, que apesar de vidas atarefadas e milhares de quilómetros de distância permaneceram sempre ao meu lado.

À Helena Marçal, Lídia Baptista e Nélson Vale, excelentes profissionais que me encorajaram e me apoiaram neste percurso.

À Jéssica Costa e Andreia Silva, amigas para a vida, irmãs de coração.

Ao Pedro, a minha pessoa, o meu match.

A mim.

Resumo

A presente Dissertação pretende inventariar, sistematizar e estudar o conjunto de esporas medievais conhecidas no território português. Apesar de não serem materiais muito comuns, o conjunto das esporas medievais portuguesas já se afigura relevante, ascendendo a sete dezenas de exemplares (entre peças isoladas ou conservadas em pares). A presente Dissertação permitiu, assim, um primeiro inventário nacional destas peças, com o registo padronizado das suas características, e um estudo global.

A maior parte dos referidos materiais encontra-se depositada em Museus ou noutras instituições públicas, sendo muitos destes materiais referentes a achados isolados ou absolutamente descontextualizados. Através do inventário/catálogo realizado, onde se incluíram todas as ocorrências de que temos conhecimento, pretendemos proporcionar uma sistematização de tipologias e cronologias.

Palavras-chave: Esporas Medievais; Esporas de Espeto; Esporas de Roldana; Acicates; Território Português.

Abstract

This dissertation intends to inventory, systematize and study the set of medieval spurs known in Portuguese territory. Although they are not very common materials, the set of medieval Portuguese spurs is already relevant, amounting to seven dozen pieces (among isolated pieces or preserved in pairs). This dissertation allowed, therefore, a first national inventory of these pieces, with a standardized record of their characteristics, and a global study.

Most of these materials are deposited in Museums or other public institutions, with many of these materials referring to isolated or absolutely out of context finds. Through the inventory/catalogue carried out, which included all the occurrences that we are aware of, we intend to provide a systematization of typologies and chronologies.

Key-words: Medieval Spurs; Prick Spurs; Rowels Spurs; Prod; Portuguese territory.

Índice de Figuras

FIGURA 1: EXEMPLOS DE ESPORAS DE ESPETO: (A) ARO; (B) HASTE; (C) ESPETO; (D) TERMINAIS.....	19
FIGURA 2: EXEMPLO DE ESPORAS DE ESPETO COM CURVATURA DE PERFIL: (B) HASTE; (C) ESPETO; (E) GANCHOS/GRAMPOS DE METAL; (F) FIVELA; (G) CORREIA; (H) PALMILHA; (I) TALÃO.	19
FIGURA 3: EXEMPLO DE ESPORAS DE ROLDANA: (A) ARO; (B) HASTE; (D´) PASSADOR; (E) APLIQUES; (F) FIVELA OU PRESILHA (I) TALÃO; (K) PUAS.	20
FIGURA 4: EXEMPLO DE ACICATE: (A) ESPETO; (B) DISCO; (C) PASSADOR VERTICAL; (D) AROS; (E) TERMINAIS. .	20
FIGURA 5: ESPORAS CELTAS, PRÉ-ROMANAS, EM BRONZE, COM BOTÕES OU REBITES NAS SUAS EXTREMIDADES.	26
FIGURA 6: TIPOLOGIAS PRINCIPAIS DE ESPORAS ROMANAS. A - DE GANCHO. B - DE ABERTURAS. C - DE REBITE/BOTÕES. DE DIXON Y SOUTHERN (1992: FIG. 26, MODIFICADO DE SHORTT 1959).	27
FIGURA 7: EXEMPLO DE UMA ESPORA DE TIPO CAROLÍNGIO.	29
FIGURA 8: À ESQUERDA, FIXAÇÃO DAS ESPORAS NO PÉ DO CAVALEIRO NOS FINAIS DO SÉCULO XIII, INÍCIOS DO SÉCULO XIV; À DIREITA, EXEMPLOS DE APLIQUES DE METAL.....	33

Índice de Tabelas

TABELA 1: CONJUNTO DE ESPORAS ESTUDADAS.	49
TABELA 2: ESPORAS DE ESPETO E PROPOSTA DE CRONOLOGIA.	50
TABELA 3: ESPORAS DE ROLDANA E PROPOSTAS DE CRONOLOGIA.	76
TABELA 4: ACICATES ESTUDADOS E PROPOSTAS DE CRONOLOGIA.	84

Índice de Gráficos

GRÁFICO 1: PERCENTAGENS TOTAIS DAS TIPOLOGIAS ESTUDADAS.	90
GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DAS ESPORAS CONSTANTE TIPOLOGIA E LIGAS METÁLICAS.....	91
GRÁFICO 3: DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE ESPORAS DE ESPETO POR SÉCULOS.....	92
GRÁFICO 4: DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE ESPORAS DE ROLDANA POR SÉCULOS.....	95
GRÁFICO 5: DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE ACICATES POR SÉCULOS.	96

Lista de abreviaturas e siglas

MMHC	MUSEU MUNICIPAL HIPÓLITO CABAÇO, ALENQUER
MAB.....	MUSEU ARQUEOLÓGICO DE BAIÃO, BAIÃO
MFTPJ	MUSEU FRANCISCO TAVARES PROENÇA JÚNIOR, CASTELO BRANCO
MMC.....	MUSEU MONOGRÁFICO DE CONÍMBRIGA, CONDEIXA-A-NOVA
MMB	MUSEU MUNICIPAL DE BARCELOS, BARCELOS
MML	MUSEU MUNICIPAL DE LAGOS, LAGOS
MMS	MUSEU MUNICIPAL DE SANTARÉM, SANTARÉM
MNFMC	MUSEU NACIONAL FREI MANUEL DO CENÁCULO, ÉVORA
EE	ESFORA DE ESPETO
ER	ESFORA DE ROLDANA
A	ACICATE

Introdução

Esta dissertação tem como objetivo o inventário e o estudo das esporas medievais encontradas no território português, compreendendo assim um período de cerca de mil anos, entre o século V e o século XV.

O nosso estudo encontra-se estruturado em dois capítulos. O primeiro é consagrado a questões metodológicas, de terminologia e de enquadramento histórico-arqueológico. Inicialmente procedemos a um estado da arte, apresentando uma breve compilação da principal bibliografia internacional e nacional dedicada ao tema, destacando as principais obras de referência que serviram de base a esta dissertação.

Seguidamente apresentamos uma proposta de nomenclatura para as tipologias apresentadas, que nos guiará na descrição dos seus principais componentes. A terminar este primeiro capítulo equacionamos os dados relativos à origem, funcionalidade e evolução da espora medieval.

O segundo capítulo aborda os materiais portugueses. Começamos por apresentar as referências documentais e cronísticas medievais portuguesas referentes às esporas, de forma a agregar o máximo de informação possível sobre estas. Dentro deste subcapítulo tornou-se indispensável uma análise mais atenta do *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*, de D. Duarte, visto este se apresentar como o testemunho mais importante para o estudo das esporas medievais portuguesas. Neste são dedicados dois capítulos às esporas, suas tipologias e melhor forma de uso.

Seguidamente apresentamos a metodologia do levantamento da informação e a estrutura das fichas de inventário. Assim como os materiais que foram estudados presencialmente e os que devido a situações específicas foram estudados apenas pela bibliografia disponível.

Para terminar, apresentamos um panorama da evolução diacrónica e tipológica das esporas aparecidas em território português. Para a sua concretização foi necessário proceder a um levantamento e inventário exaustivo junto de instituições museológicas, de forma a constituir aquele que é o primeiro corpus ou catálogo de esporas medievais

portuguesas. Esse catálogo, que se apresenta em Anexo, compreende as fichas de inventário de todos os materiais estudados.

1. Esporas. Origem e Evolução

1.1. Obras de referência

Apesar de o estudo das esporas no período romano se encontrar bem desenvolvido, apresentando tipologias e morfologias concretas, a informação e os estudos relativos às esporas medievais são ainda relativamente escassos, e encontram-se maioritariamente centrados em artigos monográficos, dedicados intencionalmente ao estudo de estes materiais, como é o exemplo nacional.

As esporas são, por vezes, referidas em estudos gerais sobre armamento medieval. Porém, a sua abordagem é relativamente esparsa e circunscrita. A falta de interesse dos estudiosos por estes materiais poderá dever-se ao facto de estas peças serem apenas consideradas como elementos complementares do armamento militar utilizado pelos cavaleiros, não possuindo assim grande relevância.

Em contexto internacional, podemos referir algumas obras gerais sobre armamento medieval que, apesar de se centrarem no equipamento defensivo e ofensivo do cavaleiro medieval e a sua importância social, concebem apenas pequenas menções à questão das esporas. Como exemplos do que afirmamos podemos invocar as obras *Arms and Armours of the Medieval Knight*¹ e a clássica síntese *European Armour*², que expõem uma sucinta descrição das esporas e da sua evolução, concebendo balizas cronológicas e morfológicas bastante amplas, deixando muito por esclarecer.

Em contrário, uma obra referente ao cavalo medieval e ao seu equipamento, que se mostra consideravelmente relevante, é *The Medieval Horse and its Equipment*³. Trata-se de uma obra dedicada ao cavalo, aos seus equipamentos e à sua importância na Idade Média no contexto britânico, possuindo um capítulo dedicado ao estudo das esporas. Neste capítulo é apresentada uma terminologia, cronologia e desenvolvimento das

¹ EDGE, David: PADDOCK, John Miles – *Arms & Armour of the Medieval Knight*.

² BLAIR, Claude – *European Armour, Circa 1066 to Circa 1700*.

³ CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*.

esporas, assim como para os seus componentes – espetos, roldanas, correias, ganchos de engate e fivelas – permitindo uma análise cronológica comparativa com outros exemplares e uma melhor compreensão sobre a evolução das esporas medievais.

Lionello Boccia, no seu *Dizionario terminologici - Armi difensive dal Medioevo all'Età Moderna*⁴, apresenta terminologias específicas para cada espora e para cada um dos seus componentes, assim como um registo gráfico explícito, transmitindo assim informações cruciais para um estudo e compreensão tipológica e morfológica das peças. Este dicionário não apresenta, todavia, balizas cronológicas. Bashford Dean, que apresenta uma breve descrição das esporas e da sua evolução desde o período de Hallstatt até ao século XVIII, expõe também um bom registo gráfico evolutivo das esporas⁵.

Ainda a nível internacional, mas referente a artigos monográficos sobre esporas ou descrições em catálogos, podemos apontar o estudo de Ovidiu Ghenescu que apresenta uma breve evolução cronológica sobre as esporas e a descrição de três esporas de roldana originárias da Roménia⁶; Renée e Michel Colardelle, que descrevem cinco esporas, formando duas destas um par, encontradas no povoado de La Colletière (em Charavines, França)⁷, onde a categoria de objetos mais representados encontra-se relacionado com a criação de cavalos e a equitação. O par referido ainda preservava as correias de fixação e uma das outras esporas apresentava decoração em prata, caracterizando-se assim como testemunhos fundamentais. Acrescentemos, por fim, Patrick Ottoway e Nicola Rogers, com a descrição e catálogo de várias esporas e fragmentos de esporas procedentes de York⁸.

⁴ **BOCCIA, Lionello** – *Dizionario terminologici – Armi difensive dal Medioevo all'Età Moderna*.

⁵ **DEAN, Bashford** – “A Descriptive Label for Spurs”.

⁶ **GHENESCU, Ovidiu** – “Medieval Rowel Spurs in the collection of the “Ioan Raica” Municipal Museum of Sebes”. (pp. 243-258).

⁷ **COLARDELLE, Renée et Michel** – “L’habitat medieval immergé de Colletière, à Charavines (Isère). Premier bilan des fouilles”. (pp. 167-219).

Povoado localizado perto do lago Paladru, França, estando o assentamento medieval localizado nas suas imediações. O terraço onde se localiza, coberto por dois a seis metros de água proporcionou elevadas condições de preservação dos materiais arqueológicos.

⁸ **OTTOWAY, Patrick; ROGERS, Nicola** – *The Archaeology of York. The Small Finds: Craft Industry and Everyday Life*.

No contexto peninsular, podemos referir os estudos de Álvaro Soler del Campo. No seu artigo *“Estudio comparativo de un conjunto de espuelas bajomedievales”* Álvaro Soler del Campo faz referência a quatro esporas (dois acicates e duas esporas de roldana) que se conservam no acervo do Museu Arqueológico Nacional, que apresentavam cronologias duvidosas⁹. Este autor confronta as duas tipologias e apresenta a sua descrição, atribuindo paralelos e propostas cronológicas.

Relativamente ao seu estudo *“Espuelas Andalusies del Museo Arqueologico Nacional”*, Soler del Campo expõe três esporas de espeto que apresentam uma evolução cronológica e de herança muçulmana, porém discutível, devido à sua proveniência desconhecida e ao facto de esta tipologia ter sido utilizada tanto por muçulmanos como por cristãos em momentos simultâneos¹⁰. Para finalizar esta breve abordagem bibliográfica, registemos que em *“Arreos y jaeces para caballería en Al Andalus”*, Álvaro Soler del Campo expõe uma evolução do equipamento do cavalo (arreios para a boca do cavalo, selas, estribos) na Península Ibérica no contexto Al-Andalus, dedicando dois pequenos textos às esporas¹¹. Faz referência aos modelos de espeto, de secção quadrada, fixados ao pé do cavaleiro por correias, que demonstram a tradição romana e perduram até à Alta Idade Média em certas zonas da Europa.

Ainda no contexto peninsular é importante ressaltar o estudo de Alejandro Álvarez-Busto e Noelia Calderón sobre um conjunto de esporas encontradas num contexto funerário no Mosteiro de Corias, estabelecendo uma cronologia a partir de uma análise comparativa com outros exemplos a nível peninsular¹².

Relativamente ao contexto nacional, o panorama mantém-se. Os estudos relativos às esporas medievais são escassos, e encontram-se maioritariamente centrados em artigos monográficos. Por conseguinte, continuamos a carecer de um estudo concreto e

⁹ SOLER DEL CAMPO, Álvaro – “Estudio comparativo de un conjunto de espuelas bajomedievales”. (pp. 170-189).

¹⁰ SOLER DEL CAMPO, Álvaro – “Espuelas andalusies del Museo Arqueológico Nacional”. (pp.261-269).

¹¹ SOLER DEL CAMPO, Álvaro – “Arreos y jaeces para caballería en Al Andalus”. (pp. 81-98.).

¹² ÁLVARES-BUSTO, Alejandro García; CALDERÓN, Noelia Fernández – “El Caballero de las Espuelas Doradas. Análisis arqueológico de un enterramento nobiliario medieval del Monasterio de Corias”. (pp. 135-152).

específico sobre esporas medievais no território português. Contudo, podemos apresentar algumas obras que contribuíram para uma melhor compreensão e entendimento das esporas, a nível morfológico e tipológico, assim como a sua presença em contexto nacional.

Em destaque podemos referir o catálogo da exposição *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português*¹³. Nele, Mário Barroca traçou uma síntese do armamento medieval onde incluiu uma evolução das esporas, transmitindo informação pertinente referente à sua tipologia e morfologia, assim como a sua evolução em articulação com o restante armamento medieval, incidindo também referências presentes nas fontes documentais e iconográficas medievais portuguesas. Na mesma obra, Álvaro Soler del Campo faz breve alusão à presença das esporas medievais no contexto islâmico, nomeadamente acicates, no espaço hispânico.

Na *Nova História Militar de Portugal*, Mário Barroca, ao caracterizar o armamento medieval, apresentada uma breve descrição da evolução das esporas em espaço português, referindo dois exemplos concretos – a espora de espeto encontrada no Castelo de Matos, Baião, e a espora de roldana descoberta no Castelo de Faria, Barcelos¹⁴. São, ainda, mencionadas diversas referências a esporas presentes nas fontes documentais medievais portuguesas.

Como estudo mais concreto e específico, podemos referir a análise de quatro esporas de espeto, em ferro, provenientes das escavações do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades, em Barcelos, estudadas por Ricardo Erasun Cortés e Francisco Faure¹⁵. As esporas surgem em contexto de destruição das sepulturas polilíticas medievais, do século XII/XIII, sob um piso datado do século XV, sendo possível assim aferir uma datação mais precisa aos materiais encontrados.

¹³ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*.

¹⁴ **BARROCA, Mário Jorge; DUARTE, Luís Miguel; MONTEIRO, João Gouveia; MATTOSO, José (coord.)** – *Nova História Militar de Portugal*.

¹⁵ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (pp. 179-192).

Relativamente à menção de esporas em fontes documentais e cronísticas medievais portuguesas, posteriormente será apresentado um subcapítulo específico, centrado na análise de tais menções. Será também analisada a obra medieval portuguesa mais marcante acerca das esporas, o *“Livro da Ensinança de Bem cavalgar Toda Sela”*, de D. Duarte¹⁶.

Como se pode verificar por esta breve síntese, esta temática encontra-se pouco estudada e nunca foi abordada de forma verdadeiramente exaustiva para o território nacional. Entendemos, por isso, que era necessário agregar toda a informação sobre estas peças a nível nacional, num estudo que trabalhasse as questões tipológicas e cronológicas, de forma a contribuir para estudos futuros.

¹⁶ DUARTE, D. – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*.

1.2. Componentes de uma espora

As esporas caracterizam-se por serem peças metálicas, colocadas no pé do cavaleiro, empregues para incitar ou corrigir o cavalo. Existiram ao longo de diferentes épocas e assumiram diversas formas, consoante a cronologia, o local geográfico e a cultura. Era importante deter uma prática adequada no uso destas ferramentas para que o cavalo pudesse responder apropriadamente e não padecer de danos desnecessários.

De forma a auxiliar o entendimento dos materiais estudados neste trabalho, foi considerado relevante apresentar distintamente os componentes de uma espora. Considerou-se igualmente apresentar uma representação gráfica de uma espora, de modo a facilitar a visualização das diferentes partes mencionadas no decurso do texto (Fig. 1, 2 e 3).

A espora é constituída por um **aro**, formado por dois **braços** que cercam ou contornam o pé do cavaleiro. Cada um destes apresenta, na sua extremidade, os **terminais**. Estes exibem diversas formas e tamanhos, consoante a sua cronologia e tipologia e têm como objetivo a fixação das **correias** (tiras de couro ou de malha metálica para enlaçar ou amarrar) à espora. Esta ligação é executada através de **rebites** e/ou **fivelas** - peças em metal, geralmente redondas ou retangulares, com fuzilhão, para fixar as correias. Posteriormente foram também usados **grampos/ganchos** de metal apegados nos terminais das correias que, seguidamente, se fixavam aos terminais das esporas.

Este **aro** pode apresentar várias morfologias, como, por exemplo, um contorno em forma de “U” ou “V”. Pode apresentar também um **talão**, uma parte mais larga do aro, na zona anterior, do calcanhar, criado para ajudar a imobilizar a espora. Visto de perfil, o **aro** pode ser **plano** ou pode apresentar uma **curvatura**, criada para se obter uma melhor adaptação à anatomia do pé do cavaleiro.

A meio dos **braços** do **aro**, na zona correspondente ao calcanhar do cavaleiro, destaca-se a **haste** ou **pescoço**, que pode ostentar dimensões variadas, podendo exibir também uma inclinação para baixo ou para cima. No remate desta haste pode ser visível um **espeto** (espigão cónico ou piramidal, com dimensões variadas, porém normalmente

curto e maciço), ou uma **roldana** (mecanismo em forma de disco, constituído por pequenas puas/dentes triangulares e pontiagudos com várias dimensões).

No caso dos acicates, o espeto apresenta, junto ao arco, um **disco** - peça de configuração circular.

O acicate apresenta também um **passador vertical** na zona anterior do calcanhar, acima do espeto, para a passagem da correia de fixação.

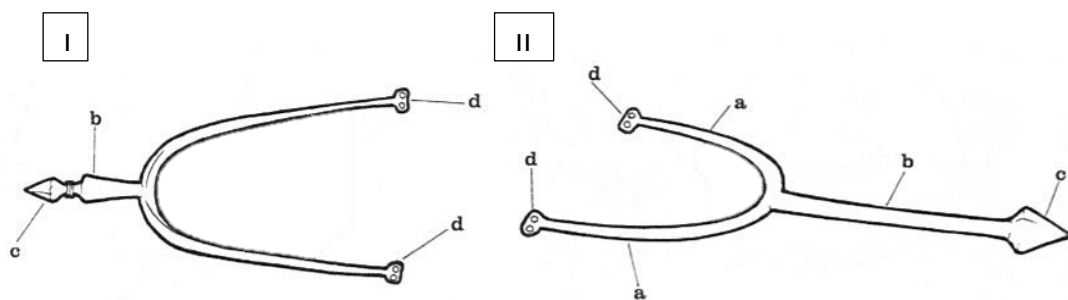


Figura 1: Exemplos de esporas de espeto: (a) aro; (b) haste; (c) espeto; (d) terminais¹⁷.

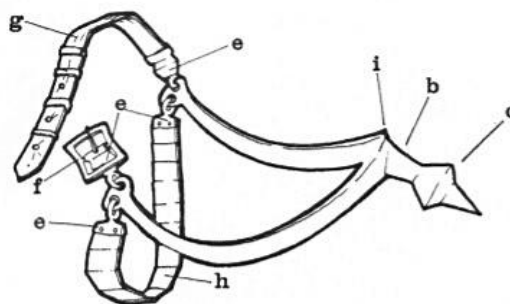


Figura 2: Exemplo de esporas de espeto com curvatura de perfil: (b) haste; (c) espeto; (e) ganchos/grampas de metal; (f) fivela; (g) correia; (h) palmilha; (i) talão¹⁸.

¹⁷ BOCCIA, Lionello – *Dizionario terminologici – Armi difensive dal Medioevo all’Età Moderna*. (pp. 68-69).

¹⁸ *Idem, ibidem*.

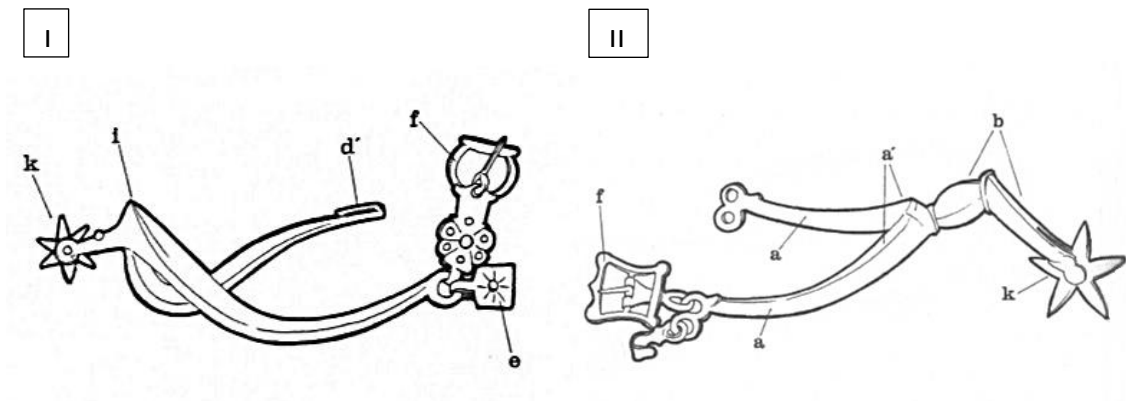


Figura 3: Exemplo de esporas de roldana: (a) aro; (b) haste; (d') passador; (e) apliques; (f) fivela ou presilha (i) talão; (k) puas¹⁹.

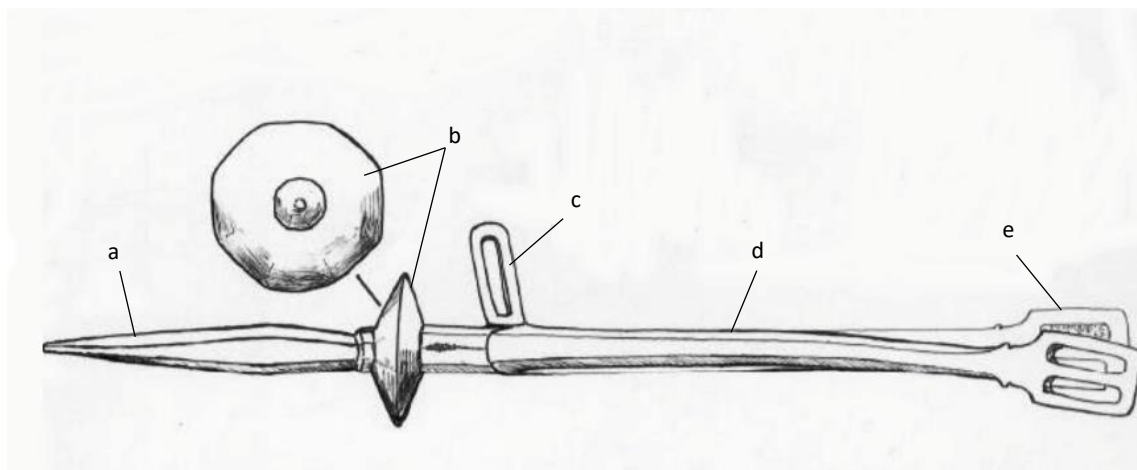


Figura 4: Exemplo de Acicate: (a) espeto; (b) disco; (c) passador vertical; (d) aros; (e) terminais²⁰.

¹⁹ BOCCIA, Lionello – *Dizionari terminologici – Armi difensive dal Medioevo all'Età Moderna*. (pp. 68-69).

²⁰ BLANCHE, Ellis - *Prick Spurs 700-1700, The Finds Research Group AD*. (p. 8).

1.3. Origem e evolução

O cavalo possui, desde a Antiguidade Clássica, uma grande importância, tanto a nível militar como a nível social. Esta importância reflete-se na abundante produção científica que tem sido dedicada a estes animais, aos materiais a eles associados, aos contextos arqueológicos com que se relacionam²¹, assim como às fontes arqueológicas, históricas, iconográficas e literárias²². Um dos materiais associados a este animal e ao seu controlo, são as esporas – caso de estudo deste trabalho. Para tal, de forma a iniciarmos este tema, consideramos pertinente marcar a importância do cavalo.

A origem do cavalo remonta ao *Hyracotherium*, no Eoceno, há cerca de 55 milhões de anos. Este animal assemelhava-se a um cão com quatro dedos nos membros anteriores e três nos posteriores, evoluindo até à forma do género *Equus*, no Pleistoceno (1,5 milhões de anos)²³. A história da sua domesticação é incerta, assim como a cronologia exata e o local onde o processo terá ocorrido primeiramente, visto que a sua domesticação poderá ter sido realizada por distintos grupos de homens e em diversos locais e cronologias²⁴.

Apesar de todas as incógnitas, é possível indicar que, na origem do cavalo doméstico, esteve o cavalo selvagem, *Equus ferus*, que, no início do Holocénico, se estendia por um vasto território, abrangendo a Europa, o Médio Oriente, a Ásia central e a zona oeste da atual China. O *Equus ferus* deu origem a várias subespécies, de entre as quais ressaltam

²¹ **AREZES, Andreia** — “Guarnições de freio de equídeos: perspectivas sobre um conjunto de materiais da antiguidade tardia no território português”. (p.63). Como exemplo, o volume 11 da série *Archaeologia Baltica*, intitulado “The Horse and Man in European Antiquity (Worldview, Burial Rites and Military and Everyday life)” (Klaipėda University, 2009).

²² **QUESADA, Fernando** — “Mirando el mundo desde lo alto: espuelas y otros elementos asociados al caballo en el poblado de La Serreta de Alcoi”. (p. 85).; **AREZES, Andreia** — “Guarnições de freio de equídeos: perspectivas sobre um conjunto de materiais da antiguidade tardia no território português”. (p.63).

²³ **CUNHA, Margarida** - *Comportamento Social do Cavalo do Sorraia em Regime Extensivo*. (p. 1).

²⁴ **LASOTA-MOSKALEWSKA, Alicja; SZYMCAK, Karol; KHUDZHANAZAROV, Mukhiddin** — “A Problem of the Earliest Horse Domestication. Data from the Neolithic Camp Ayakagytma ‘The Site’, Uzbekistan, Central Asia”. (p. 15- 16).

duas principais: o *tarpan*²⁵ e o cavalo de *Przewalski*²⁶. Estes podem ser considerados os progenitores do cavalo doméstico contemporâneo²⁷.

As evidências da associação entre comunidades humanas e o cavalo remontam cerca de 15.000 anos atrás, nas pinturas da caverna de Lascaux, no Sul da França. Porém, os primeiros indícios da sua domesticação surgem cerca de 6 mil anos atrás, em um número reduzido de sítios arqueológicos na Ucrânia, Oeste da Europa, Ásia e Egito²⁸.

Estes animais foram, inicialmente, uma fonte esporádica de alimento para as comunidades humanas. Mas, após a sua domesticação, rapidamente passaram a ser elemento de prestígio, assumindo papel fulcral no trabalho de campo, na caça, no transporte de mercadorias e em situação de combate, quer montados por guerreiros, quer atrelados a carros de combate²⁹. A estes animais também se atribuiu uma carga lúdica, simbólica e mítica, visível na sua participação em cenários lúdicos, integrando jogos públicos (como corridas) e em enterramentos, onde parecem encontrar-se imbuídos de conotações mágicas e com a dimensão religiosa e mitológica³⁰.

Além da sua importância utilitária, o cavalo e a posse deste é, por inerência, sinal de estatuto económico e indício da pertença do detentor a um patamar social elevado³¹, situação que derivava do tempo e custo elevado para manter, alimentar e treinar estes animais³².

Na Antiguidade Clássica, tanto na civilização grega como na romana, estes animais simbolizavam ainda poder e velocidade, coragem e lealdade, beleza e nobreza. Apesar dos seus sistemas militares serem baseados na infantaria, o *hippeu* e *equites* formavam

²⁵ Tarpan (*Equus ferus ferus*) na Europa Central.

²⁶ Przewalski (*Equus ferus przewalski*) ou cavalo selvagem da Mongólia.

²⁷ **BENECKE, N.** – “The domestication of the horse”. In **SCHÄFFER, Johann** (ed.) - *Domestication of Animals. Interactions between Veterinary and Medical Sciences*. (p. 9-10).

²⁸ **GOODWIN, D.** – “Horse behaviour: evolution, domestication and feralization”. In **WARAN, N.** (ed.) - *The Welfare of Horses*. (p. 3-4).

²⁹ **BARTOSIEWICZ, László** – “Ex Oriente Equus... A Brief History Of Horses Between The Early Bronze Age And The Middle Ages”. (p. 2).

³⁰ **AREZES, Andreia** – “Guarnições de freio de equídeos: perspectivas sobre um conjunto de materiais da antiguidade tardia no território português”. (p. 64).

³¹ *Idem.* (p. 63-67).

³² **EDGE, David; PADDOCK, John Miles** – *Arms & Armour of the Medieval Knight*. (p. 36).

classes sociais distintas, baseadas na posse do cavalo, que se encontravam entre as mais elevadas de entre a aristocracia e a população em geral, conotando assim a importância social destes³³.

Durante a Idade Média, a indissociabilidade entre o estatuto económico e posse do cavalo é ainda mais notória, hierarquizando até a própria sociedade. O cavalo acarretava grandes despesas, resultado não só da sua posse e sustento – dieta rica, mudança periódica de pastos, estábulos, etc. - mas também da aquisição do equipamento específico para este³⁴. Isto pressupõe que os possuidores destes animais fossem oriundos de estratos privilegiados ou portadores de riqueza.

Em contexto nacional, a guerra, que anteriormente era travada por grandes contingentes de infantaria, tomou um contorno diferente, passando a apoiar-se sobretudo em contingentes de cavalaria. Transformou-se em eventos localizados, na forma de operações de fossado e de rapina, onde o uso da hoste de cavaleiros era fundamental. Estas operações de fossado, eram executadas por pequenos grupos de cavaleiros e visavam assegurar ricos dividendos³⁵. A cavalaria desempenhava assim um papel de crescente importância na sociedade dos séculos XI a XIII e a esta eram associadas vantagens de diversa índole.

Com as vicissitudes da Reconquista, a sociedade organizou-se em torno da guerra, levando aos homens com posses a obter armas e montadas para a defesa da fronteira do reino, em que os confrontos eram quotidianos³⁶. Esta posição guerreira, de defesa de território, definiu por seu turno a posição social ocupada, obtendo especial relevância nas regiões fronteiriças, onde os confrontos armados eram diários. Assim sendo, os cavaleiros tornaram-se a aristocracia local³⁷.

³³ **EDGE, David; PADDOCK, John Miles** – *Arms & Armour of the Medieval Knight*. (p. 6).

³⁴ **OLIVEIRA, José** – “PEÃO OU CAVALEIRO a fortuna de um pequeno proprietário de Sesimbra, em 1369”. (p. 272).

³⁵ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 38).

³⁶ **AGUIAR, Miguel** - “A ‘Honra’ De Cavalaria e a Aristocracia Medieval Portuguesa”. (pp.564).

³⁷ **MATTOSO, José** – “A nobreza e os cavaleiros vilãos na Península Ibérica (séculos X a XIV)”. In **MATTOSO, José** - *Naquele Tempo: Ensaio de História Medieval*. (pp. 353-365).

Os cavaleiros, quer provenientes de famílias ancestrais, ou membros de estirpes mais recentes, começaram por ser essencialmente servidores nos séquitos armados dos reis e da alta nobreza, tornando-se indivíduos proeminentes, quer nas regiões de maior domínio nobiliárquico, como o Norte senhorial³⁸, quer nos territórios mais meridionais, onde predominava a organização concelhia³⁹.

À cavalaria nobre associou-se, a partir dos meados do século XI, a cavalaria vilã – aristocracia concelhia. Esta era integrada pelos elementos não-nobilitados da sociedade que tinham maior poder económico, o suficiente para ter e manter cavalo. Em contrapartida, este estatuto social conferia diversos privilégios. Este estatuto, que advém da sua capacidade de proteção e poder de guerra, poderia ser perdido caso o cavaleiro perdesse o cavalo e não fosse possível adquirir outro em tempo útil⁴⁰. O cavalo converteu-se assim num elemento fundamental para o cavaleiro, sendo a base da sua posição destacada na sociedade e no campo de batalha⁴¹.

Com a importância atribuída à cavalaria e ao uso do cavalo, com especial destaque na arte da guerra, é natural que, além do desenvolvimento do armamento do cavaleiro, tenham surgido equipamentos específicos para o controlo eficaz dos animais. Para além dos elementos colocados diretamente na boca do cavalo, da sela (já usada pelos romanos) e do estribo, encontramos as esporas, conhecidas na Europa e no Mediterrâneo desde o século V a.C.⁴². As esporas apresentam-se como ferramentas essenciais para direcionar o cavalo, quer para a frente, quer lateralmente, e estavam associadas aos pés do cavaleiro - o seu uso possibilitou ao cavaleiro orientar eficientemente a sua montada⁴³.

³⁸ Localizado entre os rios Vouga e Minho.

³⁹ **MATTOSO, José** - *Ricos-homens, Infâncias e Cavaleiros*. (pp.171-192).

⁴⁰ **AGUIAR, Miguel** - “A ‘Honra’ De Cavalaria e a Aristocracia Medieval Portuguesa”. (p.580).

⁴¹ **EDGE, David; PADDOCK, John Miles** – *Arms & Armour of the Medieval Knight*. (p. 36).

⁴² **QUESADA, Fernando** - El gobierno del caballo montado antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. (p. 125).

⁴³ **MICHALAK, Arkadiusz** – “Finding perfect equestrian equipment. Some thoughts about medieval and modern hybrids of stirrups and spurs from Central Europe”. (p. 65).

1.3.1. Esporas gregas, celtas e romanas

Os mais antigos achados destes instrumentos metálicos remontam ao século V a.C.⁴⁴ e são originários da Europa Ocidental, datando do início do período de La Tène⁴⁵. Estas esporas apresentavam-se como peças planas, de aros largos, curtos, que no seu remate ostentavam espetos bicónicos muito pronunciados⁴⁶. No sudeste da Europa, na região Dolenjsko (atual Eslovênia) foram também encontrados exemplares em túmulos tardios da cultura de Halstatt do século V a.C.⁴⁷.

A partir de Hallstatt, as esporas foram possivelmente adotadas pelos gregos e celtas. A sua propagação na Europa resultou, provavelmente, da expansão celta e, mais tarde, do avanço das tropas romanas⁴⁸.

Na Grécia, as primeiras esporas datam de meados do século V a.C.. Esta situação é confirmada por várias fontes gregas, das quais podemos enumerar o lexicógrafo Pollux, que cita dois poetas cómicos atenienses, Ferécrates e Crates, de 430 a.C., os quais mencionam 'ferrões nos pés' e 'chicotes no calcanhar'. Também o historiador, filósofo e general grego Xenofonte faz referência a esporas no seu tratado sobre equitação, não lhe concedendo qualquer contexto de novidade, mostrando assim que estas peças já seriam comuns nas comunidades gregas⁴⁹. As esporas gregas teriam os seus terminais

⁴⁴ **QUESADA, Fernando** - El gobierno del caballo montado antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. (p. 125).

⁴⁵ **NOVICHENKOVA, Maria; KONTNY, Bartosz** – “Spurs from the sanctuary at the gurzufskoe sedlo in crimea. on the problem of hook spurs”. In **TOMAS, Agnieszka (ed.)** - *Ad Fines Imperii Romani. Studia Thaddaeo Sarnowski septuagenario ab amicis, collegis discipulisque dedicata*. (p. 313).

⁴⁶ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (pp. 44,285).

⁴⁷ **NOVICHENKOVA, Maria; KONTNY, Bartosz** – “Spurs from the sanctuary at the gurzufskoe sedlo in crimea. on the problem of hook spurs”. In **TOMAS, Agnieszka (ed.)** - *Ad Fines Imperii Romani. Studia Thaddaeo Sarnowski septuagenario ab amicis, collegis discipulisque dedicata*. (p. 313).

⁴⁸ **QUESADA, Fernando** - El gobierno del caballo montado antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. (p. 313).

⁴⁹ Idem. (p. 126).

torcidos para fora, formando um gancho, mas com o término deste mais grosso, que poderia ser estilizado como cabeças de animais⁵⁰.

Relativamente às esporas pré-romanas, estas são conhecidas através do mundo celta, mas nenhuma anterior ao século V a.C.. Como exemplares mais comuns temos esporas de bronze com corpo curto e amplo, com botões discoidais unidos ao corpo, para fixar as correias nas suas extremidades (Figura 1)⁵¹. Esta tipologia foi a mais adotada pelos romanos em fase posterior, frequentes em sítios do Alto e Baixo Império na atual Inglaterra, França e Alemanha.

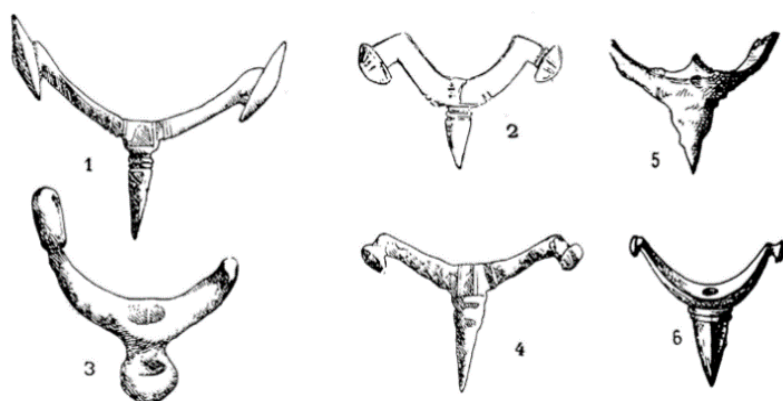


Figura 5: Esporas celtas, pré-romanas, em bronze, com botões ou rebites nas suas extremidades⁵².

Já no Império Romano, apesar da incerteza que a bibliografia da especialidade reserva à questão da sua generalização⁵³, as esporas foram utilizadas e derivavam visivelmente

⁵⁰ **NOVICHENKOVA, Maria; KONTNY, Bartosz** – “Spurs from the sanctuary at the gurzufskoe sedlo in crimea. on the problem of hook spurs”. In **TOMAS, Agnieszka (ed.)** - *Ad Fines Imperii Romani. Studia Thaddaeo Sarnowski septuagenario ab amicis, collegis discipulisque dedicata*. (p. 318).

⁵¹ **QUESADA, Fernando** - El gobierno del caballo montado antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. (p. 126).

⁵² *Idem.* (p.127).

⁵³ **SHORTT, H. de S.** - “A provincial Roman spur from Longstock, Hants., and other spurs from Roman Britain”. (p. 61); **VIGNERON, Paul** - *Le cheval dans l’antiquité gréco-romaine (Des Guerres médiques aux grandes Invasions)*. (p.84) ; **DIXON, Karen ; SOUTHERN, Pat** - *The Roman Cavalry : From the First to the Third Century AD.* (p. 59).

dos modelos primitivos de La Tène⁵⁴. Porém, as suas representações em relevos e esculturas são escassas. Esta situação poderia derivar do seu reduzido tamanho ou de estas serem pintadas em vez de talhadas⁵⁵.

Com os estudos destas peças e do seu sistema de fixação ao calcanhar do cavaleiro, Shortt⁵⁶ e Dixon e Southern⁵⁷ identificaram três grandes tipos de esporas romanas do século I⁵⁸.

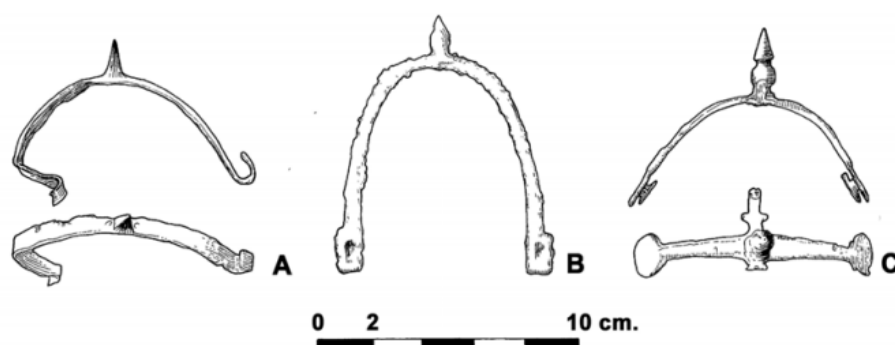


Figura 6: Tipologias principais de esporas romanas. A - De gancho. B - De aberturas. C - De rebite/botões. De Dixon y Southern (1992: Fig. 26, modificado de Shortt 1959)⁵⁹.

O primeiro, pouco comum, onde a tira/correia de couro é fixada por ganchos na extremidade do corpo curvado (Figura 6, A). No segundo, por meio de furos ou orifícios relativamente largos, de forma a ser praticável um laço (Figura 6, B); finalmente, na terceira, a tira/correia é presa à espora por meio de botões ou tachas discoidais (Figura

⁵⁴ **NOVICHENKOVA, Maria; KONTNY, Bartosz** – “Spurs from the sanctuary at the gurzufskoe sedlo in crimea. on the problem of hook spurs”. In **TOMAS, Agnieszka (ed.)** - *Ad Fines Imperii Romani. Studia Thaddaeo Sarnowski septuagenario ab amicis, collegis discipulisque dedicata*. (p. 314).

⁵⁵ **DIXON, Karen; SOUTHERN, Pat** - *The Roman Cavalry: From the First to the Third Century AD*. (p. 59).

⁵⁶ **SHORTT, H. de S.** - “A provincial Roman spur from Longstock, Hants., and other spurs from Roman Britain”.

⁵⁷ **DIXON, Karen; SOUTHERN, Pat** - *The Roman Cavalry: From the First to the Third Century AD*. (p. 58-59).

⁵⁸ **NOVICHENKOVA, Maria; KONTNY, Bartosz** – “Spurs from the sanctuary at the gurzufskoe sedlo in crimea. on the problem of hook spurs”. In **TOMAS, Agnieszka (ed.)** - *Ad Fines Imperii Romani. Studia Thaddaeo Sarnowski septuagenario ab amicis, collegis discipulisque dedicata*. (p. 314).

⁵⁹ **QUESADA, Fernando** - El gobierno del caballo montado antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. (p.126).

6, C)⁶⁰. Inicialmente, como nos exemplares de La Tène, estas tachas eram unidas ao corpo da espora. Porém, no Império Romano passam a ser rebitadas no corpo destas. Estes rebites/botões são frequentemente confundidos com orifícios laterais, situação que resulta do desencaixe do botão rebitado⁶¹. Para auxiliar a fixação ao calcanhar do cavaleiro, as esporas poderiam deter também um gancho vertical no corpo (Figura 6, C)⁶².

No final do I milénio a.C., outros povos europeus - povos germanos na Escandinávia e os povos da cultura Oksywie⁶³ e da cultura Przeworsk⁶⁴ - através de contactos com os povos Celta e Romano, começaram a utilizar as esporas⁶⁵.

Durante o século II a.C. as esporas sofreram um aumento no tamanho dos braços, assim como no pescoço do espeto. Este aumento, associado a cavaleiros inexperientes, poderia colocar em perigo o cavalo, se a espora fosse usada com excesso de força. Esta situação levou a que, no século V, de forma a resguardar o animal, o pescoço da espora se tornasse mais espesso e a ponta mais obtusa⁶⁶. Porém, este desenvolvimento não foi satisfatório, visto que o cavalo não respondia da mesma forma ao impulso dado pelo cavaleiro.

⁶⁰ **NOVICHENKOVA, Maria; KONTNY, Bartosz** – “Spurs from the sanctuary at the gurzufskoe sedlo in crimea. on the problem of hook spurs”. In **TOMAS, Agnieszka (ed.)** - *Ad Fines Imperii Romani. Studia Thaddaeo Sarnowski septuagenario ab amicis, collegis discipulisque dedicata*. (p. 314).; **QUESADA, Fernando** - El gobierno del caballo montado antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. (p.125).

⁶¹ **PEREIRA, Carlos; ARRUDA, Ana; SOUSA, Elisa** – “Os artefactos metálicos da Idade do Ferro de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. (p. 85).

⁶² **QUESADA, Fernando** - El gobierno del caballo montado antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. (p. 125).

⁶³ Cultura da região da Pomerânia, século II a.C. ao século I.

⁶⁴ Localizada na região central e sul da atual Polónia, do século II a.C. ao século V d.C.

⁶⁵ **NOVICHENKOVA, Maria; KONTNY, Bartosz** – “Spurs from the sanctuary at the gurzufskoe sedlo in crimea. on the problem of hook spurs”. In **TOMAS, Agnieszka (ed.)** - *Ad Fines Imperii Romani. Studia Thaddaeo Sarnowski septuagenario ab amicis, collegis discipulisque dedicata*. (p.314).

⁶⁶ **DEAN, Bashford** - “A Descriptive Label for Spurs”. (p. 217).

1.3.2. Esporas medievais

Durante a Antiguidade Tardia, as esporas, apresentam um aumento nos seus braços, retos, rematados por espetos curtos e retos, geralmente cônicos, retangulares, ovais ou - menos frequentemente - triangulares. Esta tipologia de esporas era comum nos cemitérios tardios merovíngios, da Europa Ocidental, datados da segunda metade do século VIII⁶⁷.

Estas esporas (*loop spurs*) possuem, normalmente, terminais retangulares de orifício (*loop*) único, muitas vezes descentrados. Estes “*loops*” eram formados dobrando a parte terminal dos braços para dentro. Desta ação resultava numa articulação que apenas pode ser vista após um exame meticoloso⁶⁸.

O padrão de decoração – duplo espessamento nos terminais – é típico principalmente para exemplos mais recentes de esporas de *loop*⁶⁹.

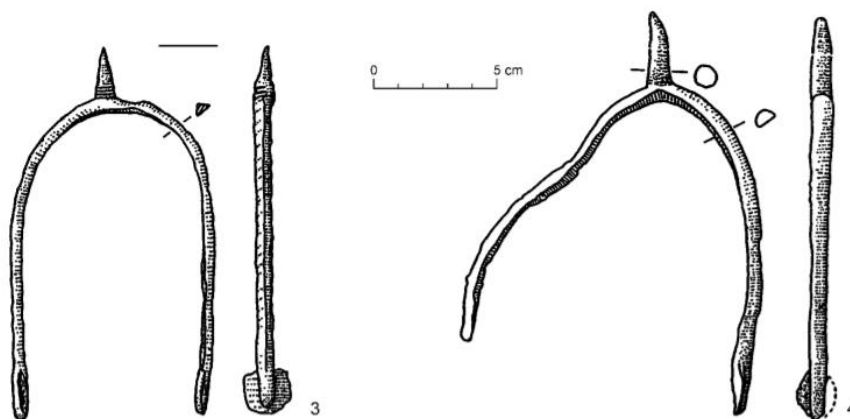


Figura 7: Exemplo de uma espora de tipo carolíngio.⁷⁰

⁶⁷ **ROBAK, Zbigniew** – “The Early Carolingian spur from Smolenice, found in 1934”. (p.152).

⁶⁸ *Idem. Ibidem.*

⁶⁹ *Idem.* (p.153).

⁷⁰ **ROBAK, Zbigniew** – “Carolingian or not? An analysis of the fitting from Haliczany in the context of other Early Medieval finds from selected areas of the Western Slavic Territories”. (p. 78).

Contudo, as esporas de “loop” não foram atraentes o suficiente para substituir as esporas com terminais em gancho, acabando por ser substituídas pelas esporas com placa e desaparecendo na primeira metade do século IX⁷¹.

Com o começo da Idade Média, as esporas de espeto, comumente designadas *prick spurs* na bibliografia anglo-saxónica, ainda apresentavam características descendentes dos seus protótipos romanos, tendo apenas deixado de lado as projeções acima e/ou a baixo do seu espeto (Figura 6, C).

As esporas de espeto detiveram um uso bastante contínuo na Europa Central, persistindo até ao século XIII e, apesar de entrarem em progressivo desuso, continuaram funcionais para além do século XV. Ao longo deste período as esporas de espeto evoluíram no sentido de proporcionar uma maior eficácia e um melhor uso por parte do seu cavaleiro.

Entre os séculos IX e X, as esporas, com aro em U e sem curvatura, apresentam um espeto que surge abruptamente de uma base truncada, de forma a não perfurar o corpo do cavalo. Já durante o século XI, as esporas apresentam um prolongamento dos espetos, mas conservam, no entanto, a sua configuração cónica ou piramidal (*long prick spur*)⁷².

Este novo formato e adaptação revela uma preocupação com os cavalos procurando impedir ou limitar um dano descomedido ao animal. Neste sentido é também observável em algumas peças uma espécie de “bola” prévia à ponta do espeto, de forma a evitar que o espeto penetre o animal de forma excessiva⁷³. Como exemplo podemos apresentar os exemplares encontrados no povoado de Colletière, em Charavines⁷⁴.

Uma das primeiras evoluções visíveis nas esporas de espeto decorre no século XII, com a adaptação da espora ao pé do cavaleiro, visível numa curvatura do perfil para uma

⁷¹ **ROBAK, Zbigniew** – “The Early Carolingian spur from Smolenice, found in 1934”. (pp. 152-153); **ROBAK, Zbigniew** – “Carolingian or not? An analysis of the fitting from Haliczany in the context of other Early Medieval finds from selected areas of the Western Slavic Territories”. (p. 74).

⁷² **BARROCA, Mário Jorge** – “A Ocupação Medieval em Castelo de Matos. Primeira abordagem”. (p. 159).

⁷³ **BLAIR, Claude** – *European Armour, Circa 1066 to Circa 1700*. (p. 185).

⁷⁴ **COLARDELLE, Renée et Michel** – “L’habitat medieval immergé de Colletière, à Charavines (Isère). Premier bilan des fouilles”. (pp. 167-219).

melhor acomodação à anatomia do pé, permitindo um uso mais comodo e eficiente. Esta curvatura é visível na iconografia peninsular a partir de 1162 (Bíblia de León) e na iconografia portuguesa a partir de 1189 (Apocalipse de Lervão, fl. 108v, 115, 144 e 198)⁷⁵.

Relativamente aos seus terminais, estes apresentavam orifícios circulares ou retangulares, geralmente um pouco descentrados, de forma a acomodar rebites, para fixar diretamente as correias. Quando a espora apresenta uma face superior e inferior evidentes, este terminal ou ranhura apresenta-se voltado para o limite superior.

Simultaneamente, no mundo muçulmano, no século XII ou XIII surgiu um tipo especial de espora, designada **acicate**. Os acicates, que são formalmente esporas de espeto, caracterizam-se pelo seu espeto cónico alongado que apresenta um disco – maioritariamente de grandes dimensões – a delimitar o fim da área de penetração, e pela presença de um passador vertical na zona do calcanhar, por onde passariam as correias de couro.

Segundo José Pedro Machado, a palavra *acicate*, derivada do árabe “*ax-xukat*”, tem como significado dardo, espinho, ferrão de animal⁷⁶. Por seu turno, Adalberto Alves regista *acicate* como derivado do árabe “*ax-xawkhât*”, «as esporas [de uma só ponta]»⁷⁷. Desta palavra deriva o verbo *acicatar*, ainda hoje utilizado no sentido de “estimular, espreitar, incentivar”, cujo significado espelha a função dos acicates muçulmanos.

A partir dos meados do século XIII, no mundo cristão, surge uma mudança ainda mais significativa: no lugar do espeto começam a aparecer as roldanas, dando origem ao tipo que, na bibliografia anglo-saxónica, se designa por *rowel-spur* – esporas de roldana.

⁷⁵ BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 55,61).

⁷⁶ MACHADO, José Pedro – *Vocabulário Português de Origem Árabe*. (p. 27) – citado por BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 299).

⁷⁷ ALVES, Adalberto – *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. (p. 78).

Figuram, a partir da segunda metade do século XIII em diversos países da Europa, e, apesar de não ser possível afirmar a sua origem, estas são representadas iconograficamente no início do século XIII na Alemanha, França, Inglaterra e Itália⁷⁸. Coexistindo com o uso das esporas de espeto, só posteriormente, a partir do século XIV estas se revelam como tendência na Península Ibérica⁷⁹. No entanto, é importante referir que, apesar do aparecimento de um tipo mais evoluído, a espora de espeto conservou-se em uso até uma época tardia, afirmando-se no contexto Europeu e Peninsular.

Apesar de manterem a forma geral das esporas de espeto, as esporas de roldana possuem um mecanismo que remata a haste – a roldana - elemento dotado de puas, que podem apresentar diversas dimensões. Uma roldana é um mecanismo em forma de disco, giratório, com dentes – puas - no lugar do espeto. As roldanas eram mantidas no lugar por barras, geralmente de ferro, que passavam por duas projeções perfuradas na haste da espora.

O aparecimento da roldana tinha como objetivo reduzir o sofrimento do animal e, segundo Álvaro Soler del Campo, o aparecimento deste tipo de esporas encontra-se também relacionado com o uso de malhas defensivas nos equídeos, as chamadas *lorigas de cavalo*⁸⁰. Este novo tipo de mecanismo poderia ter o efeito contrário ao desejado, caso as puas se apresentassem muito longas. D. Duarte regista esta situação, em que *“as de roda segundo nosso costume avydas por mais fremonas e seguras pera as bestas, por as tanto nom ferirem, ainda que com ellas, se tõe as puas longas, mais se aqueixem”*⁸¹.

No que diz respeito ao número de puas, as esporas inicialmente apresentam um número reduzido (quatro) de grandes dimensões. Num momento mais tardio o seu tamanho

⁷⁸ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 299).

⁷⁹ **GHENESCU, Ovidiu** – “Medieval Rowel Spurs in the collection of the “Ioan Raica” Municipal Museum of Sebes”. (p.245).

⁸⁰ **SOLER DEL CAMPO, Álvaro** – *La Evolución del Armamento Medieval en el Reino Castellano-Leonés y Al-Andalus (Siglos XII-XIV)*. (p. 189).

⁸¹ **DUARTE, D.** – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*. (pp.131-132).

tende a reduzir-se, ao mesmo tempo que o seu número aumenta⁸². Esta evolução remete-nos novamente para a questão de ferir o cavalo aquando do seu uso. Uma roldana com poucas puas, mas de grandes dimensões, magoava mais o animal do que uma roldana com muitas puas de pequenas dimensões.

Relativamente aos seus terminais, nos finais do século XIII, estes apresentavam-se idênticos aos das esporas de espeto. No entanto, no século XIV, as placas circulares das extremidades são substituídas por placas retangulares dotadas de dois furos⁸³. As correias de fixação, que anteriormente eram presas aos terminais por rebites, entraram em desuso, passando assim as correias a serem fixas aos terminais da espora por um gancho ou placa em forma de laço, que era conexas em um único terminal circular na parte externa do pé. As correias passavam sob o peito do pé e subiam por um terminal retangular na lateral do pé. Por fim, eram unidas no topo do pé por uma fivela presa por um gancho no terminal circular, como exemplificado na figura 8.

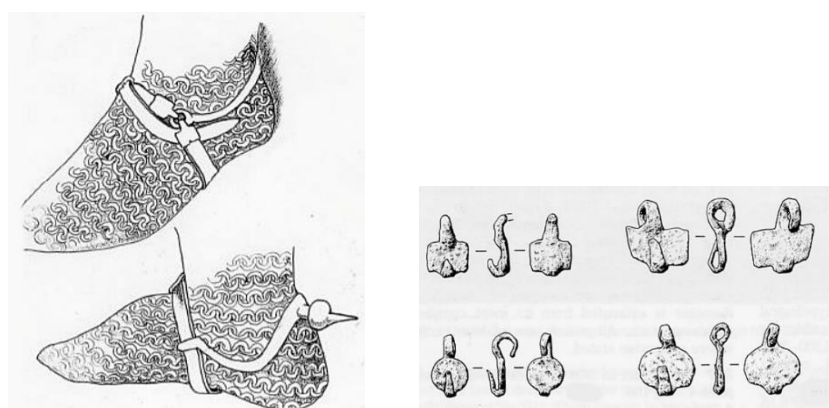


Figura 8: À esquerda, fixação das esporas no pé do cavaleiro nos finais do século XIII, inícios do século XIV⁸⁴; à direita, exemplos de apliques de metal⁸⁵.

⁸² **BARROCA, Mário Jorge; DUARTE, Luís Miguel; MONTEIRO, João Gouveia; MATTOSO, José (coord.)** – *Nova História Militar de Portugal*. (p.135).

⁸³ **GHENESCU, Ovidiu** – “Medieval Rowel Spurs in the collection of the “Ioan Raica” Municipal Museum of Sebes”. (p. 247).

⁸⁴ **BLANCHE, Ellis** - *Prick Spurs 700-1700, The Finds Research Group AD*. (p.6).

⁸⁵ **CLARK, John (ed.)** – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 148).

Os apliques de metal foram usados desde o final do século XII até o período pós-medieval, e, sem contexto arqueológico, torna-se muito difícil determinar a sua cronologia⁸⁶. Estes podem ser placas retangulares ou circulares e ter um gancho na parte superior e inferior, formando uma forma de “S” em vista lateral. Podem também possuir decoração, que inclui esmaltagem, punção, douramento e gravura.

A partir de meados do século XIV, as roldanas de grande tamanho e de pescoço longo singram como tendência⁸⁷, assim como as esporas de pescoço longo com um talão bastante elevado, intituladas respetivamente *long-necked spurs* e *cup-heeled spurs* na bibliografia anglo-saxónica.

Esta evolução – aumento da haste e das roldanas - corporizada durante o século XIV é devida ao uso, vigente nesta época, do arnês. O uso desta proteção de corpo completa, composta por grandes placas de metal, é, segundo Álvaro Soler del Campo⁸⁸ e Mário Barroca⁸⁹, o motivo que levou a um prolongamento das hastes das esporas de roldana, visto que o uso dos arneses de pernas impossibilitava uma maior mobilidade dos cavaleiros no comando do cavalo. Para melhorar a fixação da espora ao pé do cavaleiro foi também adicionado o talão - na zona da espora correspondente ao calcanhar do cavaleiro.

Relativamente ao sistema de fixação, em meados do século XIV as esporas tendem a possuir duas tiras separadas, uma que passa acima e outra abaixo do pé, presas por ganchos a terminais duplos, em forma de “oito”; novamente, as fivelas podem ser enganchadas nos terminais ou fixadas em uma tira separada.

Para além do seu aspeto funcional, na época medieval as esporas possuíam ainda um caráter social e estético. Para os estratos privilegiados da sociedade medieval – aqueles que combatiam a cavalo – a espora tornou-se num símbolo de diferenciação social. Elas

⁸⁶ **CLARK, John (ed.)** – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 149).

⁸⁷ *Idem.* (p. 129).

⁸⁸ **SOLER DEL CAMPO, Álvaro** – *La Evolución del Armamento Medieval en el Reino Castellano-Leonés y Al-Andalus (Siglos XII-XIV)*. (p. 189).

⁸⁹ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 64-74).

adquiriram, por isso, uma grande importância, até semiótica. E, por isso, surgem representadas nas estátuas jacentes de nobres, enquanto *signum* definidor do posicionamento social do defunto.

As esporas faziam também parte da cerimónia de investidura de um cavaleiro, sendo colocadas nos calcanhares destes, simbolizando a rapidez com que este deveria cumprir os mandamentos de Deus⁹⁰. As esporas douradas eram assim consideradas como prerrogativas dos cavaleiros⁹¹.

Para as mulheres, devido à sua indumentária – saias longas – as esporas tinham unicamente um aspeto funcional quando necessárias⁹².

⁹⁰ **MICHALAK, Arkadiusz** – “Finding perfect equestrian equipment. Some thoughts about medieval and modern hybrids of stirrups and spurs from Central Europe”. (p. 67).

⁹¹ **CLARK, John (ed.)** – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 125); **MICHALAK, Arkadiusz** – “Finding perfect equestrian equipment. Some thoughts about medieval and modern hybrids of stirrups and spurs from Central Europe”. (p.67).

⁹² *Idem.* (p. 124); *Idem.* (p. 69).

2. Esporas Medievais no Território Português

2.1. Referências Documentais e Cronísticas

De forma a poder agregar o máximo de informação possível sobre as esporas medievais portuguesas, foi realizada uma pesquisa e leitura da maioria dos documentos medievais portugueses, levando assim a concluir que as alusões referentes às esporas são pontuais e demasiado lacónicas, fornecendo escassas informações. No entanto, revelam-se importantes como testemunho.

Nas *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer*⁹³, as esporas são referidas apenas duas vezes. Na cantiga nº 57 (CBN.1470; CV. 1080):

“(...) e sobarcad’ un velh’ espadarron,
cuitel cachado, cinta sen farcilhon,
duas **esporas** destrás, ca seestras non son
maça de fuste, que lhi pende do arçon (...).”⁹⁴

E na cantiga nº 144 (CBN. 1556 = CB. 429):

“Contar-vos-ei costumes e feiturás
dun cavalo que traj’ un infançon:
á pees moles e as sedas duras
e tem’o freo e **esporas** non;
é velh’ e sesgo nas aguilhaduras;
e non encaçaria un leiton,
e encaçaria mil ferraduras.”

⁹³ *Cantigas d'Escarnho e de Maldizer dos Cancioneiros Medievais Galego-portugueses.*

⁹⁴ Esta Cantiga encontra-se também na obra *Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores e Jograis Galego-Portugueses*, com o número 75.

No que diz respeito à cronística, registemos que na *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*⁹⁵, no texto dedicado ao rei D. Afonso IV, quando se refere o início de um torneio, é feita menção ao uso das esporas para impelir o cavalo a aumentar o seu ritmo – “E Gomçalo Ribejro, pelo alcançar, daua d **esporas** ao cavallo, e com hos peytos dele derjbaua quamtosquer que açertaua de topar.” (Cap. XVI, fl. 151).

Na *Cronica Del Rel Dom Joham I de boa memoria e dos reis de Portugal o decimo*, Parte Primeira, capítulo CII, refere-se: “E avemdo gram prazer com elle, deçeosse do cavallo, e ajudouho a momtar em elle, ca elle nom podia por rrazom da adova que tinha; e poslhe hũa **espora** e deulhe a lamça; e cobrou Gomez Louremço o cavallo do Comendador de Callatrava, que era o mais aflamado que hi viinha, e foromsse pera homde estavom os outros.”⁹⁶.

Na mesma *Cronica Del Rel Dom Joham I de boa memoria ...*, mas na Parte Segunda, capítulo XLV, encontramos nova referência: “E falando em esto, chegou o page del-Rey com o caualllo, e tragya huum escudeiro castellaão preso em çima dhuma mulla, as **esporas** no braço e o lourell vestidobaas ueessas por nom seer conhecido e lho matarem”, fazendo referência à má colocação das esporas, que se deveriam encontrar nos pés do escudeiro e não no braço⁹⁷.

Passando, agora, para a documentação de produção régia, devemos assinalar que na Lei da Almotaçaria⁹⁸, de 1253, apenas são mencionadas as esporas de espeto. No entanto, são apresentados diversos preços e acabamentos para estas: “Et spore stagnate valeant duos solidos et médium. Et spore deaurate valeant duodecim solidos. Et spore argentate valeant septem solidos”⁹⁹.

⁹⁵ *Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal*. (p. 193).

⁹⁶ **LOPES, Fernão** – *Crónica del-Rey Dom João I o da Boa Memória e dos Reis de Portugal, o décimo: primeira parte*. (p. 175).

⁹⁷ *Idem*. (p.107).

⁹⁸ **PINHEIRO, Aristides; RITA, Abílio (trad.)** - *Lei de almotaçaria, 26 de Dezembro de 1253*.

⁹⁹ **VIANA, Mário** – “A lei de almotaçaria e a política económica de Afonso III”. In **GREGÓRIO, Rute** - *Abordagens à história rural continental e insular portuguesa, séculos XIII-XVIII*. (pp. 45-71).

A origem da ‘Lei da Almotaçaria’ remonta ao reinado de D. Afonso III (1248-1279), mais concretamente ao ano de 1253. Devido a um mercado pouco justo, onde os bens e produtos eram vendidos a um preço indevido, superior ao habitualmente praticado; e receando a desvalorização da moeda, a Lei de 26 de dezembro passou a regular e tabelar os preços e salários, numa suposta conjuntura de carência,

Nas *Cortes Portuguesas, Reinado de D. Afonso IV*, em específico nas leis aprovadas pelas cortes de Santarém de 1340, nos [Art. 17.^o] “*E nom tragam Selaas lauradas. nem ffreos dourados. nem calças de scallata, nem Çapatos dourados. nem esporas douradas*” e [Art. 19.^o] “*nem ffreo dourado nem calças de scallata. nem esporas. nem çapatos dourados*”¹⁰⁰. Em ambos artigos é referida a proibição de uso aos súbditos de sua majestade, de vários elementos de vestuário com ouro e prata, incluído as esporas, que devido à sua importância possuíam detalhes a ouro e prata.

Na Chancelaria de D. João I, doc. [IV - 420], refere-se a doação de um par de esporas de prata dourada e um par de esporas de ferro com correias douradas, decoração esta que elevava as esporas como um elemento de significância social: “*e de huũ par d esporas de prata dourada com texilhos brancos guarndos e hũas sporas de ferro com correas douradas e de hũa cinta d osos de marfim com pregos de prata dourados e de hũa spada* ...”¹⁰¹.

Na Chancelaria de D. Duarte, doc. [41], menciona-se um trelado de equitação, referindo a existência de doze pares de esporas douradas “*Item d esporas douradas doze parãs.*”¹⁰².

Para concluir, é importante referir o *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela*, obra de D. Duarte, onde se consagram dois capítulos às esporas, suas tipologias e melhor forma de uso¹⁰³. Sendo este o testemunho mais importante para as esporas no Portugal medieval, achou-se necessária uma análise mais atenta.

circunscrita nessa altura à província de Entre Douro e Minho, apesar de se encontrarem interpoladas disposições aplicáveis à totalidade do território.

¹⁰⁰ *Cortes portuguesas: reinado de D. Afonso IV (1325-1357)*. (pp.108-109).

¹⁰¹ *Chancelarias Portuguesas: D. João I*. (p.15).

¹⁰² *Chancelarias Portuguesas: D. Duarte*. (p. 68).

¹⁰³ DUARTE, D. – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*. (pp. 127-134).

2.1.1. O “Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela”

O Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda Sela, escrito por D. Duarte, intenta o ensino da arte de cavalgar onde é compilada uma série de comportamentos que visam a reintegração de exercícios físicos e ensinamentos técnicos, mostrando *como se deve fazer*.

Os seus conselhos e “avisamentos” são creditados pelo saber experimental e pela própria prática pessoal. Estes ensinamentos técnicos são também associados a reflexões de cariz político-social, cultural e religioso, que, além de aprofundarem um projeto de atividade física, também o fazem a nível moral, psíquico e intelectual do nobre¹⁰⁴.

A obra encontra-se dividida em três partes – a vontade, o poder e o saber – antecedidas de um prólogo¹⁰⁵. Surge na linha de expansão e de fortalecimento do registo prosaístico¹⁰⁶ e encontra-se filiada a uma literatura técnica que remonta a obras clássicas sobre caça e montaria¹⁰⁷, de entre as quais destaquemos *Cinegetikós* e o *Hippiké* escritos por Xenofonte¹⁰⁸ entre os séculos V e IV a.C. Do período medieval podemos referir o *Livro da Caça* de Gaston de Phébus¹⁰⁹, conde de Foix e visconde de Bearne, e dedicado ao duque de Borgonha, Felipe II, o Audaz.

D. Duarte assume de forma consistente uma posição de educador, com a responsabilidade de instruir do ponto de vista técnico os jovens cavaleiros e escudeiros da sua corte, reforçando a ideia de que montar a cavalo é uma prática que exige grande investimento físico e psíquico¹¹⁰.

¹⁰⁴ DIAS, Isabel - *A arte de ser bom cavaleiro*. (p. 51); MAUÉS, Fernando - As ensinanças do livro do cavalgar. (pp. 92-93,119).

¹⁰⁵ *Idem. Ibidem*; MAUÉS, Fernando - As ensinanças do livro do cavalgar. (p. 3).

¹⁰⁶ DIAS, Isabel - *A arte de ser bom cavaleiro*. (p.12).

¹⁰⁷ MAUÉS, Fernando - As ensinanças do livro do cavalgar. (p. 3).

¹⁰⁸ XENOFONTE - *L'art de la chasse*. Paris : Belles Lettres, 1970 ; XENOFONTE - *De l'art équestre*. Paris : Belles Lettres, 1978.

¹⁰⁹ GASTON, Phébus - “*Livre de la Chasse*”.

¹¹⁰ DIAS, Isabel - *A arte de ser bom cavaleiro*. (pp. 12-13, 51-52).

As três partes da obra acima mencionadas exibem dimensões muito desiguais, e encontram-se divididas em diversas secções. Dos sessenta e seis capítulos, trinta são ensinamentos técnicos, dirigidos ao comportamento físico do cavaleiro e do equipamento do cavalo (selas, freios, esporas e correias).

As partes I e II assumem um papel importante, indicando as razões pelas quais a arte de cavalgar ocupa um lugar central na sociedade nobre, assomando um elogio aos bons cavalgadores, relacionado com valores guerreiros – “honrra”, “proveito” e o “bo prazer”¹¹¹. A arte de cavalgar é vista, assim, como um privilégio, uma marca distintiva de estatuto social.

A terceira parte encontra-se inacabada, contendo apenas sete das dezasseis subpartes projetadas por D. Duarte. A parte mais significativa para o estudo das esporas medievais é a sexta subparte: *“Da ensynança do bem feryr das sporas, e quejandas devem seer; e como com paaou vara algũas vezes as bestas se devem governar”*. Esta encontra-se dividida em dois capítulos: *“Da maneira do ferir das sporas”* e *“Da feiçom das sporas, e como com vara ou paaou as bestas algũas vezes se governam”*, que passamos a analisar em seguida.

“Da maneira do ferir das sporas”

Com o primeiro capítulo, D. Duarte descreve alguns ensinamentos para o uso adequado e atempado das esporas. Este refere que o seu uso pode padecer tanto por excesso como por retraimento: *“No feryr das sporas fallecem per sobegidoõe e mynguamento, nom guardando tempos ou maneira razoada.”*¹¹². Refere igualmente que diferentes situações requerem um uso apropriado das esporas e passa a enumerar cinco situações.

Inicialmente faz menção ao seu uso nas justas, explicando que, por vezes, os cavaleiros tendem a usar apressadamente as esporas no início do percurso da justa. Porém, aquando da chegada ao obstáculo não as usam de todo. O cavalo, com o receio de ser

¹¹¹ DIAS, Isabel - *A arte de ser bom cavaleiro*. (p.60).

¹¹² DUARTE, D. – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*. (p.128).

magoado novamente, quando pressente o seu uso antepara ou desvia-se. Assim, D. Duarte refere que seria adequando fazer o contrário, sendo as esporas utilizadas com força adequada um pouco antes dos obstáculos de forma a que o cavalo conclua o percurso sem receio:

“Primeyro, quando algũus justam, logo quando abalam ferem o cavallo das sporas, e assy lhe dam per toda carreira, se geito tem dandar ryjo, ou el bem nom anda; e quando chegam ante dos encontros, per hũu spaço cessom de o feryr. E por el sentir receo da viĩnda do outro, quando he acerca, e das sporas o nom ferirem, antepara ou se desvya. E desto se fara o contrairo se, como entrar em seu hyr, nom lhe derem com ellas, e ante que aos encontros cheguem, ryjo em maneira razoada segundo a besta demandar os feryrem; e per esta guisa, se de ssua vontade já nom recear, dereitamente fara sua carreira.”¹¹³

Em segundo lugar faz alusão ao arremesso de flechas ou de qualquer outro elemento de impulso, onde a situação se apresenta semelhante à anterior. É indicado então um uso comedido das esporas no princípio do percurso que depois, antes do lançamento, deverá ser mais forte:

“Segundo he do jugar das canas e remessar qual quer cousa; por que na maneira semelhante algũus aa primeira ferem sobejo suas bestas, e ao lançar fazem tal mostrança de sse correger, cessando de as feryr, que logo as fazem anteparar. E aquestes assy convem pouco no começo ferrillas, e ante quedo lance, ryjo lhe dar com ellas, e lan/çar logo de ssospeita sem deteer.”¹¹⁴.

Em terceiro, D. Duarte menciona os cavaleiros que usam a lança colocada sobre o braço, recomendando que, aquando da aproximação, as esporas sejam usadas rijamente:

“Terceiro, dos que a monte andam, que costumam feryr com lança so o braço. E quando son acerca, tendo teençom de chegar, as sporas lhes nom lembram se de

¹¹³ DUARTE, D. – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*. (p.129).

¹¹⁴ *Idem. Ibidem.*

tal manha teẽ pouca husança. E porem he necessaryo serem lembrados de lhas mais ryjamente que ante, por tal que sem receo faça chegar seu cavallo.”¹¹⁵.

Em quarto lugar, é referido o uso das esporas aquando do salto do cavalo (em que as quatro patas fiquem no ar). Estas devem ser usadas um pouco antes do obstáculo, de forma vigorosa, mantendo-se o cavaleiro firme na sua montada:

“Quarto he em saltar saltos feitos, que tal maneira quer: quando veher ao salto, leixallo viĩr a sseu prazer, e hũu pouco ante que chegue, darlhe com ellas ryjamente, e teersse na sella sem novo apertamento, por tal que nom recee ou antepare.”¹¹⁶.

Para finalizar, em quinto lugar, D. Duarte alude à passagem do cavalo por entre pessoas, referindo que o uso das esporas é apenas necessário quando a proximidade à maior:

“Quynto he pera passar per antre gente quando veher; por que as bestas o fazem de boa voontade, leixallas viĩr sem as feryr com ellas, e ante que chegue, de novo ryjo lhe dar, e assy passará mylhor que per outra guysa.”¹¹⁷.

Neste capítulo, além de um ensinamento técnico do uso das esporas, D. Duarte apresenta também uma reflexão crítica, referindo ainda o conhecimento sobre o uso das esporas por outras nações. Contudo, D. Duarte não se afasta do seu desejo de ensinar aos seus súbditos os costumes nacionais, que pensa ser os mais adequados

“Esto escrevo segundo meu custume geralmente fallando, por que sey que algũs mouros, por muy curto cavalgarem, trazem o calcanhar alto e ferem do pee atravessado, e ameude mais que nos; e os Irlandeses, por nom trazerem strebeiras, nom guardam nosso costume no feryr das sporas. E assy cada naçom tem seu geito, do qual nom me embargo, por que eu screvo principalmente pera enssynar meus subdictos, antre as quaaes esta que declaro me parece mais aprovada maneira.”¹¹⁸

¹¹⁵ *Idem.* (p.129-130).

¹¹⁶ **DUARTE, D.** – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela.* (p.130).

¹¹⁷ *Idem, ibidem.*

¹¹⁸ *Idem.* (p.131).

Da feiçom das sporas, e como com vara ou paaõ as bestas algũas vezes se governam

Com o segundo capítulo da sexta subparte, *“Da feiçom das sporas, e como com vara ou paaõ as bestas algũas vezes se governam”*, D. Duarte apresenta a variedade de esporas que existiam no seu tempo, descrevendo tipologias e morfologias, assim como e quando cada uma delas deveria ser usada.

Começa por expor as esporas de espeto (*“cano”*) e de roldana (*“rroda”*), mostrando a diversidade na sua morfologia, umas apresentando o espeto/roldana inclinado para baixo e outras para cima. Seguidamente assume que as esporas de espeto são boas para todas as situações e tipos de cavalo. Contudo, as esporas de roldana encontravam-se mais na moda e mostravam-se menos prejudiciais para os animais. Todavia, D. Duarte ressalva que o tamanho das puas poderia magoar mais os animais caso elas fossem de grande dimensão:

“Na feiçom das sporas há muytas diferenças: Ja vy costumar trazêllas dereitas de razoado compasso, e curtas, tortas pera fundo, depois compridas e algũas tortas pera riba. E dellas de rroda, e outras de cano. E todo esto me pareceo que era trazido per tenções desvayradas ; por que as dereitas de razoada longura, pera sellas que chamam franceses, sonm geralmente boas pera todas bestas e tempo ; de cano, proveitosas, e as e roda segundo nosso custume avydas por mais fremosas e seguras pera as bestas, por as tanto nom ferirem, ainda que com ellas, se tõe as puas longas, mais se aqueixam.”¹¹⁹

D. Duarte apresenta ainda informação referente ao tipo de espora a ser utilizado consoante o animal: sendo um cavalo *“fazedor”*, as esporas deviam apresentar uma inclinação para baixo, de forma a não ferir o animal: *“As voltas pera fundo som boas pera cavallos fazedores, por que se podem as pernas mylhor çarrar, e o cavallo non se fere tanto”¹²⁰*. Para os animais mais pequenos, aconselhava as esporas inclinadas para cima: *“As tortas para riba, pera dar mais sem trabalho aas bestas pequenas que as,*

¹¹⁹ DUARTE, D. – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*. (p.131-132).

¹²⁰ *Idem*. (p.132).

*muyto demandem.*¹²¹. Faz ainda referência às esporas com hastes longas, as mais adequadas para o uso do arnês de pernas, de forma a facilitar o seu uso: *“As longas trazem, pera os arneses de pernas, algũus que com outros bem nom podem ou sabem feryr.”*¹²².

D. Duarte reafirma a necessidade de adequar o tipo de esporas ao tipo de cavalo utilizado e ressaltava que, no caso de o cavaleiro possuir apenas um par de esporas, que estas fossem longas e direitas, com pequenas puas, pois eram as que se melhor adequavam a todos os cavalos. Alude, também, que o seu uso deverá ser consoante a tradição e aponta o seu descontentamento com as mudanças que apresentam apenas fins estéticos.

D. Duarte apresenta um exemplo ridicularizador onde os indivíduos que caçam, ao descenderem para correrem a pé caem devido ao facto de usarem esporas demasiado longas:

*“Mas onde se deve consiirar arrendamento de mal, e boo saber da proveitosa manha, assy guardem o custume que nom façom cousa empecível e perigosa, como agora vejo, por husarem sporas longas mais de razom; cavallos boos com ellas nom podem bem cavalgar, e a caça, quando se decem trigosamente por correr de pee, romperensse e cayrem de tal guisa que he grande scarnho de veer a quem desto tem boo conhecymto.”*¹²³.

Para a conclusão do capítulo, D. Duarte apresenta conselhos e exemplos sobre o uso de paus e varas quando o animal se encontra descontrolado. Nesta parte final é de ressaltar, relativamente às esporas, a referência ao seu uso em simultâneo com as varas, um comportamento generalizado e assim aceite, que, porém, D. Duarte não recomendava.

¹²¹ DUARTE, D. – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*. (p.132).

¹²² *Idem, ibidem*.

¹²³ *Idem, ibidem*.

Este apresentava como comportamento alternativo o simples uso das esporas, que permite manter uma maior imobilidade do corpo:

“Eu pore[m] nom muyto louvary[a] tal custume, se tam husado nom fosse ; por que a mym parece razom, se hũu navyo se torva de seu andar porse moverem em el, e pera mais synglar todos assessegam, que pera mylhor correr a besta o assessego fara grande vantagem, das sporas sollamente bem [a] feryndi.”¹²⁴.

¹²⁴ DUARTE, D. – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*. (p.133).

2.2. Metodologia

Relativamente à metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho, num primeiro instante procedeu-se à recolha dos dados bibliográficos disponíveis. Efetuou-se, assim, uma pesquisa bibliográfica alargada, através da consulta das bases de dados de distintas bibliotecas públicas e de pesquisas em suporte eletrónico. Neste momento tornou-se evidente uma das primeiras limitações que enfrentamos, visto a bibliografia específica existente sobre estes materiais ser relativamente escassa.

No que diz respeito à pesquisa dos materiais, além da pesquisa bibliográfica, foi efetuada a pesquisa na base de dados *MatrizNet*, que nos possibilitou a identificação de vários materiais.

Após a compilação de toda a informação, realizou-se o contacto e a visita presencial às instituições que albergam esporas medievais, nomeadamente museus, casas da cultura, gabinetes de Arqueologia e centros interpretativos. Nem sempre, porém, se revelou possível encontrar todas as peças sobre as quais se havia encontrado referências bibliográficas. Em contrapartida, em alguns casos a observação de materiais depositados em reservas permitiu-nos identificar novas peças, inéditas, acerca das quais não possuíamos qualquer indicação e que foram incluídas no presente trabalho.

Os materiais estudados apresentam um carácter disperso e a maior parte deles encontra-se destituído de qualquer informação sobre o seu contexto de proveniência, limitando o significado arqueológico passível de ser retirado de objetos detetados *in situ*.

Nesta sequência, o estudo dos materiais apresentados foi feito numa dupla perspetiva, estilística e tipológica, base para a dedução de cronologias relativas. De forma a veicular propostas de trabalho, procurámos paralelos no conjunto da bibliografia disponível, o que implicou o natural extravasamento dos limites geográficos da Península Ibérica. A nossa atenção centrou-se essencialmente em materiais oriundos de Itália, Espanha, Reino Unido e de alguns países de Leste - Ucrânia, Roménia.

Sempre que possível, foi realizado por nós o registo fotográfico e gráfico das esporas, com utilização de escala (10 cm). No que diz respeito ao registo fotográfico é necessário acautelar que este ficou dependente das condições apresentadas pelas instituições em que as peças de encontravam, sendo realizado na maioria num ambiente não controlado, sem acesso a instrumentos especializados.

Ressalva-se, também, que algumas peças não foram observadas presencialmente, sendo estudadas a partir de imagens e informações presentes na *MatrizNet*, bibliografia e/ou informações fornecidas pelas instituições que as detêm. Esta situação ocorreu por diversas razões: dificuldade de deslocação por parte da estudante; indisponibilidade no acesso aos exemplares por parte das entidades (como o caso do Museu de Évora, devido ao mau estado de conservação dos seus exemplares); incapacidade de determinar a localização atual dos materiais; impossibilidade de observar na totalidade a peça (como o exemplar de Almourol, onde esta se encontrava exposta no Centro de Interpretação Templário de Almourol, sendo observada presencialmente através da vitrine).

Passo a enumerar os materiais que não foram estudados presencialmente:

- **Alenquer** – ER 1 / MHCA, 2201; ER 2 / MHCA, 5295;
- **Almourol** – ER 3, CITA, S/Refª;
- **Baião** – EE1 / MAB, 372-98;
- **Barcelos** – EE2 / MAB, S/Refª.; ER4 / MAB, S/Refª.; EE3 / VF99/30/23/16; EE4 / VF99/30/23/17, A20 e A21; EE5 / VF99/30/23/18 e 21; EE6 / VF99/30/23/19;
- **Castelo Branco** – A1 / MFTPJ, 41.6; A2 / MFTPJ, 41.7; A3 / MFTPJ, 41.8;
- **Évora** – ER 5 / ME, 557; EE 20 / ME, 734/1 e 734/2; ER 6 / ME, 738; A 4 / ME, 739; ER 7 / ME 740; ER 8 / ME, 750; ER 9 / ME, 843; ER 10 / ME, 939; ER 10 / ME, 946; A 5 / ME, 951/1 e 951/2; EE 21 / ME, 956/1 e 956/2; EE 22 / ME, 10854; EE 23 / ME, 10855/1 e 10855/2; EE 24 / ME, 10856; EE 25 / ME, 10857; EE 26 / ME, 10858; EE 27 / ME, 10859; EE 28 / ME, 10860; EE 29 / ME, 10862/1 e 10862/2; EE 30 / ME, 10863/1 e 10863/2;

- **Lagos** – A 6 / ML, 2254;
- **Santarém** – ER 13 / MMS, 003799; A 10 / MMS, 765; EE 38 / MMS, 629.

Posteriormente, para cada exemplar foi criado um sistema de referência alfanumérico em que as primeiras letras definem a tipologia a que pertencem: esporas de espeto (EE), esporas de roldana (ER) e acicates (A). Segue-se o acrónimo da instituição a que se referem, apresentado inicialmente na Lista de Abreviaturas e Siglas. Em cada uma dessas categorias, o número sequencial atribuído às diferentes peças enceta sempre a partir do número 1, sendo que a organização dos objetos obedece, em primeiro lugar, ao topónimo, seguindo a ordem alfabética. Cada objeto surge associado ao(s) número(s) de inventário conferido(s) pelo local de depósito. Nos casos em que os materiais ainda não possuíam número de inventário, registamos “s/inv.”.

Para cada tipologia (EE, ER, A) foi criada uma ficha de inventário específica onde se expõe uma descrição macroscópica e individual de cada um dos elementos metálicos estudados. Primeiramente é referida a sua proveniência, com a indicação geográfica (freguesia, concelho, distrito), seguido do seu paradeiro (sempre que foi possível determinar) e o número de inventário atribuído pela instituição que detém a peça. Seguidamente são apresentadas as dimensões obtidas mediante utilização de craveira digital (em cm), o peso (em g) e o material destas (quando é possível determinar).

De seguida é apresentada uma descrição do elemento metálico, assim como propostas de enquadramento cronológico e um levantamento da bibliografia onde é feita referência à espora. Aquando da visita presencial às instituições foi solicitado, para cada peça estudada, a consulta da sua ficha de inventário e bibliografia, de forma a obter o máximo de informação e possivelmente atribuir um melhor contexto às peças. Para finalizar é apresentado o registo fotográfico e gráfico da peça.

2.3. Inventário das Esporas Medievais Portuguesas

Foram contabilizadas e inventariadas 70 esporas, provenientes de 10 instituições diferentes, abrangendo a totalidade do território português. Entende-se por peças estudadas aquelas correspondentes a exemplares completos ou parcialmente completos e fragmentos significativos com decoração.

A cada espora foi atribuído um número de inventário, assim como a cada par de esporas.

Tabela 1: Conjunto de esporas estudadas.

Topónimo	Espora de Espeto (EE)	Espora de Roldana (ER)	Acicate (A)	Total
Alenquer	—	2	—	2
Almourol	—	1	—	1
Baião	1	—	—	1
Barcelos	6 (1 par)	1	—	7
Castelo Branco	—	—	3	3
Conímbriga	13	—	—	13
Évora	16 (5 pares)	7	3 (1 par)	26
Lagos	—	—	1	1
Lisboa	—	1	1	2
Santarém	9 (1 par)	2	3	14
Total	45	14	11	70

Uma primeira observação do conjunto das esporas, mais ou menos completas, que incluímos no Catálogo em anexo, permite-nos, desde logo, constatar a diferença

numérica entre as esporas de espeto e as restantes tipologias. Estas predominam, com a presença de 45 exemplares. Seguem-se as esporas de roldana, com 14 exemplares e os acicates, com 11 exemplares.

2.3.1. Esporas de Espeto

Como referimos anteriormente, as esporas de espeto são o tipo de espora mais comum em Portugal, encontrando-se em uso exclusivo desde o século V até ao século XIII, continuando ainda funcionais para além do século XV.

A nossa amostra de 45 exemplares é proveniente de Baião (1 exemplar), Barcelos (6 exemplares) (um procedente do Castelo de Faria, os restantes do Convento de Vilar de Frades), Conímbriga (13 exemplares), Évora (16 exemplares) e Santarém (9 exemplares) (procedentes de vários conventos).

Tabela 2: Esporas de espeto e proposta de cronologia.

Topónimo	Nº Inventário	Cronologia
Baião	EE1 / MAB, 372-98	Segunda metade do Século XI
Barcelos	EE2 / MAB, S/Refª.	Séculos XII-XIII
	EE3 / VF99/30/23/16	Século XIII
	EE4 / VF99/30/23/17, A20 e A21 (Par)	Século XV
	EE5 / VF99/30/23/18 e 21	Século XV
	EE6 / VF99/30/23/19	Século XIII
Conímbriga	EE7 / MMC, A 4092	Século VII
	EE8 / MMC, 65.124	Século XI – XII
	EE9 / MMC, 67.578	Século XI – XII
	EE10 / MMC, 65.156	Século VII
	EE11 / MMC, 66.117	Século XI – XII

	EE12 / MMC, 67.747	Século XI – XII
	EE13 / MMC, A 406	Século XI – XII
	EE14 / MMC, S/Ref ^a .	Século XI – XII
	EE15 / MMC, S/Ref ^a .	Século XI – XII
	EE16 / MMC, S/Ref ^a .	Século XII – XIII
	EE17 / MMC, S/Ref ^a .	Século XI – XII
	EE18 / MMC, / A 760	Século XI – XII
	EE19 / MMC, S/Ref ^a .	Século XI
Évora	EE 20 / ME, 734/1 e 734/2 (Par)	Século XII - XIII
	EE 21 / ME, 956/1 e 956/2	Século XII - XIII
	EE 22 / ME, 10854	Fins Século XII - Meados Século XIII
	EE 23 / ME, 10855/1 e 10855/2 (Par)	Fins Século XII - Meados Século XIII
	EE 24 / ME, 10856	Fins Século XII - Meados Século XIII
	EE 25 / ME, 10857	Fins Século XII - Meados Século XIII
	EE 26 / ME, 10858	Fins Século XII - Meados Século XIII
	EE 27 / ME, 10859	Fins Século XII - Meados Século XIII
	EE 28 / ME, 10860	Fins Século XII - Meados Século XIII
	EE 29 / ME, 10862/1 e 10862/2	Fins Século XII - Meados Século XIII
	EE 30 / ME, 10863/1 e 10863/2	Fins Século XII - Meados Século XIII
Santarém	EE 31 / MMS, 003790	Século XII - XIII
	EE 32 / MMS, 003791	Século XII - XIII
	EE 33 / MMS, 003794	Século XIII – XIV
	EE 34 / MMS, 003796 e 003796/1	Século XV
	EE 35 / MMS, 003984	Século XI
	EE 36 / MMS, 005737	Século XIII
	EE 37 / MMS, 005738	Século XI
	EE 38 / MMS, 629	Século XIII – XIV

Baião

Principiemos pelo exemplar de **Baião (EE1 / MAB, 372-98)**, recolhido nas escavações arqueológicas desenvolvidas no Castelo de Matos entre 1982 e 1986, dirigidas por Francisco Queiroga e Isabel Figueiral.

O Castelo de Matos, deteve uma grande importância como cabeça militar da Terra de Baião ao longo da Idade Média e aparece documentado desde os inícios da segunda metade do Século XI. As escavações arqueológicas realizadas entre 1982 e 1986 revelaram indícios de uma estrutura pétrea dos fins do século XI ou dos inícios do século XII e de uma muralha na área Nordeste da plataforma superior do morro. Subjacente a esta muralha verificou-se um nível de incêndio que destruiu uma estrutura castelar erguida em madeira, que apresenta uma datação do século XI ou dos inícios da centúria seguinte¹²⁵.

A espora foi recuperada neste contexto, especificamente no Estrato 2A, e caracteriza-se pelas suas grandes dimensões e um espeto bicónico de secção circular, ambas características associadas a tipologias mais antigas. O facto de, quando vista de perfil, não apresentar curvatura no seu aro confirma a sua antiguidade.

Barcelos

Seguidamente, com os exemplares de **Barcelos**, estudamos uma espora de espeto proveniente do Castelo de Faria e 5 esporas (1 par) originárias do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades.

O exemplar do **Castelo de Faria (EE2 / MAB, S/Refª)** surgiu nas escavações amadoras empreendidas pelo “Grupo Alcides de Faria”, nos anos de 1930, 1932, 1936 e 1949 e não apresenta contexto estratigráfico¹²⁶.

¹²⁵ **BARROCA, Mário Jorge** – “A Ocupação Medieval em Castelo de Matos. Primeira abordagem”. (pp. 163-165).

¹²⁶ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (pp. 290-291).

Sendo um dos castelos mais importantes entre as fortificações do Entre-Douro-e-Minho, o Castelo encontra-se referenciado desde os fins do século XI, quando, em 1099, o comando da fortaleza estava entregue ao *tenens* Soeiro Mendes da Maia. A sua importância é ainda confirmada ao longo do século XII, com uma série de diplomas e pela importância de alguns nobres que tiveram a fortificação a seu cargo, como Ermígio Moniz de Riba Douro, Martim Fernandes de Riba Vizela ou Garcia Mendes de Sousa¹²⁷.

A espora encontrada apresenta um espeto curto piramidal com quatro faces, curvatura dos seus braços quando vista de perfil e um sistema de fixação das correias caracterizado por um único rasgo. A sua curvatura de perfil, para melhor adaptação ao pé do cavaleiro sugere uma cronologia para finais do século XII ou mesmo até do século XIII. Segundo Mário Barroca, este exemplar tem como paralelos europeus os números 13672 e 13674 da Strong Collection, atribuíveis à segunda metade do século XII e ao século XIII¹²⁸.

Relativamente aos exemplares do **Convento de S. Salvador de Vilar de Frades** (EE3 / VF99/30/23/16; EE4 / VF99/30/23/17, A20 e A21; EE5 / VF99/30/23/18 e 21; EE6 / VF99/30/23/19), estes foram recuperados na sondagem 30 das escavações arqueológicas realizadas no âmbito das obras de reabilitação no Convento de Vilar de Frades, na segunda campanha de 1999, dirigidas por Ricardo Erasun Cortez e Francisco Faure. Este Convento esteve ligado à Ordem de S. Bento e à Congregação dos Cónegos Seculares de São João Evangelista.

A data da sua fundação ainda é questionável, devido à falta de evidências. Uma tradição, sem fundamento, faz remontar a sua fundação ao tempo de São Martinho de Dume, no ano de 566, acrescentando que terá sido destruído pelas invasões muçulmanas em 714. Porém, a autenticidade da fonte invocada por Frei Leão de São Tomás é questionável¹²⁹.

¹²⁷ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 290,291).

¹²⁸ *Idem*, (p. 291).

¹²⁹ **PONTE, António (dir.)** - *Convento de Vilar de Frades: perspectivas de intervenção: 1994-2008*. (pp. 23, 41); **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.180).

Posteriormente, terá sido reconstruído no século XI, permanecendo beneditino até 1425. Esse mesmo ano marca a sua decadência, impacto da crise económica e demográfica, que leva a que o arcebispo de Braga, D. Fernando da Guerra, proceda à sua extinção. Posteriormente, o referido arcebispo cede o Mosteiro de Vilar de Frades a Mestre João Vicente, que ali funda o primeiro convento da Congregação dos Cónegos Seculares de São João Evangelista¹³⁰. No decurso do século XV, com o seu crescimento e prestígio, o convento sofreu diversas alterações que culminaram com uma renovação total do edificado nos inícios do século XVI.

As esporas, como referido anteriormente, são provenientes da sondagem 30, localizada no canto Sudoeste da nave da Igreja. Foram encontradas sob o piso de ocupação do século XV, em contexto de destruição dos enterramentos do século XII/XIII realizados em sepulturas polilíticas, de caixa pétrea¹³¹. As sepulturas, apesar de se apresentarem anónimas, devido à presença das esporas, traduzem o status social e a ocupação do indivíduo – cavaleiros.

Começamos por analisar o primeiro exemplar, EE3 / VF99/30/23/16 que se apresenta como espora de espeto, do pé esquerdo, com curvatura de perfil para adaptação anatómica ao pé do cavaleiro, o que nos remete para uma cronologia do século XIII, quando esta tendência se afirma. O seu espeto, com ponta piramidal, rematado por um botão de secção semicircular, apresenta uma inclinação de 45º em relação ao seu arco. Como sistema de fixação das correias, a espora apresenta dois tipos diferentes de terminais. No seu lado direito é observável um orifício circular. No lado esquerdo a perfuração é vertical e de forma quadrada. Esta encontra-se protegida externamente por uma placa cuja superfície conserva marcas de decoração¹³². Contudo, é importante referir que não foi possível aferir que tipo de marcas de decoração a espora possuía, devido a essa informação não se encontrar presente na bibliografia.

¹³⁰ **PONTE, António (dir.)** - *Convento de Vilar de Frades: perspetivas de intervenção: 1994-2008*. (pp. 41-42).

¹³¹ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.183).

¹³² *Idem, ibidem*.

Os segundos exemplares EE4 / VF99/30/23/17, A20 e A21 (Par), apresentam-se como esporas de espeto, em ferro, e quando vistos de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé. O seu espeto encontra-se incompleto, de secção cónica, rematado por um topo de botão tendência semicircular delimitado por anéis. Como sistema de fixação das correias, uma das esporas conserva dois terminais. Um orifício circular que corresponde ao lado interior do botim e uma perfuração vertical de forma quadrada. Na curvatura dos braços as esporas apresentam ainda decoração externa – um triângulo que não apresenta preenchimento¹³³. A sua cronologia é atribuível ao século XV. Como paralelos, podemos apresentar outros dois exemplares referidos neste trabalho, provenientes do Museu Municipal de Santarém - EE 34 / MMS, 003796 e 003796/1.

O exemplar seguinte, EE5 / VF99/30/23/18 e 21, apresenta-se como espora de espeto do pé direito, em ferro, que exhibe os braços ligeiramente descaídos nas extremidades e curvatura de perfil para se adaptar à anatomia do pé. O seu espeto, após efetuado o restauro, à semelhança do espeto da espora VF99/30/23/17, A20 e A21, apresenta secção tubular e ponta cónica. Como sistema de fixação das correias, a espora conserva apenas um dos terminais, perfurado na haste, em forma circular. Conserva ainda parte da anilha que fixaria a fivela à espora, assim como esta última. Assim como o exemplar VF99/30/23/17, A20 e A21 a espora exhibe na curvatura dos braços decoração externa – um triângulo que não apresenta preenchimento¹³⁴. A sua cronologia é atribuível ao século XV. Como paralelos, podemos apresentar outros dois exemplares referidos neste trabalho, provenientes do Museu Municipal de Santarém - EE 34 / MMS, 003796 e 003796/1.

Para finalizar, o último exemplar, EE6 / VF99/30/23/19, em ferro, exhibe braços retos dispostos em ângulo de 90º e curvatura de perfil para se adaptar à anatomia do pé. O seu espeto, com ponta piramidal, rematado por um botão de secção semicircular, apresenta uma inclinação de 45º em relação ao seu arco. Como sistema de fixação das

¹³³ ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.184).

¹³⁴ *Idem, ibidem*.

correias, a espora apresenta nas suas extremidades perfurações em forma circular. A sua cronologia é atribuível ao século XIII.

As suas reduzidas dimensões colocam a hipótese de se tratar de uma peça associada a um botim de couro destinado a uso civil ou ao pé de um infante¹³⁵.

Conímbriga

De Conímbriga contamos com 13 exemplares de esporas de espeto, que consistem na totalidade da amostra deste local. Infelizmente, a maioria dos exemplares não foi recolhida em contexto arqueológico.

Localizada num planalto triangular (apontado a poente), bem definido por natureza, Conímbriga apresenta-se no panorama português como referência incontornável para o estudo do urbanismo e da arquitetura romana¹³⁶, sendo a maior e mais bem conservada estação arqueológica romana de Portugal¹³⁷.

Apesar de referida na bibliografia desde o século XVI, as escavações arqueológicas sistemáticas apenas se iniciaram em 1929, quando, devido ao XI Congresso Internacional de Antropologia e Pré-História, se procedeu à aquisição dos primeiros terrenos e, sob a direção de Vergílio Correia, se realizaram as primeiras campanhas de escavações¹³⁸.

Entre 1964 e 1971 uma equipa luso-francesa, dirigida por Jorge de Alarcão e Robert Etienne, procede a 8 campanhas de escavação arqueológicas. Os resultados obtidos, em conjunto com as informações dispersas recolhidas previamente permitiram definir um modelo evolutivo da cidade e resultaram na publicação da monografia *Fouilles de Conimbriga* (dividida em 7 volumes).

¹³⁵ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.183).

¹³⁶ **CORREIA, Virgílio Hipólito; RUIVO, José** – “Conímbriga: história, gestão e proteção de uma cidade romana”. (p. 142).

¹³⁷ **COELHO, Filipe** - *O sítio arqueológico de Conímbriga*. (p.19).

¹³⁸ **CORREIA, Virgílio Hipólito; RUIVO, José** – “Conímbriga: história, gestão e proteção de uma cidade romana”. (p. 142).

Com estas escavações arqueológicas foi possível confirmar a ocupação pré-romana de Conímbriga, sendo identificados como os níveis habitacionais mais antigos desta cidade, níveis pertencentes à segunda idade do ferro e mantiveram-se coexistentes, até meados do século I d.C.¹³⁹.

Para além das provas físicas, esta origem é atestada através da análise filológica do topónimo Conímbriga: “*briga*”, de origem céltica, significa cidadela, lugar fortificado ou povoado num alto; e o prefixo “*conim*”, utilizado por indígenas pré-indo-europeus com o significado de emergência rochosa, caracterizando o lugar¹⁴⁰.

Com o início do processo de conquista romana da Península Ibérica em 218 a.C.¹⁴¹, liderado por *Cnaeus Cornelius Scipio Calvus* (Cneu Cornélio Cipião Calvo) iniciou-se o contacto entre os romanos e a povoação pré-romana que habitava Conímbriga, sendo a cidade conquistada em 136 a.C., no contexto das campanhas levadas a cabo por *Decimus Junius Brutus Callaicus* (Décimo Júnio Bruto)¹⁴².

Posteriormente, com a pacificação estabelecida pelo reinado de Augusto¹⁴³ e mediante a reorganização político-administrativa do território da Hispânia (Península Ibérica), Conímbriga é convertida numa *civitas* romana, sendo dotada de um aqueduto, termas públicas, casas para habitação e lojas¹⁴⁴.

Na segunda metade do século I, Conímbriga foi elevada à qualidade de *municipium*, o que resultou no aumento da sua importância e consequentemente no aumento da sua riqueza e monumentalidade. Contudo, nos finais do século III ou inícios do século IV o Império Romano mergulha numa profunda crise político-administrativa, criando um clima de instabilidade que resulta na construção de uma nova muralha defensiva (muralha do Baixo Império). Devido às dimensões da cidade, e do facto de esta não

¹³⁹ **ARRUDA, Ana** – “Conímbriga: Escavações de 1988-89”. (p. 93).

¹⁴⁰ **COELHO, Filipe** - *O sítio arqueológico de Conímbriga*. (p.21).

¹⁴¹ **ALARCÃO, Jorge** – *O domínio romano em Portugal*. (p. 13).

¹⁴² **AREZES, Andreia** – *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V e VIII)*. (pp. 66-67).

¹⁴³ Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus (Caio Júlio César Octaviano Augusto) (23 de setembro de 63 a.C. – 19 de agosto de 14 d.C.) foi o primeiro imperador romano.

¹⁴⁴ **SANTOS, Marília** - *Arquitetura e Memória: Conímbriga e o Aqueduto Romano: a água enquanto Promotora de Intervenção no Território*. (p. 33).

circundar todo o seu perímetro foi necessário sacrificar vários edifícios públicos e privados¹⁴⁵.

Em 465, os suevos atacaram a cidade, que é parcialmente destruída. Porém, esta não é abandonada e após reorganização converte-se em centro episcopal, sede de uma diocese submetida ao metropolitano bracarense¹⁴⁶. Posteriormente, no século VIII sofre uma invasão árabe, que em conjunto com a inexistência de água provocada pelo corte do aqueduto leva ao abandono definitivo do planalto no século IX ¹⁴⁷.

Contudo, apesar do abandono do local, este não ficou desertificado, tendo a população, na Idade Média ocupado o vale a norte, na zona recôncava, ainda dentro do perímetro da muralha do alto império e formando uma aldeia, de nome Vila Cova de Condessa Domna Onega¹⁴⁸.

Com o afastamento da presença árabe, a aldeia ascendeu topograficamente e perdeu a designação de Vila Cova, assumindo-se como Condessa – evoluindo linguisticamente para Condeixa¹⁴⁹. No entanto, esta proposta levanta várias dúvidas e não é completamente consensual entre os investigadores¹⁵⁰.

A cidade manteve grande importância ao longo dos séculos alto-medievais, todavia, são poucas as informações a níveis urbanísticos, sendo os únicos contextos de destruição os pertencentes às fases de conquista cristã, que determinam o fim do povoamento de Conímbriga¹⁵¹.

Todavia, com intervenções arqueológicas recentes, foi possível aferir, dentro da muralha tardo-romana uma ocupação doméstica da alta e plena idade Medieval. Estas

¹⁴⁵ **COELHO, Filipe** - *O sítio arqueológico de Conímbriga*. (p.21).

¹⁴⁶ **AREZES, Andreia** – *Elementos de Adorno Altomedievais em Portugal (Séculos V e VIII)*. (p.67).

¹⁴⁷ **COELHO, Filipe** - *O sítio arqueológico de Conímbriga*. (p.23).

¹⁴⁸ *Idem. Ibidem*.

¹⁴⁹ **AREZES, Andreia** — *O Mundo Funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: As Necrópoles dos Séculos V a VIII*. (p.230).

¹⁵⁰ *Idem, Ibidem*; **COELHO, Filipe** - *O sítio arqueológico de Conímbriga*. (p.23).

¹⁵¹ **DE MAN, Adriaan** - “Cerâmica Medieval de Conímbriga”. In **MAN, Adriaan de; TENTE, Catarina (coord.)** - *ESTUDOS DE CERÂMICA MEDIEVAL: O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. (pp.58-59).

construções seriam em materiais perecíveis, atestadas pela presença de várias estruturas em negativo¹⁵².

Além destas construções, os níveis de presença pós-romana entre os séculos V e X-XI estão concentrados em dois setores, que correspondem, a momentos diferentes: na zona do *Forum* – antiguidade tardia; e *Domus Cantaber* e *Domus Tancinus* (alta e plena Idade Média), concentrado um número significativo de enterramentos¹⁵³.

Segundo Virgílio Correia, o Fórum, de Época Flaviana, foi identificado durante as escavações arqueológicas que decorreram entre 1964 e 1971 e sob este foram identificados restos de um fórum de “modelo republicano”. O Fórum, devido ao abandono da população, e à conta do aparecimento do cristianismo foi, alguns séculos mais tarde, utilizado como cemitério¹⁵⁴.

A área do Fórum, carece de informação e registo estratigráfico e terá sido utilizada como zona funerária a partir do século V. Nesta são visíveis dois grupos de enterramentos, cronologicamente diferentes, contudo sem fundamentos arqueológicos suficientes para estabelecer uma cronologia. Localizados entre o lado norte do Fórum e degraus do templo encontram-se um conjunto de oito enterramentos (com várias reutilizações); e num momento posterior, sobre as estruturas do Fórum oito sepulturas e 3 inumações perto de uma canalização na próxima à entrada deste.¹⁵⁵

Relativamente à *Domus Tancinus*, sobre a qual assenta a “Basílica Paleocristã” possui de um registo estratigráfico que nos permite falar de um cemitério medieval, que figura a partir da alta idade média e perdura até finais da baixa Idade Média, inícios da Idade Moderna¹⁵⁶. A necrópole ocupava uma faixa de terreno a sul da Basílica, que

¹⁵² **QUIROGA, Jorge López** – “De Conimbriga a Condeixa Evolución y transformación de una ciuitas romana en una ‘aldeia’ medieval”. In **QUIROGA, Jorge López** – *Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. (p.329).

¹⁵³ *Idem.* (pp.322,328).

¹⁵⁴ **CORREIA, Virgílio Hipólito** – “O fórum de Conimbriga e a evolução do centro urbano”. In **BASARRATE, Nogales (ed.)** - *Cidade e foro na Lusitânia Romana*. (p. 90).

¹⁵⁵ **QUIROGA, Jorge López** – “De Conimbriga a Condeixa Evolución y transformación de una ciuitas romana en una ‘aldeia’ medieval”. In **QUIROGA, Jorge López** – *Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. (p.323).

¹⁵⁶ *Idem.* (pp.322-323).

correspondia ao átrio do templo e conservava vários conjuntos de túmulos, mais ou menos isolados – algumas destas sepulturas foram reutilizadas¹⁵⁷. Com as análises de radiocarbono realizadas entre 2005 e 2007 foi possível aferir que 83% dos indivíduos analisados possuem uma cronologia entre os séculos IX – XIII¹⁵⁸.

A ocupação de Conímbriga verifica-se assim até aos tempos medievais, com ocupações densas¹⁵⁹ ou mesmo até uma ocupação continua que se sobrepõe à cidade romana, atestadas pela presença expressiva de cerâmica tipicamente medieval (alguidares de base em disco, com cordões plásticos digitados e púcaros com colo alto e reto, canelado ou estreado)¹⁶⁰. Existe ainda a presença de moedas islâmicas e medievais cristãs (de entre as quais se salienta um dinheiro de D. Afonso Henriques)¹⁶¹.

Relativamente às esporas estudadas, a área do Fórum apresenta-se relevante. Nesta área, referida anteriormente, com a presença de enterramentos e inumações, assinala-se a presença de diversos materiais, dentro destes, fíbulas datadas tipologicamente dos séculos V e VI, e três esporas. Contudo, os materiais não apresentam contexto estratigráfico.¹⁶²

Jorge López Quiroga, em “*De Conímbriga a Condeixa. Evolución y transformación de una ciuitas romana en una ‘aldea’ medieval*”, refere a presença de três esporas idênticas - duas com decoração a fio dourado – e atribui uma cronologia do primeiro e segundo

¹⁵⁷ **LÓPEZ QUIROGA, Jorge; BENITO DíEZ, Laura** – “Un cementerio medieval en la domus tancinus de Conimbriga, (Condeixa-à-velha, Portugal)”. In **LÓPEZ QUIROGA, Jorge** – *Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. (pp.203-204,213,217).

¹⁵⁸ **LÓPEZ QUIROGA, Jorge; BENITO DíEZ, Laura** – “Un cementerio medieval en la domus tancinus de Conimbriga, (Condeixa-à-velha, Portugal)”. In **LÓPEZ QUIROGA, Jorge** – *Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. (p.217).

¹⁵⁹ **DE MAN, Adriaan** - “Cerâmica Medieval de Conimbriga”. In **MAN, Adriaan de; TENTE, Catarina (coord.)** - *ESTUDOS DE CERÂMICA MEDIEVAL: O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. (p.58).

¹⁶⁰ **DE MAN, Adriaan** – “Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense”. (p.468).

¹⁶¹ **ALARCÃO, Jorge de** – “Conimbriga 20 anos depois: A Data do abandono de Conimbriga.” In **CORREIA, Virgílio Hipólito** - *Perspectivas Sobre Conimbriga*. (pp.98–99).

¹⁶² *Idem. Ibidem.*

terço do século VII.¹⁶³ Contudo, este apenas apresenta o número de inventário para uma destas peças - 65.156 (EE10 / MMC, 65.156), deixando por esclarecer quais os outros dois exemplares. Todavia, dentro da nossa amostra, apenas outra espora apresenta decoração com fio dourado visível - EE7 / MMC, A 4092.

Iniciamos então com o exemplar EE7 / MMC, A 4092. Espora em ferro, com aro em U e sem qualquer curvatura quando vista de perfil, não revelando assim adaptação anatómica ao pé do cavaleiro. Espora de grandes dimensões, apresenta um espeto de secção circular e decoração a fio dourado formando o que aparenta ser motivos geométricos. Os braços apresentam o mesmo tipo de decoração.

Como possível paralelo podemos referir dois fragmentos de uma espora de espeto com decoração em fio, encontrados entre materiais Anglo-saxónicos referidos por John Clark em *The Medieval Horse and Its Equipment* - [MC73 1 (72), Figura 90 (320)]¹⁶⁴, onde lhe é atribuída uma cronologia entre o período Anglo-Saxónico tardio e o século XII. Contudo, como referido anteriormente, Jorge López Quiroga, em “*De Conimbriga a Condeixa. Evolución y transformación de una ciuitas romana en una ‘aldea’ medieval*”, atribui, para esta espora uma cronologia do primeiro e segundo terço do século VII¹⁶⁵.

Seguidamente, o exemplar EE8 / MMC, 65.124, em ferro, com aro em U, que quando visto de perfil não apresenta qualquer curvatura. O seu espeto, de secção circular, expõe no final um pico em forma de ogiva. O espeto encontra-se ligeiramente inclinado para a esquerda. A espora é rematada por aberturas retangulares perfuradas nas hastes, servindo estas o propósito de receber as correias de couro para as fixar ao pé do cavaleiro. A sua cronologia é atribuível ao primeiro e segundo terço do século VII. Nas

¹⁶³ **LÓPEZ QUIROGA, Jorge López** – “De Conimbriga a Condeixa Evolución y transformación de una ciuitas romana en una ‘aldea’ medieval”. In **LÓPEZ QUIROGA, Jorge** – *Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. (p.323).

¹⁶⁴ **CLARK, John (ed.)** – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 131).

¹⁶⁵ **LÓPEZ QUIROGA, Jorge** – “De Conimbriga a Condeixa Evolución y transformación de una ciuitas romana en una ‘aldea’ medieval”. In **LÓPEZ QUIROGA, Jorge** – *Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. (p.323).

*Fouilles de Conimbriga*¹⁶⁶ é referido que a espora foi recolhida em contexto de destruição do Fórum – 65 F IX.27(3).

Relativamente à espora EE9 / MMC, 67.578, em ferro, com apenas um braço preservado, apresenta curvatura para adaptação à anatomia do pé do cavaleiro. O espeto apresenta uma ponta cónica pouco afiada. Prévia a esta ponta encontra-se um elemento circular (em forma de cálice) que delimita a parte do espeto de secção circular da sua ponta cónica. Tanto a curvatura de perfil como o elemento circular em forma de cálice são características atribuíveis ao século XII – XIII. Na extremidade do seu único braço, a espora apresenta uma pequena placa retangular perpendicular composta por dois rebites nos quais se fixavam os couros.

A espora foi recolhida numa área não identificada na est. 57 de *Fouilles* 1. Corresponde à escavação da esplanada do templo em 1967, que veio a ser prosseguida sob as referências 69 TEM. Os estratos corresponderão à ocupação final do Fórum. Como possível paralelo podemos referir uma espora encontrada num sítio arqueológico datado entre 1250-1350 referida por John Clark em *The Medieval Horse and Its Equipment* - [POM79 535 (1431), Figura 90 (321)]¹⁶⁷.

O exemplar EE10 / MMC, 65.156, em ferro, recolhido na área sobre o pórtico oeste da praça do Fórum, não apresenta curvatura para adaptação anatómica. Porém, o seu aro apresenta uma ligeira inclinação para dentro, e o seu espeto é de forma ogival. A espora é rematada por duas aberturas perfuradas em cada haste. Estas apresentam uma forma retangular, porém não se encontram completas. A espora apresenta ainda, como decoração, um fio de prata enrolado em quase toda a peça. A sua cronologia é atribuível ao primeiro e segundo terço do século VII.

Os exemplares expostos seguidamente não apresentam referências relativas ao seu contexto arqueológico e apresentam características semelhantes - aros em “U”, retos,

¹⁶⁶ **ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.)** - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales.* (p. 102).

¹⁶⁷ **CLARK, John (ed.)** – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London.* (p. 131).

sem curvatura de perfil e uma cronologia atribuível ao século XI-XII. O único exemplar que difere destas características, apresentando curvatura de perfil e um espeto de secção quadrangular é EE16, com cronologia atribuível ao século XII-XIII.

A espora EE11 / MMC, 66.117, em ferro, de aro mais aberto e com braços em U. Ostenta, no início do espeto e no final do braço esquerdo, quatro pequenas incisões. Como sistema de fixação, esta é rematada por uma abertura circular perfurada na haste esquerda.

A espora EE12 / MMC, 67.747, em ferro, apresenta o seu aro mais aberto, um braço mais comprido que o outro. O espeto possui uma ligeira inclinação para baixo. A espora é rematada por duas aberturas perfuradas nos braços. Estas apresentam uma forma circular e a abertura do braço esquerdo encontra-se partida.

A espora EE13 / MMC, A 406, em ferro, com apenas um braço, possui um espeto bastante longo, de secção circular, de espessura elevada, rematando com uma ponta bastante pronunciada. A espora encontra-se em mau estado de conservação, não apresentando nenhum dos braços completo, nem qualquer sistema de fixação.

A espora EE14 / MMC, S/Refª., em ferro, de grandes dimensões, com os braços ligeiramente abertos apresenta um espeto, de secção bicónica, que mostra um aumento de tamanho desde o colo até se desenvolver numa ponta não muito afiada. No colo do espeto encontram-se duas saliências circulares. Não apresenta sistemas de fixação, apenas são visíveis pequenas reentrâncias nas extremidades das hastes.

O exemplar seguinte, a espora EE15 / MMC, S/Refª., em ferro, apresenta uma deformação no braço esquerdo, alargando assim a abertura dos braços da espora. O seu espeto, bastante agudo, apresenta secção circular. A espora não apresenta qualquer sistema de fixação.

Ao contrário dos exemplares anteriores, a espora EE16 / MMC, S/Refª., em ferro, apresenta curvatura de perfil para adaptação anatómica e um braço quebrado. O seu espeto possui 3,5 cm de comprimento e apresenta um espeto de secção quadrangular que alarga até ao diâmetro máximo, tendo depois solução simétrica. Não apresenta sistemas de fixação. A sua cronologia é atribuível ao Século XII - XIII.

A espora EE17 / MMC, S/Refª., em ferro, sem curvatura de perfil, apresenta uma deformação no braço direito. O seu espeto, bastante comprido e volumoso, de secção circular, ostenta uma ligeira inclinação para a direita. A espora não apresenta qualquer sistema de fixação.

Seguidamente, a espora EE18 / MMC, / A 760, em ferro, não apresenta curvatura de perfil. O seu espeto apresenta uma ponta cônica pouco afiada, contudo, prévia a esta ponta encontra-se um elemento circular (em forma de cálice) que delimita a parte do espeto de secção circular da sua ponta cônica. Como sistema de fixação apresenta nas suas extremidades rebites troncocónicos para a fixação das correias. A sua cronologia é atribuível ao Século XI - XII. Como possível paralelo podemos referir uma espora encontrada num sítio arqueológico datado entre 1250-1350 referida por John Clark em *The Medieval Horse and Its Equipment* - [POM79 535 (1431), Figura 90 (321)]¹⁶⁸.

Para finalizar, do exemplar EE19 / MMC, S/Refª. apenas se possui o seu registo gráfico, estando a peça perdida. O fragmento de espeto apresenta aro e espeto de secção circular. Devido a não possuir mais informações relativamente a este exemplar, a atribuição de uma cronologia torna-se mais difícil, contudo, podemos apontar para uma cronologia atribuível ao século XI.

Évora

Em seguida, apresentamos os 16 exemplares (entre os quais se contam 5 pares) provenientes de Évora. Contudo, é de ressaltar que os exemplares não foram estudados presencialmente, visto que, após pedido de acesso dos materiais à entidade, este foi negado devido mau estado de conservação em que estes se encontravam.

A maioria dos exemplares de esporas de espeto foram recolhidos nas escavações arqueológicas realizadas em 1996/1997 no edifício do Museu de Évora, antigo Paço Episcopal, na sequência da remodelação do edifício e ampliação da zona de caves. O

¹⁶⁸ CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 131).

trabalho foi coordenado por Theodor Hauschild e Ana Gonçalves (da empresa ARKHAIOS).

Apenas um par de esporas (EE 20 / ME, 734/1 e 734/2) é originário da coleção do D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas (1724-1814), Arcebispo de Évora, que reuniu uma importante coleção de antiguidades, hoje integrada nos Museus de Évora e de Beja.

O edifício do Museu de Évora está localizado no Largo do Conde de Vila Flor em Évora, no centro da cidade. Este encontra-se rodeado por espaços emblemáticos, tendo atrás de si a Sé, consagrada em 1204, terminada em 1250, à sua frente o Templo Romano e no seu lado direito a Biblioteca Pública.

Évora encontra-se localizada numa posição relativamente central no interior da metade Sul de Portugal, num ponto alto de separação de três bacias hidrográficas importantes. Apesar de a origem e fundação da cidade não ser clara, esta é sem dúvida muito antiga, com uma grande ocupação humana já na época neolítica, atestada pelos diversos monumentos de carácter sagrado descobertos e estudados¹⁶⁹.

Posteriormente, Évora foi ocupada pelos Romanos, tendo sofrido forte romanização e adquirido uma grande importância militar e económica. Após a queda do Império Romano, sucederam-se o domínio visigótico e árabe na cidade. Esta sofreu um declínio na sua importância cultural. Contudo, manteve-se como centro económico e militar importante.

Conquistada em 1165 por Geraldo Sem Pavor, foi integrada na coroa de D. Afonso Henriques, sendo convertida num centro estratégico e político importante. Nela foi estabelecida a Milícia dos Cavaleiros de Évora, ramo português da Ordem Militar de São Bento de Calatrava, que, mais tarde, quando recebeu a vila de Avis e aqui construiu castelo e convento, passou a ser conhecida como Ordem de Avis¹⁷⁰.

A primeira obra edificada foi a Sé, fundada em 1204. Junto a esta, do lado poente, foram construídos aposentos para o Bispo e os seus cónegos, sendo este local posteriormente

¹⁶⁹ **SIMPLÍCIO, Domingas** – “Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval”. (p.1).

¹⁷⁰ **SIMPLÍCIO, Domingas** – “Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval”. (p.4).

designado por Paço Episcopal. O atual edifício do Museu de Évora foi fundado sobre as ruínas deste edifício¹⁷¹.

Até ao século XIV, a urbe confinou-se ao interior da Cerca Velha (de fundação romana e muçulmana), tendo-se posteriormente expandido livremente na sua periferia, formando os arrabaldes até meados do século XIV. Esta expansão leva à construção de uma nova linha de muralhas (Cerca Nova) iniciada em cerca de 1350, no reinado de D. Afonso IV e que se prolonga por aproximadamente um século¹⁷².

Este desenvolvimento leva a que a cidade medieval detivesse grande importância na estrutura urbana nacional, tendo D. João I a classificado como segunda cidade do Reino¹⁷³.

Com esta afluência de movimento e crescimento de população, Évora, no século XVI apresenta-se como centro de riqueza, importância política, económica e cultural, tendo a corte se instalado na cidade por longos períodos, originando a construção do Paço Real, assim como a construção de palácios, casas solarengas, conventos, igrejas e colégios¹⁷⁴.

Os primeiros exemplares, constituem um par de esporas, EE 20 / ME, 734/1 e 734/2 e, como já referido anteriormente, são originários da coleção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas (1724-1814), Arcebispo de Évora.

Este par de esporas de espeto douradas, em cobre, com aros em U apresentam uma curvatura de perfil para se adaptar à anatomia do pé. Os seus espetos são levantados e alongados, e apresentam junto à sua extremidade um anel. Como sistema de fixação, as esporas apresentam nas suas extremidades, de um lado, um orifício vertical em forma retangular que fixava a correia, e no lado oposto, por duas peças articuladas presas a

¹⁷¹ **GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia** – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1996. (pp. 5-8).

¹⁷² **SIMPLÍCIO, Domingas** – “Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval”. (p.6).

¹⁷³ *Idem. Ibidem.*

¹⁷⁴ **SIMPLÍCIO, Domingas** – “A cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico”. In **FERNANDES, José Alberto Rio; SPOSITO, Maria Encarnação** – *A Nova Vida do Velho Centro nas Cidades Portuguesas e Brasileiras*. (p. 1).

um orifício circular, que apertariam a correia. A sua cronologia é atribuível ao Século XII – XIII.

O par EE 21 / ME, 956/1 e 956/2, não apresenta contexto arqueológico ou qualquer informação sobre a sua descoberta. São esporas em ferro, com aros em U, sem adaptação anatómica dos seus braços que exibem um espeto que inicia num elemento em forma de disco e se encontra ligeiramente elevado, verticalmente em relação ao seu aro. Como sistema de fixação as esporas apresentam em ambas extremidades dos seus braços um orifício circular e o que restam de pequenos apliques de correia. Devido à falta de curvatura dos braços para adaptação anatómica ao pé do cavaleiro, assim como a presença do elemento em disco no seu espeto leva a que a sua cronologia seja atribuível ao Século XII – XIII.

Os doze exemplares que apresentamos em seguida são provenientes das escavações arqueológicas realizadas na área da necrópole medieval de Évora, localizada no lado SE do edifício do Museu de Évora. A necrópole encontrava-se celada por um pavimento do Século XVI¹⁷⁵, que poderá ter pertencido a uma fase de construção ou alargamento do Paço Episcopal¹⁷⁶.

Contudo, é importante ressaltar que para os exemplares EE 22, EE 23, EE 24, EE 25, EE 26, EE 27 e EE 28, apesar de na sua ficha de inventário da *MatrizNet* serem apresentados como elementos recolhidos nas Intervenções Arqueológicas no Museu de Évora, não foi possível aferir os seus contextos específicos.

Nos relatórios de Intervenções Arqueológicas no Museu de Évora, de 1996 e de 1997, são mencionados vários exemplares. Contudo, é apenas em EE 29 / ME, 10862/1 e 10862/2 e EE 30 / ME, 10863/1 e 10863/2 que é possível atribuir um contexto mais específico, apontando as sepulturas dos quais estes foram recolhidos.

¹⁷⁵ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 289).

¹⁷⁶ **GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia** – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1996. (p. 11).

Segundo o relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora de 1996, as sepulturas, de orientação O-E, foram construídas em tijolo, pedra e argamassa. Apresentavam diversas tipologias, com plantas variáveis (retangulares, trapezoidais e antropomórficas). Foi visível também, na construção destas sepulturas, a reutilização de matérias romanas, como tijolos retangulares de colunas e um fragmento de capitel jónico (sepultura M). Estas sepulturas sobrepunham-se ao pavimento da praça romana e a muros com estratigrafia associada a um período de transição entre a época islâmica e a cristã¹⁷⁷.

Os enterramentos, com corpos depositados em decúbito dorsal e com as mãos cruzadas sobre o ventre ou alongadas ao lado do corpo, apresentavam características singulares, como a presença de esporas *in situ*. Estes elementos, juntamente com as informações recolhidas pela análise antropológica (indivíduos com recurso a uma boa alimentação e exercício físico), e ainda características ósseas designadas por “Síndrome do Cavaleiro” levam a considerar que estes pertenciam a cavaleiros de estratos sociais privilegiados¹⁷⁸.

Foram ainda identificados botões decorados com uma cruz estilizada¹⁷⁹, que segundo Mário Barroca, apresentam uma cruz florenciada cantonada por travas ou algemas, que se poderá traduzir na hipótese dos enterramentos se relacionarem com a Milícia dos Cavaleiros de Évora, futura Ordem de Avis, criada por D. Afonso Henriques em 1175¹⁸⁰, que se instala em Évora, em meados dos séculos XII¹⁸¹.

Relativamente à sua cronologia, com a análise da estratigrafia foi possível aferir que estes enterramentos podem ser datados do momento a seguir à Reconquista Cristã da cidade, de finais do século XII (instalação da Milícia de Évora) ao século XIII (estratos que cobrem as sepulturas). Esta cronologia é baseada na identificação de diversas moedas

¹⁷⁷ GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1996. (p. 11).

¹⁷⁸ GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1997. (pp. 18-19).

¹⁷⁹ *Idem*. (p. 19).

¹⁸⁰ BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 289).

¹⁸¹ GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1997. (p. 19).

de D. Sancho I e D. Sancho II, assim como alguma cerâmica encontrada, com decoração em engobe vermelho¹⁸². Podemos assim determinar que as esporas encontradas em *in situ* detêm a mesma cronologia.

Os exemplares EE 22 / ME, 10854 e EE 24 / ME, 10856 apresentam características semelhantes. São fragmentos de esporas de espeto, o aro apresenta possíveis perfil em U e os seus espetos, com cerca de 5 cm, são pouco pronunciados e são rematados por uma cabeça piramidal. Estas características semelhantes apresentam a possibilidade de serem um par.

Em seguida, o par EE 23 / ME, 10855/1 e 10855/2, em ferro, apresenta aros com perfil em V e secção subcircular, que, quando vistos de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé. Os seus espetos, pouco pronunciados são rematados por cabeça piramidal. A sua cronologia é atribuível aos finais do século XII, meados do século XIII.

As esporas EE 25 / ME, 10857 e EE 26 / ME, 10858 também ostentam características muito idênticas, levantando a possibilidade de formarem um par. Fragmentos de esporas em ferro, que apresentam um aro largo, de perfil em U e o seu espeto, pouco pronunciado é rematado por cabeça piramidal. A sua cronologia é atribuível aos finais do século XII, meados do século XIII.

Os exemplares seguintes EE 27 / ME, 10859 e EE 28 / ME, 10860, assim como o caso acima assinalado, também possuem características muito semelhantes, levantando a possibilidade de formarem um par. São fragmentos de espora de espeto, em ferro, apresentam um aro, em V, de secção sub-circular e quando vistos de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé do cavaleiro. Os seus espetos possuem secção piramidal. A sua cronologia é atribuível aos finais do século XII, meados do século XIII.

¹⁸² GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1996. (p. 19).

Seguidamente, o par EE 29 / ME, 10862/1 e 10862/2, foi encontrado *in situ* na Sepultura E, enterramento 477. Junto às esporas foram encontradas placas decorativas e diversos botões junto aos pés, que apresentavam decoração com uma cruz estilizada, flordelizada, cantonada por travas ou algemas, símbolo da Milícia/Ordem de Avis ¹⁸³.

O par de esporas em ferro apresenta os seus aros mais abertos na sua área terminal, com perfil em V e secção subcircular. Quando vistos de perfil apresentam curvatura do perfil para adaptação à anatomia do pé do cavaleiro. Os seus espetos, com 8 cm, são alongados, de secção bicónica e apresentam uma inclinação de 100-110 graus em relação ao arco¹⁸⁴. As esporas encontram-se unidas nos espetos pela oxidação do metal. Como sistema de fixação das correias, as esporas apresentam nas suas extremidades orifícios circulares, placas decorativas em bronze e fivela. A sua cronologia é atribuível aos finais do século XII, meados do século XIII.

Para concluir, apresentamos o par EE 30 / ME, 10863/1 e 10863/2. São esporas em ferro, encontradas *in situ* na Sondagem 50, sepultura H. Os seus aros, mais abertos na sua área terminal, com perfil em V e secção subcircular, quando vistos de perfil apresentam curvatura do perfil para se adaptar à anatomia do pé do cavaleiro. Os seus espetos, com 5 cm, são alongados, de secção piramidal e apresentam uma inclinação de 90-100 graus em relação ao arco¹⁸⁵. Como sistema de fixação das correias, as esporas apresentam nas suas extremidades duas aberturas perfuradas em cada haste em forma circular. A sua cronologia é atribuível aos finais do século XII, meados do século XIII.

Santarém

De Santarém contamos com 9 exemplares (entre os quais um par) de esporas de espeto. Infelizmente, a maioria dos exemplares não foi recolhida em contexto arqueológico,

¹⁸³ GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1996. (p. 19).

¹⁸⁴ BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (pp. 288-289).

¹⁸⁵ BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 288).

tendo sido encontradas em diversas situações, em escavações ocasionais e posteriormente oferecidas ao Museu.

Santarém, uma das terras mais emblemáticas de Portugal, situa-se na margem direita do Tejo, que o limita a leste, e a Sul do Maciço Calcário Estremenho de Porto de Mós (serras de Aire e Candeeiros). A atual cidade corresponde à *Scallabis* romana referida em diversos textos clássicos (Plínio, Ptolomeu, Itinerário de Antonino).

Com ocupação humana desde ao V milénio a.C., Santarém sofreu, na Idade do Ferro, grande influência dos povos mediterrâneos orientais, em específica influência Fenícia¹⁸⁶.

Os primeiros vestígios romanos datam de 138 a. C e com a ocupação romana a cidade adquiriu um estatuto de entreposto comercial e rapidamente se tornou num importante centro administrativo.¹⁸⁷ Posteriormente foi tomada por Suerico, comandante do exército visigodo em 460. Em 714, os muçulmanos conquistaram Santarém (nomeada por estes de *Shantarîn*), ocupando a cidade durante quatro séculos (séculos VIII-XII)¹⁸⁸.

Em 1147 a cidade foi tomada pelas forças cristãs de Afonso Henriques. A importância da cidade desde a sua conquista é documentada pelos diversos privilégios que constam nos seus forais, assim como nas construções de cariz religioso e nobre que possui. Devido à sua localização estratégica, na cidade implantaram-se várias Ordens Militares, nomeadamente a Ordem do Templo, Avis, Santiago e Hospital¹⁸⁹.

Começamos por expor dois exemplares (EE 31 e EE 33) que, segundo informações presentes nas fichas de inventários do Museu Municipal de Santarém, foram encontrados nas remoções de terreno para a construção da Avenida Laurentino em 1894 e posteriormente oferecido ao museu por Laurentino Veríssimo, de Santarém. Esta

¹⁸⁶ **CARVALHO, António** - “A Pré-História recente”. In **MATIAS, António (coord.)** – Santarém. Carta Arqueológica Municipal. (p. 105).

¹⁸⁷ **ARRUDA, Ana** – “A época romano-republicana”. In **MATIAS, António (coord.)** – Santarém. Carta Arqueológica Municipal. (p. 119).

¹⁸⁸ **FERRAZ, Carla; MATA, Luís** - *Urbi Scallabis - Centro de interpretação*. (pp.5-6).

¹⁸⁹ **COSTA, Paula; LENCART, Joana** – “Santarém: ponto de encontro das Ordens Militares e território de transição no seu horizonte senhorial (1147-1320)”. (pp. 95-98).

estrada ligava Santarém a Lisboa e nas suas imediações encontravam-se as ermidas da S.^a das Angústias, S. Roque e S. Lázaro.

A espora EE 31 / MMS, 003790, em ferro, não possui espeto. O seu aro apresenta perfil em U e quando vista de perfil não possui adaptação anatómica ao pé do cavaleiro. Como sistema de fixação, a espora é rematada por uma abertura circular fraturada na haste esquerda, para a receção das correias. Apesar de não se encontrar completa, a falta de curvatura dos braços e o seu sistema de fixação aponta para uma cronologia atribuível ao Século XI - XII.

O exemplar EE 33 / MMS, 003794, em ferro, possui perfil em U e secção em D. Os seus braços encontram-se danificados, não apresentando extremidades, nem sistemas de fixação para as correias. Quando vista de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé. O seu espeto, deteriorado, de secção tubular apresenta uma inclinação de 80 graus em relação ao arco. Na sua generalidade, a espora apresenta corrosão. A sua cronologia é atribuível ao Século XIII-XIV.

Seguidamente, a espora EE 32 / MMS, 003791, segundo informações presentes na ficha de inventário do Museu Municipal de Santarém, foi encontrado aquando da demolição da igreja do Salvador, a três metros de profundidade. Esta igreja paroquial situava-se no sítio do atual Largo Padre Francisco Nunes da Silva, frente ao Palácio Landal. Consta que a consagração da igreja ocorreu em 1335 e que devido aos danos sofridos pelos sismos de 1531, 1755 e 1909, acabou por ser demolida em 1912¹⁹⁰.

A espora encontrada, em ferro, apresenta perfil em U e secção em forma de D, quando visto de perfil, revela curvatura para adaptação anatómica, com um ângulo de 120º em relação ao arco. Apresenta também talão, com 2 cm de altura, na zona correspondente ao calcanhar do cavaleiro, procurando uma fixação mais estável. O seu espeto, longo, com 6,8 cm de comprimento, é rematado por uma ponta de secção piramidal. Como sistema de fixação a espora apresenta, em cada terminal, dois orifícios circulares, em forma de “8”. Num dos braços, um dos orifícios circulares encontra-se fraturado

¹⁹⁰ Arquivo Distrital de Santarém, disponível em <https://digitarq.adstr.arquivos.pt/details?id=1005040>, acedido a 08/06/2021.

enquanto no outro, este ainda apresenta os ribetes usados para a fixação das correias à espora. A sua cronologia é atribuível ao século XII-XIII.

O par apresentado em seguida, EE 34 / MMS, 003796 e 003796/1, em cobre não apresenta uma proveniência específica. De grandes dimensões, as esporas com perfil em V e secção triangular, quando vistas de perfil apresentam curvatura para adaptação anatómica. Os seus braços apresentam, no ângulo da sua curvatura, pequenos escudos de formato redondo, preenchidos com uma flor de lis, gravada em sulco. O seu espeto, destaca-se a partir de uma haste de 8 cm de comprimento, possuindo o bico 3,8 cm. Esta encontra-se dividida por uma peça funcional em forma de ponta de diamante. A haste apresenta uma inclinação de 70 graus em relação ao arco.

Como sistema de fixação das correias, as esporas possuem, de um lado, um aro vertical de forma retangular, onde a correia se segurava, que apresenta decoração - um escudo pequeno, com a flor de lis gravada em sulco. Na outra lateral, o sistema de fixação é composto por duas peças articuladas, presas a um orifício circular, com o intuito de apertarem a correia. Estas duas peças são um tipo de tacha pequena e uma presilha em forma de coração, estando esta presa ao orifício circular por um pequeno rebite de cabeça redonda. *“Do ponto de vista técnico, o par de acicates são peças forjadas e polidas nas faces visíveis, revelando rebitagem, soldadura a quente e gravura a traço contínuo”*¹⁹¹. Este tipo de fabrico em cobre traduz-se num aperfeiçoamento técnico elevado, assim como um grande cuidado estético. A sua cronologia é atribuível ao Século XV.

Como referido anteriormente, as esporas de espeto entram em desuso a partir do século XIV, contudo, o par acima mencionado revela que esta tipologia ainda se manteve funcional na centúria seguinte.

É importante referir também a presença das armas do cavaleiro, visíveis na incorporação da flor de lis na decoração da espora. É possível, devido a este elemento decorativo que

¹⁹¹ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 293).

a espora tenha pertencido a um membro da família Esteves, notória entre os finais do século XIV e o tempo de D. Afonso V¹⁹².

O exemplar EE 35 / MMS, 003984, sem contexto arqueológico, apresenta-se como uma espora de espeto em ferro, com perfil em U, e secção em D, sem extremidades, que se encontram fraturadas. Quando vista de perfil não apresenta curvatura de perfil. O seu espeto, curto, apresenta secção circular. Como possível paralelo podemos referir a espora apresentada por John Clark em *The Medieval Horse and Its Equipment* – BWB83 acc no 616 (contexto 308), ceramic phase 6-12, Figura 90 (316)¹⁹³. A sua cronologia é atribuível ao século XI.

Em seguida apresentamos dois exemplares oferecidos ao Museu em 26 de abril 1918 por António Nunes Ferreira¹⁹⁴. No exemplar EE 36 / MMS, 005737, é referido, como sua proveniência, o cemitério dos Capuchos. Contudo, após pesquisa, não foi possível confirmar tal informação, nem obter mais conhecimento sobre a origem desta peça. Trata-se de uma espora de grandes dimensões, com 22,3 cm de comprimento, em ferro, que apresenta um aro com secção circular. O seu espeto, pouco afiado apresenta uma ponta tubular pouco afiada. Prévia a esta ponta encontra-se um elemento em forma losangular que delimita a parte do espeto de secção circular da sua ponta. Como sistema de fixação, a espora apresenta apenas num dos seus braços o que aparente ser um encaixe retangular fraturado.

O exemplar EE 37 / MMS, 005738, em ferro, com aros com secção em D possui os dois braços incompletos. A sua ponta tubular, pouco afiada é de secção circular. Apresenta vestígios de acabamento com folha de ouro na parte do espeto. Como possível paralelo podemos referir a espora apresentada por John Clark em *The Medieval Horse and Its*

¹⁹² BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 295).

¹⁹³ CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 131).

¹⁹⁴ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

Equipment – BWB83 acc no 616 (contexto 308), ceramic phase 6-12, Figura 90 (316)¹⁹⁵.

A sua cronologia é atribuível ao século XI.

Para concluir, apresentamos a espora EE 38 / MMS, 629, exemplar encontrado no Convento de S. Francisco, na zona fronteira à Capela Mor. Local de importância religiosa, com inúmeros enterramentos ao longo dos séculos, mostrou ser uma área de grande revolvimento, não podendo assim ser associado a algum indivíduo em específico¹⁹⁶.

O convento, fundado em 1242, apresenta-se como um excelente exemplo da arquitetura mendicante em Portugal. A sua construção ficou a dever-se ao apoio das famílias mais abastadas de Santarém, assim como benefícios concedidos por D. Afonso III e posteriormente por D. Dinis¹⁹⁷.

A espora encontrada, em ferro apresenta revestimento em dourado. Com aros em U aberto, o exemplar encontra-se fraturado num dos seus braços. O seu espeto, comprido apresenta secção circular, com inclinação de 15º em relação ao seu aro. Ostenta um pequeno elemento circular próxima à extremidade do espeto.

As pequenas dimensões da espora e o seu revestimento com película de ouro colocam a possibilidade de esta pertencer a um indivíduo jovem de família distinta¹⁹⁸. A sua cronologia é atribuível ao Século XIII – XIV.

¹⁹⁵ CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 131).

¹⁹⁶ BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 292).

¹⁹⁷ VILLAMARIZ, Catarina Madureira – *A arquitectura das Ordens Mendicantes dos Séculos XIII e XIV: Singularidades do Panorama Nacional*. (p.7).

¹⁹⁸ BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 292).

2.3.2. Esporas de Roldana

Seguidamente, trataremos de expor os exemplares de esporas de roldana estudadas. Como referido já anteriormente, caracterizadas pela existência de uma roldana com puas em vez de um espeto, esta tipologia figura a partir dos meados do século XIII, contudo só a partir do século XIV estas se revelam como tendência na Península Ibérica.

Tabela 3: Esporas de roldana e propostas de cronologia.

Topónimo	Nº Inventário	Cronologia
Alenquer	ER 1 / MHCA, 2201	Século XIV
	ER 2 / MHCA, 5295	Século XIV
Almourol	ER 3, CITA, S/Refª.	Século XIV – XV
Barcelos	ER 4 / MAB, S/Refª.	Século XIV
Évora	ER 5 / ME, 557	Século XV
	ER 6 / ME, 738	Século XIII
	ER 7 / ME 740	Século XIII – XIV
	ER 8 / ME, 750	Século XIII – XIV
	ER 9 / ME, 843	Século XIII – XIV
	ER 10 / ME, 939	Século XIII – XIV
	ER 11 / ME, 946	Século XIII – XIV
Lisboa	ER 12 / MML, S/Refª.	Século XV
Santarém	ER 13 / MMS, 003799	Século XIV
	ER 14 / MMS, 003800	Século XIII

A nossa amostra de 14 exemplares é proveniente de Alenquer (2 exemplares), Almourol (1 exemplar), Barcelos (1 exemplar), Évora (7 exemplares), Lisboa (1 exemplar) e Santarém (2 exemplares).

Alenquer

Principiemos pelos dois exemplares de Alenquer, recolhidos nas escavações promovidas por Hipólito Cabaço junto da Porta da Conceição do Castelo de Alenquer. As escavações decorreram na década de 20 e de 30 do século XX, e ajudaram a compreender e definir as estruturas existentes¹⁹⁹.

O castelo de Alenquer, localizado entre Santarém e Lisboa, apresentava uma localização estratégica, assegurando a defesa da margem direita do rio Tejo, na região a Norte de Lisboa. Este foi construído em dois recintos, um superior, com o castelo a 108 metros de altitude, e outro inferior, com a cerca defensiva do núcleo urbano primitivo até às margens do rio, onde se encontrava situada a Torre da Couraça²⁰⁰.

Tomado pelas forças cristãs em 24 de junho de 1148 aos muçulmanos, são apresentadas por diversos autores, diferentes possibilidades para a sua fundação. Para uns, é obra dos Alanos, oriundos do nordeste do Cáucaso, para outros é criação dos visigodos, povo germânico originário do leste europeu. Outros autores consideram-na ainda obra dos muçulmanos e há quem a situe no século XII como obra dos Almorávidas, nómadas²⁰¹.

Atualmente são poucos os vestígios materiais e estruturas conservadas, sobrevivendo apenas alguns troços de muralha, a Porta da Conceição, os vestígios de cinco torres e, a extramuros, a Torre da Couraça²⁰².

Esta situação advém, possivelmente, além da ação humana (uso das pedras do castelo para construções particulares), dos inúmeros cercos que sofreu - em 1184, pelas forças muçulmanas; em 1383 por D. João I de Portugal e em 1384 novo cerco imposto pelas hostes do Mestre de Avis – assim como a destruição pelos vários terramotos que assolaram o país em 1435, 1531 e 1755²⁰³.

¹⁹⁹ **BEATRIZ, Márcio** - *O CASTELO DE ALENQUER. O contributo da arqueologia da arquitectura*. (p. 15).

²⁰⁰ **RAPOSO, Raquel** – “Intervenção Arqueológica na “Porta da Conceição”, Alenquer, primeiros resultados.” (p.49).

²⁰¹ **RAPOSO, Raquel** - *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Coleção Hipólito Cabaço*. (p.37-38).

²⁰² *Idem.* (p.3).

²⁰³ *Idem.* (p.39-40).

Principiemos então pela espora ER 1 / MHCA, 2201, em ferro, com aro em U, braços longos e sem curvatura para adaptação anatómica. Possui uma haste de reduzido desenvolvimento, onde a roldana está ausente, por fratura. Como sistema de fixação de correias, apresenta nas suas extremidades uma única abertura para o encaixe das correias. O exemplar apresenta vários atributos arcaicos, como a falta de curvatura de perfil, e apresentar apenas uma abertura para o encaixe das correias. Este último fator é caracterizante, visto que, com a introdução do arnês no século XV o encaixe duplo seria escolhido, assim como uma haste mais alongada. A sua cronologia é atribuível ao Século XIV.

Para finalizar, a espora ER 2 / MHCA, 5295, em ferro, com aro em V e possível secção em D, apresenta uma ligeira curvatura para adaptação anatómica e talão. A sua haste é rematada por uma roldana de 6 puas. Como sistema de fixação, apresenta numa das suas extremidades uma única abertura circular, com a presença de um clipe de metal. O outro terminar encontra-se fraturado. A sua cronologia é atribuível ao Século XIV e apresenta paralelos com uma congénere exumada do Castelo de Faria, em Barcelos, também apresentada neste trabalho - ER4 / MAB, S/Refª.

Almourol

Em seguida apresentamos um exemplar, (ER 3, CITA, S/Refª.) de espora de roldana encontrado no Castelo de Almourol, que se encontra em exposição permanente no Centro de Interpretação Templário de Almourol.

O castelo foi construído pela Ordem do Templo em 1171, numa pequena ilha no leito do rio Tejo, sobre os afloramentos rochosos, num ponto de cruzamento de vias antigas, de origem romana, que estabeleciam a ligação Norte-Sul e Oeste-Este²⁰⁴.

²⁰⁴ **AMARAL, Maria Antónia Athayde** – “Adornos de cavalo da época medieval, provenientes das escavações do castelo de Almourol (1898)”. In **ARNAUD, José Morais** - *Arqueologia em Portugal: 2017, Estado de Questão*. (p.1495).

Com uma implantação extraordinária, aproveitando toda a área disponível da ilha, o castelo possui dois recintos independentes: um de tamanho reduzido para a guarnição militar e um pátio dominado pela Torre de Menagem²⁰⁵.

As escavações realizadas são referidas num relatório de 1899, redigido pelo alferes de Infantaria Luís Teixeira Beltrão. Estas intervenções foram “dirigidas” por este, e terão sido realizadas no recinto principal, entre a muralha Sul e o caminho de acesso ao castelejo. Contudo é importante referir que os trabalhos de escavação e afetação do solo tinham sido anteriormente começados pelo tenente Garcez²⁰⁶.

A intervenção colocou a descoberto uma estrutura mestra na zona habitacional destinada à guarnição militar, que se encontrava dividida por paredes transversais. Foi entre a parede encostada de um lado à muralha do castelo e do outro à parede longitudinal, e a parede transversal mestra, sob um pavimento forrado de um cascão horizontal, que assentava diretamente no entulho, que foi encontrada a espora, assim como outros objetos metálicos e cerâmicos²⁰⁷.

A espora, em cobre, com aro em U, de secção triangular, quando vista de perfil, revela uma curvatura para adaptação anatómica. Esta apresenta uma haste com desenvolvimento médio, que remata numa roldana de 8 puas. Como sistema de fixação das correias, apresenta nas suas extremidades dois orifícios circulares onde, num dos braços se encontra fixado uma fivela em forma de “8”. Apresenta em cada extremidade dois apliques em forma retangular. A sua cronologia é atribuível aos Séculos XIV-XV.

Barcelos

Assim como a espora de espeto encontrada e apresentada anteriormente, o exemplar de espora de roldana ER4 / MAB, S/Refª. surgiu em escavações amadoras empreendidas

²⁰⁵ **BARROCA, Mário** – “Os castelos dos templários em Portugal e a organização da defesa do reino no SÉC. XII”. (p. 223).

²⁰⁶ **AMARAL, Maria Antónia Athayde** – “Adornos de cavalo da época medieval, provenientes das escavações do castelo de Almourol (1898)”. In **ARNAUD, José Morais** - *Arqueologia em Portugal: 2017, Estado de Questão*. (p.1498).

²⁰⁷ *Idem. Ibidem.*

pelo “Grupo Alcaides de Faria”, nos anos de 1930, 1932, 1936 e 1949 e não apresenta contexto estratigráfico²⁰⁸.

A espora em ferro apresenta o seu aro, com perfil em “V”, e quando vista de perfil apresenta uma ligeira curvatura para adaptação anatómica. Ambos os braços se encontram fragmentados, não possuindo assim o sistema para a fixação das correias. A espora apresenta uma pequena haste, de secção circular, com 3,65 cm de comprimento e 0,88 cm de diâmetro que remata na sua roldana de 8 puas. Esta é de médio desenvolvimento. A sua cronologia é atribuível ao século XIV.

Évora

Em seguida, apresentamos os 7 exemplares provenientes de Évora.

Contudo, é de ressaltar que, assim como os exemplares de esporas de espeto apresentados anteriormente, estes materiais não foram estudados presencialmente, visto que, após pedido de acesso dos materiais à entidade, este foi negado devido ao mau estado de conservação em que estes se encontravam.

Relativamente à sua proveniência, os exemplares ER 5 / ME, 557, ER 6 / ME, 738, ER 7 / ME 740, ER 8 / ME, 750, ER 9 / ME, 843, são originários da coleção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas (1724-1814), Arcebispo de Évora. Contudo, não há referência ao seu contexto arqueológico.

Principiemos pela espora ER 5 / ME, 557, dourada, que apresenta o seu aro em U com secção em forma de D, curvo e recortado superiormente. Apresenta uma haste com grande desenvolvimento que é rematada com uma roldana de 8 puas. Como sistema de fixação de correias, apresenta nas suas extremidades duplos orifícios circulares. Apresenta decoração vegetalista e é rematado lateralmente por botões com decoração floral. A sua cronologia é atribuível ao Século XV.

²⁰⁸ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 290-291).

O exemplar seguinte, ER 6 / ME, 738, possivelmente em cobre, apresenta o aro curto sem curvatura para adaptação anatómica e secção em forma de “D”. No extremo da sua haste de secção circular, apresenta uma roldana com 6 puas. No entanto, uma destas apresenta-se partida. Como sistema de fixação apresenta, em ambas extremidades, orifícios em forma retangular, voltados para o exterior. A sua cronologia é atribuível ao século XIII.

A espora ER 7 / ME 740, possivelmente em cobre e aro com perfil em U, de secção em “D” não apresenta curvatura para adaptação ao pé do cavaleiro. Aparenta, no entanto, deter um princípio de um talão. Não apresenta roldana, mas esta formaria um ângulo obtuso com voluta na parte superior. Na extremidade de um dos seus braços apresenta, verticalmente, duas aberturas perfuradas em forma circular como sistema de fixação. A sua cronologia é atribuível ao século XIII-XIV.

A espora ER 8 / ME, 750, com braços em forma de U, de secção retangular aplanada, não revela curvatura para adaptação anatómica. A sua haste apresenta-se curva e levantada, sem a presença da roldana. Ambos braços se encontram rematados com passadeiras redondas. Apresenta vestígios de decoração. Contudo, devido ao facto de a espora não ter sido estudada presencialmente, e a sua ficha de inventario presente na *MatrizNet* ser omissa não foi possível aferir o tipo de decoração existente. A sua cronologia é atribuível ao século XIII-XIV.

A espora ER 9 / ME, 843, de grandes dimensões, com aro em forma de U não apresenta curvatura quando vista de perfil. A sua haste, de secção circular, longa e reta não apresenta roldana, porém apresenta sinais de decoração. Como sistema de fixação, ambos os braços se encontram rematados por aberturas retangulares para a passagem das correias. Apresenta vestígios de decoração. Assim como a espora apresentada anteriormente, devido ao facto de esta não ter sido estudada presencialmente, e a sua ficha de inventario presente na *MatrizNet* ser omissa não foi possível aferir o tipo de decoração existente. A sua cronologia é atribuível ao século XIII- XIV.

A espora ER 10 / ME, 939, em ferro, apresenta braços em forma de V. De grandes dimensões, com 21 cm de comprimento, apresenta uma ligeira curvatura quando vista

de perfil. A sua haste, de grande desenvolvimento é reta e de secção circular. Não apresenta roldana devido a fratura. Ambos braços se encontram rematados por aberturas circulares. No entanto, um deles encontra-se partido. A sua cronologia é atribuível ao século XIV-XV.

O último exemplar, a espora ER 11 / ME, 946, em ferro, apresenta braços em forma de U com secção em D e exibe uma ligeira curvatura para melhor adaptação anatómica ao pé do cavaleiro. A sua haste, curta, incorpora uma roldana com 6 puas. Na extremidade de cada um dos seus braços apresenta, verticalmente, duas aberturas circulares em “8”. A sua cronologia é atribuível ao século XIII-XIV.

Lisboa

De Lisboa podemos apresentar um exemplar de espora de roldana, de proveniência desconhecida.

A espora ER 12 / MML, S/Ref^a., em ferro, com aro em U, de com secção triangular, apresenta o braço direito fraturado e quando visto de perfil, revela uma curvatura acentuada para adaptação anatómica, assim como talão na zona do calcanhar, para proporcionar uma melhor fixação ao pé do cavaleiro. De grandes dimensões, a espora apresenta uma haste comprida, com 15,5 cm, de secção elíptica, que remata numa roldana de 6 puas, onde duas se encontram fraturadas. A roldana possui 5,5 cm de diâmetro. Como sistema de fixação de correias, apresenta na extremidade do seu braço esquerdo, dois orifícios circulares em “8” para a fixação das correias. Ainda se encontra presente um pequeno aplique, retangular, da correia. A sua cronologia é atribuível ao século XV.

Como paralelo é possível referir uma espora publicada por Álvaro Soler de Campo²⁰⁹, relativo ao acervo do Museu Arqueológico Nacional de Madrid, com o número de inventário 52984. Esta foi datada da primeira metade do século XV.

²⁰⁹ **SOLER DEL CAMPO, Álvaro** – “Estudio comparativo de un conjunto de espuelas bajomedievales”. (pp. 185).

Este exemplar constitui um bom exemplo das esporas de roldana em vigor nos finais do século XIV e posteriormente ao longo do século XV. Com a introdução dos arneses e das defesas corporais em placas metálicas, a flexibilidade das pernas dos cavaleiros ficou restringida, o que levou a um desenvolvimento significativo nas esporas. Este refere-se a um aumento das suas hastes, para facilitar o contacto das roldanas ao ventre do cavalo e o desenvolvimento do talão, elemento utilizado para garantir uma melhor fixação da espora ao pé do cavaleiro.

Santarém

Para finalizar, apresentamos os dois exemplares de esporas de roldana de Santarém. O primeiro exemplar não apresenta contexto arqueológico, nem referência à sua descoberta.

A espora ER 13 / MML, S/Ref^a. em ferro forjado possui revestimento em folha de ouro. O seu aro apresenta braços em forma de U que, quando vistos de perfil, não apresentam curvatura para adaptação anatómica. Cada um dos seus braços encontra-se decorado com quatro elementos revestidos com folha de ouro – dois lisos intercalados e dois com reticulado inciso²¹⁰. A sua haste, de seção circular, decorada com elementos folheados a ouro e dois pequenos orifícios, é rematada com roldana de médio desenvolvimento composta por catorze puas. Relativamente ao seu sistema de fixação de correias, apresenta as suas extremidades em forma losangular com duplos orifícios. A sua cronologia é atribuível ao XIV.

O último exemplar, ER 14 / MMS, 003800, foi encontrado em escavações para o assentamento da canalização das águas para a nova Avenida da Rafoa, em frente da praça de Touros, em 1 de janeiro de 1922 e foi oferecido ao Museu por Jorge dos Reis Nunes²¹¹.

²¹⁰ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

²¹¹ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

A espora, em ferro, com aro em forma de U e secção retangular, apresenta no extremo da sua haste de secção circular, uma roldana, de 2,7 cm de diâmetro e com 6 puas. Como sistema de fixação apresenta em ambas extremidades, orifícios em forma retangular. A sua cronologia é atribuível ao século XIII.

2.3.3. Acicates

Para finalizar o estudo dos nossos materiais, seguidamente, trataremos de expor os exemplares de acicates estudados. Contamos com 11 exemplares, provenientes de Castelo Branco (3), Évora (3), Lagos (1), Lisboa (1) e Santarém (3).

Tabela 4: Acicates estudados e propostas de cronologia.

Topónimo	Nº Inventário	Cronologia
Castelo Branco	A1 / MFTPJ, 41.6	Século XI – XII
	A2 / MFTPJ, 41.7	Século XII
	A3 / MFTPJ, 41.8	Século XII
Évora	A 4 / ME, 739	Século XIII
	A 5 / ME, 951/1 e 951/2	Século XII – XIII
Lagos	A 6 / ML, 2254	Século XII – XIII
Lisboa	A 7 / MML, S/Ref ^a .	Século XII – XIII
Santarém	A 8 / MMS, 003793	Século XIII
	A 9 / MMS, 005739	Século XIII
	A 10 / MMS, 765	Fins do Século XIII

Como referimos anteriormente, os acicates surgem no mundo muçulmano no século XII ou XIII, coexistindo com as esporas de espeto que se encontravam em vigor desde o século V. Estes são formalmente esporas de espeto, mas caracterizam-se pela presença de um disco a delimitar o fim da área de penetração do espeto, assim como por um passador vertical na zona do calcanhar.

A distribuição geográfica dos achados de acicates em Portugal – todos a sul de Castelo Branco – revela-se culturalmente elucidativa.

Castelo Branco

Principiemos pelos 3 exemplares de Castelo Branco. Todos estes são de proveniência desconhecida, não sendo possível atribuir contexto arqueológico.

O acicate A1 / MFTPJ, 41.6, em ferro, apresenta hastes incompletas, perfil em U e secção em D. Com uma ponta tubular que inicia a partir de um disco de configuração circular, esta é colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo, com bico espesso. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, de secção oval achatada, colocado verticalmente. Ostenta também vestígios de dourado. A sua cronologia é atribuível ao século XI – XII. Na sua ficha de inventário na *MatrizNet* faz referência a ser uma Doação do Tenente Mário Marques de Andrade. Contudo, não faz referência a qualquer outra informação sobre este ou as circunstâncias em que se proporcionou a doação.

O segundo exemplar, o acicate A2 / MFTPJ, 41.7, possui grandes dimensões, em ferro, com hastes direitas, perfil em U e seção retangular aplanada. Apresenta uma ponta tubular, com 9,9 cm de comprimento, que inicia a partir de um disco de secção losangular, com 5,2 cm de diâmetro. A sua ponta é colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo, com bico estreito e apontado. Como sistema de fixação apresenta ambas extremidades achatadas dois orifícios alongados, retangulares. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, de secção oval achatada, colocado verticalmente. Ostenta vestígios de dourado e laminação. A sua cronologia é atribuível ao século XII.

O último exemplar, A3 / MFTPJ, 41.8 em ferro, com hastes direitas, perfil em U e seção subretangular, apresenta um dos seus braços incompletos - sem a extremidade. A espora ostenta uma ponta tubular, com 11,2 cm de comprimento, que inicia a partir de um disco de secção losangular, com 4,6 cm de diâmetro. A sua ponta é colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo, com bico espesso alongado. Como

sistema de fixação, a extremidade preservada apresenta dois orifícios alongados retangulares. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, de secção oval achatada, colocado verticalmente. Apresenta vestígios de dourado. A sua cronologia é atribuível ao século XII. Na sua ficha de inventário na *MatrizNet*²¹² faz referência a ser uma Doação de Coronel José Martins Cameira. Contudo, não faz referência a qualquer outra informação sobre este ou as instâncias em que se proporcionou a doação.

Évora

Seguidamente apresentamos os três exemplares (entre os quais se contam um par) provenientes de Évora.

O primeiro, A 4 / ME, 739, possivelmente em cobre, é originário da coleção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas (1724-1814), Arcebispo de Évora, segundo as informações presente na sua ficha de inventário da *MatrizNet* ²¹³. De grandes dimensões, hastes curvas e perfil em U, apresenta um bico de secção hexagonal que inicia a partir de um disco de secção octogonal. Como sistema de fixação apresenta em ambas extremidades dos seus braços um duplo encaixe retangular e no calcanhar, um passador de correia, também retangular, colocado verticalmente. Exibe vestígios de dourado. A sua cronologia é atribuível ao Século XIII.

Para concluir, o par A 5 / ME, 951/1 e 951/2, em ferro, de grandes dimensões, com aros em U. Um dos acicates possui um braço fraturado. Exibem um bico de secção circular. São rematados, junto ao arco, com um elemento em forma de disco. Como sistema de fixação apresentam em ambas extremidades dos seus braços um encaixe retangular e na zona do calcanhar um passador de correia retangular, colocado verticalmente. Exibe vestígios de dourado e a sua cronologia é atribuível ao Século XII – XIII.

²¹² <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=217247>, acedido em 22/05/2018.

²¹³ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=15278&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

Lagos

Em seguida apresentamos o acicate do Museu de Lagos A 6 / ML, 2254, um exemplar de proveniência desconhecida.

Acicate em bronze, com hastes longas, incompletas, com perfil em U e de secção circular. Apresenta uma ponta tubular alongada que inicia a partir de um disco de secção circular com 7,5 cm de raio, sendo esta colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo. Como sistema de fixação apresenta numa das suas extremidades achatadas, dois orifícios largos, retangulares. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, de secção oval achatada, colocado verticalmente. Exibe corrosão. A sua cronologia é atribuível ao século XII – XIII.

Lisboa

Do Museu Militar de Lisboa, apresentamos o exemplar A 7 / MML, S/Ref^a. Esta peça foi encontrada num poço em Tomar e oferecida ao Museu pelo Major Alfredo Casimiro d’Almeida Ferreira. A proveniência da peça é problemática, dificultando o seu estudo. Contudo, segundo o Catálogo do Museu Militar de Lisboa, a peça poderá ter pertencido a “algum dos cavaleiros de Cristo” ²¹⁴.

O acicate, em bronze, com hastes longas, aro em U e de secção circular ostenta um espeto prolongado, bicónico, que inicia a partir de um disco circular com um raio de 5 cm. Como sistema de fixação, apresenta nas suas extremidades, duplos encaixes retangulares e, na zona do calcanhar exibe um passador de correia, retangular achatado, colocado verticalmente para a passagem da correia. Este é então rematado por um crescente com uma largura de 2,5 cm e 1,3 cm de altura. A sua cronologia é atribuível ao século XII - XIII.

²¹⁴ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 298-299). (p. 158).

Santarém

De Santarém contamos com três acicates.

O exemplar A 8 / MMS, 003793, foi encontrado nas remoções de terreno para a construção da Avenida Laurentino em 1894²¹⁵ e posteriormente oferecido ao museu por Laurentino Veríssimo, de Santarém. Esta estrada ligava Santarém a Lisboa e nas suas imediações encontravam-se as ermidas da S.^a das Angústias, S. Roque e S. Lázaro.

O acicate em ferro, com aro em U, braços direitos e secção circular apresenta um espeto com bico tubular que inicia a partir de um disco de secção circular, colocado no prolongamento externo do corpo. Como sistema de fixação, apesar das suas extremidades se encontrarem fraturadas, apresenta vestígios de duplo encaixe retangular e no calcanhar, um passador de correia, também retangular, colocado verticalmente. Contudo, este encontra-se um pouco deteriorado e ligeiramente inclinado. A sua cronologia é atribuível ao século XIII.

Seguidamente, o exemplar A 9 / MMS, 005739, que segundo a informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém foi encontrado nas primitivas fundações da demolida Igreja do Salvador, em Santarém. Esta igreja paroquial, como já foi referido anteriormente, situava-se no sítio do atual Largo Padre Francisco Nunes da Silva, frente ao Palácio Landal. Consta que a consagração da igreja ocorreu em 1335 e que devido aos danos sofridos pelos sismos de 1531, 1755 e 1909, acabou por ser demolida em 1912²¹⁶.

O acicate, em ferro, com hastes incompletas e perfil em U apresenta uma ponta tubular que inicia a partir de um disco de secção circular. Esta ponta é colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo e encontra-se fraturada. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, colocado verticalmente. No entanto,

²¹⁵ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

²¹⁶ Arquivo Distrital de Santarém, disponível em <https://digitarq.adstr.arquivos.pt/details?id=1005040>, acedido a 08/06/2021.

encontra-se muito danificado. Exibe vestígios de dourado. A sua cronologia é atribuível ao século XIII.

De forma a concluir o estudo dos exemplares de acicates, apresentamos o acicate A 10 / MMS, 765, encontrado no Convento de S. Francisco de Santarém, próximo do Coro Alto de D. Fernando. Esta estrutura arquitetónica abobada, erguida nas imediações da entrada, tinha como funcionalidade abrigar o túmulo de D. Fernando. Crê-se que este exemplar possa ser associado a um dos primeiros enterramentos depositados neste local²¹⁷.

O convento, como já foi referido anteriormente, foi fundado em 1242 e apresenta-se como um excelente exemplo da arquitetura mendicante em Portugal. A sua construção ficou a dever-se ao apoio das famílias mais abastadas de Santarém, assim como benefícios concedidos por D. Afonso III e posteriormente por D. Dinis²¹⁸. Com os trabalhos de escavação arqueológica desenvolvidos no Convento de S. Francisco de Santarém foi possível estudar cerca de 200 enterramentos.

O acicate, em ferro, com perfil em U, apresenta grandes dimensões e um espeto longo, com 13 cm de comprimento, de secção circular, que inicia a partir de um elemento em forma de disco. Como sistema de fixação, apresenta em ambas extremidades encaixe duplo retangular para as correias. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, colocado verticalmente. A sua cronologia é atribuível aos fins do Século XIII.

²¹⁷ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 296).

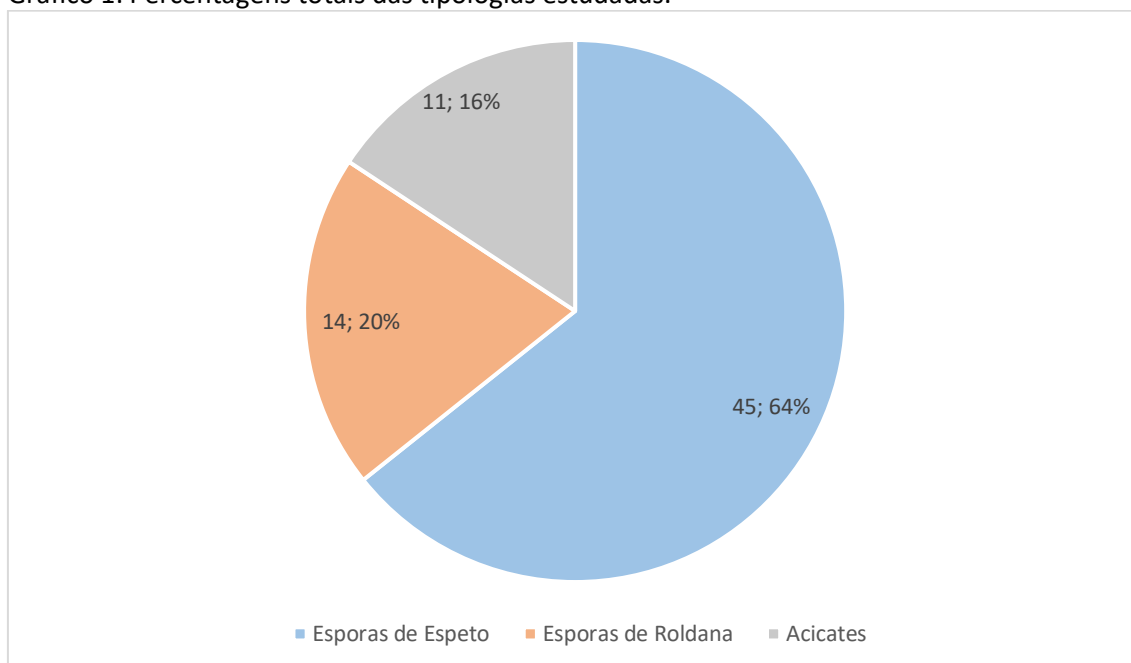
²¹⁸ **VILLAMARIZ, Catarina Madureira** – *A arquitectura das Ordens Mendicantes dos Séculos XIII e XIV: Singularidades do Panorama Nacional*. (p.7).

Considerações Finais

Como já mencionado anteriormente, e é visível no Histograma 1, com o estudo das esporas é possível desde logo constatar que a tipologia de esporas de espeto alcança um valor considerável, com 45 exemplares (64%) (7 pares), maioritariamente recolhidos em Barcelos, Conímbriga, Évora e Santarém. As esporas de roldana, com 14 (20%) exemplares, que novamente concentram-se em Évora e Santarém e, finalmente os acicates, 11 exemplares (16%) (1 par), que apresentam uma maior dispersão, com números mais reduzidos, em Castelo Branco, Évora, Lagos, Lisboa e Santarém.

É deveras importante referir que a maioria dos exemplares não apresentam contexto arqueológico, ou apresentavam apenas referências à sua proveniência, dificultando assim o seu estudo e atribuição de uma proposta cronológica.

Gráfico 1: Percentagens totais das tipologias estudadas.



O facto de o número de esporas de espeto ser mais elevado pode ser atribuído ao seu longo costume e tradição, sendo estas usadas desde o século V ao século XIII, continuando ainda funcionais para além do século XV.

Relativamente aos materiais usados no fabrico destes artefactos é possível aferir que, em todas as tipologias apresentadas, a maioria dos exemplares são produzidos em ferro, existindo apenas alguns em cobre e bronze. Em alguns exemplares, devido à impossibilidade de estudo direto, não foi possível aferir o tipo de material, sendo definidos como materiais em ligas metálicas indeterminadas.

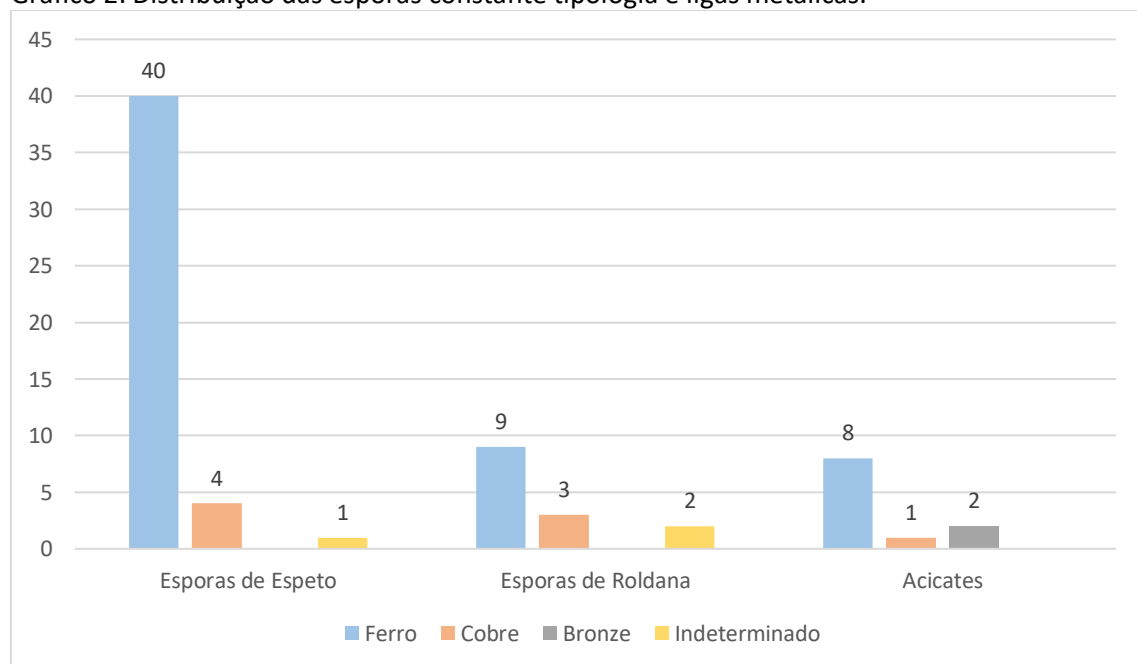
Como se observa no Histograma 2 as esporas de espeto são representadas por 40 exemplares em ferro, 4 em cobre e 1 em liga metálica indeterminada.

No que diz respeito as esporas de roldana, dos 13 exemplares, 8 são de ferro, 3 de cobre, e 2 de liga metálica indeterminada.

Finalmente, dos acicates, 9 destes são em ferro, 1 em cobre e 2 de bronze. Os exemplares em ferro apresentam corrosão.

Sendo assim, na totalidade do nosso estudo obtemos 57 exemplares em ferro, 8 em cobre, 2 em bronze, e 3 em liga metálica indeterminada, perfazendo a totalidade de 70 exemplares estudados.

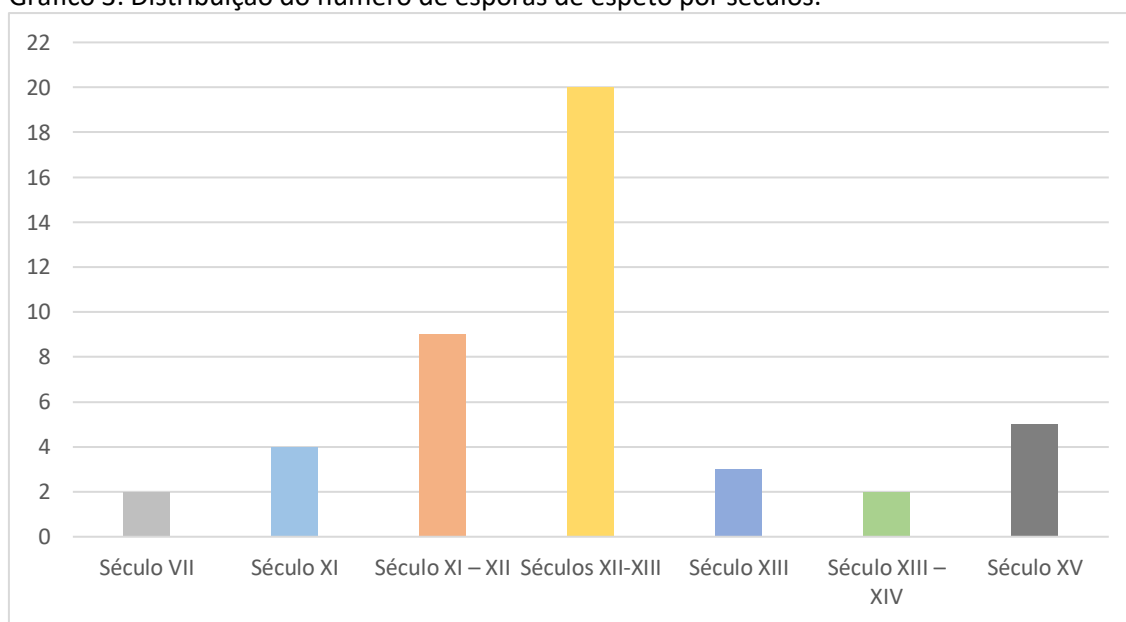
Gráfico 2: Distribuição das esporas constante tipologia e ligas metálicas.



Principiemos por analisar os dados obtidos pelos exemplares de **esporas de espeto**, relativamente às propostas cronológicas atribuídas e a uma análise geral evolutiva da amostra em estudo.

Como é possível constatar no Histograma 3, o conjunto de esporas estudadas apresenta uma cronologia variável entre o século VII e o século XV, assim como uma grande variedade de formas e tamanhos.

Gráfico 3: Distribuição do número de esporas de espeto por séculos.



Para o século VII são apresentados 2 exemplares (EE 7e EE 10), estes possuem braços longos, em U e decoração a fio dourado. Apenas EE 10 apresenta um dos terminais, fraturado, contudo, expondo um sistema duplo retangular.

Do século XI, expomos 4 exemplares, em ferro (EE 1; EE 19; EE 35; EE 37). Destes apenas EE 1 se apresenta completo e foi encontrado em contexto arqueológico. Os restantes exemplares não apresentam as extremidades dos seus braços, e um destes – EE 19 – apenas se encontra registado por desenho. O registo gráfico encontrava-se disponível no Museu Monográfico de Conímbriga. Contudo a localização da peça é incerta.

Estes exemplares apresentam aros em U, sem curvatura e um espeto que surge de uma base truncada, ambas características associadas a uma cronologia do início do século XI. O exemplar EE 1 apresenta uma solução do espeto mais marcante - bicónico, mais longo e volumoso - característica atribuída preferentemente aos finais do século XI, como solução adotada de forma a impedir dano descomedido ao cavalo. De ressaltar também a presença, nas suas extremidades, dos terminais das correias que se afixavam às esporas por rebites. O exemplar EE 37 apresenta vestígios de revestimento com folha de ouro.

Os exemplares com cronologia atribuível ao século XI-XII, em ferro, são provenientes exclusivamente de Conímbriga. Sem qualquer curvatura de perfil ostentam na sua maioria braços longos com aro em forma de “U”. Os seus espetos, de forma ogival não apresentam grandes dimensões. Contudo, é de salientar dois exemplares que possuem soluções mais diferenciadas. A espora EE 14, de grandes dimensões que ostenta um espeto de 5,4 cm de comprimento, onde o espeto exibe um aumento de tamanho deste o colo até se desenvolver numa ponta menos afiada, e o exemplar EE 18, que apresenta um espeto cónico pouco afiado, em que prévio a este encontra-se um elemento circular em forma de cálice.

Relativamente aos sistemas de fixação adotados, existe uma predileção pela abertura circular e retangular, que se caracteriza por um orifício em cada terminal, geralmente um pouco descentrados, de forma a acomodar rebites, para fixar diretamente as correias. Quando a espora apresenta uma face superior e inferior evidentes, este terminal ou ranhura apresenta-se voltado para o limite superior. O exemplar EE 18 adota rebites troncocónicos como sistema de fixação. De todos os exemplares estudados, quatro apresentam os seus terminais fraturados.

Relativamente a motivos ornamentais, o exemplar EE 7 é o único que exibe decoração a fio dourado formando o que aparenta ser motivos geométricos.

Como referido anteriormente, uma das primeiras evoluções visíveis nas esporas de espeto no decurso do século XII, foi a adaptação da espora ao pé do cavaleiro, passando a exibir uma curvatura de perfil, para uma melhor acomodação à anatomia do pé. Esta

característica é visível nos exemplares que apresentamos em seguida, com cronologia atribuível entre os séculos XII e XIII.

Neste momento começamos a verificar uma adoção mais recorrente da forma “V” no perfil dos aros, e uma predominância relativamente aos espetos rematados por uma cabeça piramidal, sendo notórias apenas três exceções. A espora EE 9 que possui um espeto cônico pouco afiado, em que prévio a este encontra-se um elemento circular em forma de cálice; EE 20, par em cobre que apresenta uma espécie de “anel” junto à extremidade do espeto e EE 21, par em ferro, que exhibe um espeto de secção circular que inicia num elemento em forma de disco e que se encontra elevado verticalmente em relação ao seu aro.

No que diz respeito aos seus sistemas de fixação, as opções adotadas variam, sendo observável sistemas de fixação com apenas um orifício circular ou retangular (EE 2 e EE 20 respetivamente); placas retangulares ou em forma de “8” com duas perfurações para a colocação dos rebites (EE 9 e EE 30 respetivamente), ou um misto, onde uma extremidade apresenta um orifício circular e a outra um orifício retangular (EE 3). Alguns dos exemplares apresentam placas decorativas, apliques de correia e fivelas.

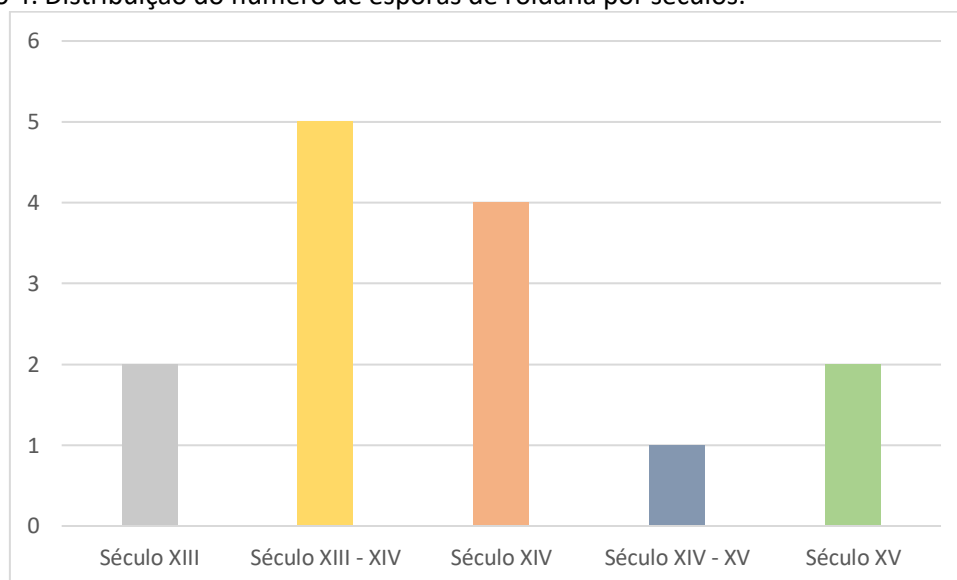
Em seguida, morfologicamente, a característica que se apresenta mais notória na nossa amostra, ainda no decorrer do século XIII e persistindo até ao século XV é o uso de uma inclinação do espeto em relação ao seu arco (EE 3, EE 4, EE 5, EE6, EE 29, EE 30, EE 33, EE34). Além desta inclinação que varia entre 45º e 80º, os exemplares apresentam diversas adaptações do seu espeto. Nas esporas EE 3, EE 4, EE 5 e EE 6, são rematados por um tipo de botão de tendência semicircular, delimitado por anéis, enquanto nos exemplares EE 34, o espeto destaca-se partir de uma haste, estando esta dividida por uma peça em forma de diamante. Os exemplares EE 34 destacam-se ainda pela sua decoração – pequenos escudos de formato redondo, preenchidos com uma flor de lis e por serem os únicos exemplares em cobre entre os séculos XIII-XV.

É de destacar, pela exceção das características apresentadas anteriormente, o exemplar EE 38, de cronologia atribuível ao século XIII-XIV, encontrado nas escavações arqueológicas no Convento São Francisco de Santarém, que não apresenta curvatura de

perfil e, na extremidade do seu espeto, apresenta um pequeno elemento circular. Exibe ainda revestimento com folha de ouro.

Relativamente às **esporas de roldana**, que singram no mundo cristão a partir dos meados do século XIII, coexistindo com o uso das esporas de espeto, apresentamos exemplares bastante distintos, tanto morfologicamente como esteticamente. É importante referir que, dos 14 exemplares, apenas 9 apresentavam roldana. Isto traduz-se numa maior dificuldade em atribuir de cronologias.

Gráfico 4: Distribuição do número de esporas de roldana por séculos.



Os exemplares mais antigos, do século XIII, exibem aros curtos, sem adaptação anatómica, isto é, sem curvatura de perfil e roldanas com poucas puas. As suas hastes, por vezes, encontram-se curvas e levantadas em relação ao seu aro (ER 7, ER 8, ER 9, ER11 e ER 14). Nas suas extremidades, o sistema de fixação das correias apresenta-se idêntico aos das esporas de espeto, com orifícios singulares ou duplos em forma retangular ou circular, assim como terminais duplos em forma de “8”.

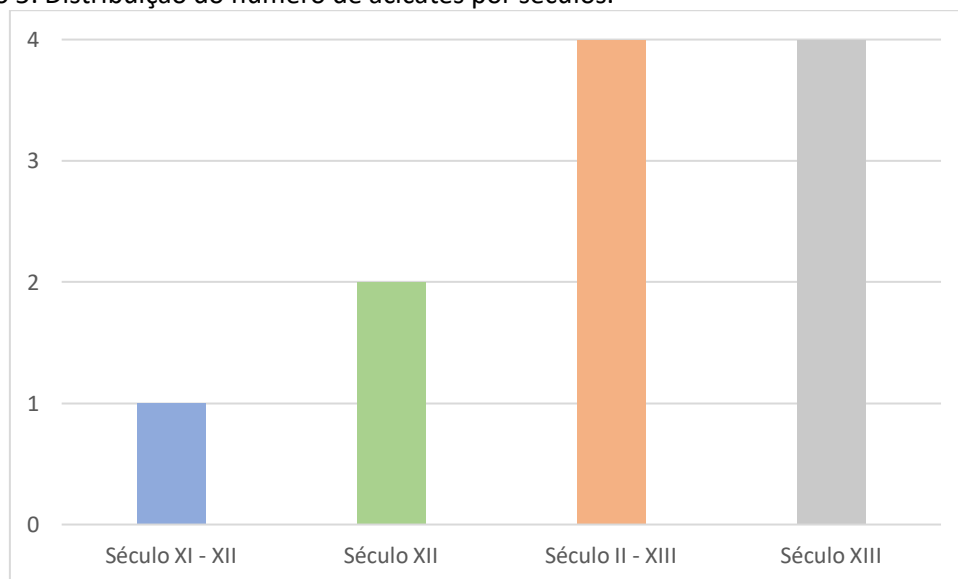
Evolutivamente, os exemplares dos séculos XIV e XV começam a demonstrar um aumento do comprimento da haste (ER 3, ER 4, ER 10, ER 12), número de puas (ER 3, ER 4, ER 13, ER 14) assim como uma curvatura de perfil.

Como já referido anteriormente, estas soluções adotadas devem-se, respetivamente, ao uso vigente nesta época do arnês e ao maior cuidado para evitar ferir o cavalo. Nestes exemplares mais recentes é também visível que as correias passam a ser fixadas aos terminais duplos em forma de “8” através de ganchos, assim como a presença de “talão” de forma a auxiliar a fixação da espora ao pé do cavaleiro (ER 2, ER 3, ER 5). O talão do exemplar ER 3 apresenta-se como um pequeno “tubo”, perpendicular ao aro, onde passaria a correia para fixar a espora.

No que diz respeito à ornamentação, apenas dois dos exemplares apresentam vestígios de decoração (ER 8, ER 9). Contudo, o exemplar ER 13 apresenta-se como o mais elaborado, ostentando nos seus braços quatro elementos folheados a ouro – dois lisos intercalados e dois com reticulado inciso e a sua haste também se encontra decorada com elementos em ouro. O exemplar ER 5 apresenta também uma decoração vegetalista e é rematado lateralmente por botões com decoração floral.

Para finalizar, no que diz respeito aos **acicates**, como é visível na tabela 3, o exemplar mais antigo é datado entre o século XI – XII (A 1) e os exemplares mais recentes datados do século XIII (A 4, A 8, A 9 e A 10).

Gráfico 5: Distribuição do número de acicates por séculos.



Todos os exemplares exibem grandes dimensões, entre os 15 cm e os 29 cm e os seus braços direitos, com perfil em U, existindo apenas alguns exemplares em que os braços se apresentam um pouco mais alargados (A 4 e A 8).

Relativamente ao seu espeto, a maioria dos exemplares apresentam uma ponta tubular alongada que inicia a partir de um disco circular, exceto o exemplar A 4, do século XIII, que apresenta um espeto de secção hexagonal que inicia a partir de um disco de secção octogonal. Este acicate é também o único exemplar em cobre da nossa amostra.

A maioria dos exemplares que ainda possuem sistema de fixação apresentam um duplo encaixe retangular - dois orifícios retangulares alongados. Contudo, é possível aferir, nos exemplares em que as extremidades se encontram faturadas, que o sistema de fixação seria o mesmo. Além deste duplo encaixe, todos os acicates apresentam no calcanhar, um passador de correia, colocado verticalmente. Este passador, na nossa amostra apresenta duas morfologias, retangular ou oval achatado. Ambas as morfologias são utilizadas durante o espaço cronológico apresentado.

Devido às vastas semelhanças entre os exemplares estudados é necessário ter em atenção que, a atribuição de uma datação específica se torna uma tarefa complexa, tendo em conta que a maioria dos exemplares (6) não apresenta contexto arqueológico, 3 exemplares apresentam apenas referências à sua descoberta e apenas 1 possui contexto arqueológico específico – sendo oriundo de intervenção arqueológica.

Assim sendo, após o estudo dos 70 exemplares presentes neste trabalho, é necessário asseverar que uma atribuição de cronologia específica revelou-se complexa e difícil, visto que a maioria dos elementos não foram encontrados em contexto arqueológico, nem possuíam referências à sua descoberta.

Referências Bibliográficas

1. Fontes Documentais

Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores e Jograis Galego-Portugueses: dos trovadores e jograis galego-portugueses. Edição de Graça Videira Lopes. Lisboa: Estampa, 2002. ISBN: 972-33-1788-5.

Cantigas d'Escarnho e de Maldizer dos Cancioneiros Medievais Galego-portugueses. Edição de Manuel Rodrigues Lapa. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1995. 3.^a Edição. ISBN 972-9230-42-0.

Chancelaria de D. Dinis: livro II. Edição de Rosa Marreiros. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2012. ISBN: 978-989-903-051-2.

Chancelarias Portuguesas: D. Duarte. Edição de João José Alves Dias. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade de Lisboa, 1999. vol. II.

Chancelarias Portuguesas: D. João I. Edição de João José Alves Dias. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade de Lisboa, 2006. vol. IV, tomo 2.

Cortes portuguesas: reinado de D. Afonso IV (1325-1357). Edição de A. H. de Oliveira Marques. Lisboa: Instituto de Investigação Científica da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, 1982.

Crónica de Portugal de 1419. Edição de Adelino de Almeida Calado. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1998. ISBN: 972-8021-58-5.

Crónica dos Sete Primeiros Reis de Portugal. Edição de Carlos da Silva Tarouca. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1952. ISBN: 978-972-624-181-2.

DUARTE, D. – *Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela.* Edição de Joseph Marie Piel. Lisboa: Livraria Bertrand, 1944. ISBN: 972-33-1312-X.

Livro Santo de Santa Cruz de Coimbra. Edição de Leontina Ventura e de Ana Santiago Faria. Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, 1990. ISBN: 972-667-123-X

GASTON, Phébus - “Livre de la Chasse”. [Consult. 06-05-21]. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52505055c/f1.double.shift>.

LOPES, Fernão – *Crónica de D. Fernando*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2004. 2.ª edição. ISBN: 972-27-1252-7.

LOPES, Fernão – *Crónica del-Rey Dom João I o da Boa Memória e dos Reis de Portugal, o décimo: primeira parte*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1977.

XENOFONTE - *L’art de la chasse*. Paris: Belles Lettres, 1970.

XENOFONTE - *De l’art equestre*. Paris: Belles Lettres, 1978.

2. Relatórios Técnicos

GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1996. Relatório técnico apresentado à DGPC. Policopiado.

GONÇALVES, Ana; HAUSCHILD, Theodor; TEICHNER, Felix; SANTOS, Ana Luísa; e UMBELINO, Cláudia – Relatório da Intervenção Arqueológica no Museu de Évora. 1997. Relatório técnico apresentado à DGPC. Policopiado.

3. Estudos

AGOSTINHO, Paulo Jorge Simões – *Vestidos para Matar: O armamento de guerra na cronística portuguesa de Quatrocentos*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. ISBN: 978-989-260-302-5.

AGUIAR, Miguel - “A ‘Honra’ De Cavalaria e a Aristocracia Medieval Portuguesa”. *Anuario De Estudios Medievales*. Barcelona: Institución Milá y Fontanals de Investigación

en Humanidades, vol. 48, n.º 2, 2018. pp. 561-586. ISSN 0066-5061. [Consult. 25-03-21]. Disponível em <https://doi.org/10.3989/aem.2018.48.2.01>.

ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.) - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales*. Paris : Diffusion E. De Boccard, 1979.

ALARCÃO, Jorge de – *O domínio romano em Portugal*. Sintra: Publicações Europa-América, 3ª edição, 1988.

ALARCÃO, Jorge de – “Conimbriga 20 anos depois: A Data do abandono de Conimbriga.” In **CORREIA, Virgílio Hipólito** - *Perspectivas Sobre Conimbriga*. Lisboa: Âncora Editora, 2004. pp. 98–99. ISBN: 9789727801404.

ÁLVARES-BUSTO, Alejandro García; CALDERÓN, Noelia Fernández – “El Caballero de las Espuelas Doradas. Análisis arqueológico de un enterramiento nobiliario medieval del Monasterio de Corias”. *Gladius*. Madrid: CSIC, vol. XXXIV, 2014. pp. 135-152. ISSN: 0436-029X

ALVES, Adalberto – *Dicionário de Arabismos da Língua Portuguesa*. Lisboa: INCM, 2013. ISBN: 978-972-272-163-9.

AMARAL, Maria Antónia Athayde – “Adornos de cavalo da época medieval, provenientes das escavações do castelo de Almourol (1898)”. In **ARNAUD, José Morais** - *Arqueologia em Portugal: 2017, Estado de Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2017. pp. 1495-1512. ISBN: 978-972-9451-71-3.

AREZES, Andreia – *Elementos de Adorno Altomedievicos em Portugal (Séculos V e VIII)*. Porto: Faculdade de Letras na Universidade do Porto, 2010. Tese de mestrado.

AREZES, Andreia — “Guarnições de freio de equídeos: perspectivas sobre um conjunto de materiais da antiguidade tardia no território português”. *PORTVGALIA*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Nova Série, vol. 36, 2015. pp. 63-76.

AREZES, Andreia — *O Mundo Funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: As Necrópoles dos Séculos V a VIII*. Porto: CITCEM, 2017. ISBN: 978-989-8351-81-4.

ARRUDA, Ana – “Conímbriga: Escavações de 1988-89”. *PORTVGALIA*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Nova Série, Vol. IX-X, 1988/89. pp. 93-100.

ARRUDA, Ana – “A época romano-republicana”. In **MATIAS, António** (coord.) – *Santarém. Carta Arqueológica Municipal*. Santarém: Município de Santarém, 2018. pp. 118-122.

BARROCA, Mário – “A Ocupação Medieval em Castelo de Matos. Primeira abordagem”. *Arqueologia*. Porto: Centro de Estudos Arqueológicos do Porto, nº 17, 1988. pp. 159-171.

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000.

BARROCA, Mário – “Os castelos dos templários em Portugal e a organização da defesa do reino no SÉC. XII”. *Acta historica et archaeologica mediaevalia*. Barcelona: Universidade de Barcelona, v.22, 2001. pp. 213-227. ISSN: 0212-2960.

BARROCA, Mário; DUARTE, Luís Miguel; MONTEIRO, João Gouveia – *Nova História Militar de Portugal*. Coord. de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. I, 2003. ISBN: 972-423-071-6.

BARTOSIEWICZ, László – “Ex Oriente Equus... A Brief History Of Horses Between The Early Bronze Age And The Middle Ages”. *MFME – Studarch XII*. 2011. pp. 1-10.

BEATRIZ, Márcio - *O Castelo de Alenquer. O contributo da arqueologia da arquitectura*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2014. Tese de mestrado.

BENECKE, N. – “The domestication of the horse”. In **SCHÄFFER, Johann** (ed.) - *Domestication of Animals. Interactions between Veterinary and Medical Sciences*. Frankfurt: Deutschen Veterinarmedizinischen Gesellschaft, 1998. pp. 9-21. ISBN: 9783930511648.

BLAIR, Claude – *European Armour, Circa 1066 to Circa 1700*. Londres: Batsford, 1958. ISBN: 978-084-480-052-3.

BLANCHE, Ellis - *Prick Spurs 700-1700, The Finds Research Group AD*. Norfolk: The Finds Research Group AD 700-1700, 2002. p. 8. ISSN: 0962-2217.

BOCCIA, Lionello – *Dizionari terminologici – Armi difensive dal Medioevo all’Età Moderna*. Firenze: Centro Di, 1982. ISBN: 978-887-038-050-7.

BUTTIN, François – “Du costume militaire au Moyen Âge et pendant la Renaissance”. In BUTTIN, François - *Memories de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona*. Barcelona: Real Academia de Buenas Letras, vol. XII, 1971.

CARVALHO, António - “A Pré-História recente”. In MATIAS, António (coord.) – *Santarém. Carta Arqueológica Municipal*. Santarém: Município de Santarém, 2018. pp. 104- 111.

Catálogo do Museu Militar (Antigo Museu da Artekharía). Lisboa: Imprensa Nacional, n.º 9, 1930. p. 158.

Catálogo da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. 2, 1882. [Consult. 20-12-20]. Disponível em <https://purl.pt/763>.

CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. London: HMSO, 1995. ISBN: 978-184-383-097-9.

COLARDELLE, Renée et Michel – “L’habitat medieval immergé de Colletière, à Charavines (Isère). Premier bilan des fouilles”. *Archéologie Médiévale*. Caen: Publications du Centre de Recherches Archéologiques et Historiques Médiévales, vol. 10, 1980. pp. 167-219. ISSN : 0153-9337.

COELHO, Filipe - *O sítio arqueológico de Conímbriga*. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2016. Tese de mestrado.

CORREIA, Virgílio Hipólito – “O fórum de Conímbriga e a evolução do centro urbano”. In **BASARRATE, Nogales (ed.)** - *Cidade e foro na Lusitânia Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, 2009. ISBN: 978-84-613-4193-1.

COSTA, Paula; LENCART, Joana – “Santarém: ponto de encontro das Ordens Militares e território de transição no seu horizonte senhorial (1147-1320)”. *Mátria Digital*. Santarém: Centro de Investigação Prof. Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, n.º 7, 2020. ISSN: 2183-1467.

CORREIA, Virgílio Hipólito; RUIVO, José – “Conimbriga: história, gestão e proteção de uma cidade romana”. *Arqueologia & História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, vol. 64-65, 2012-2013. pp. 141-152. ISSN: 0871-2735.

CUNHA, Margarida - *Comportamento Social do Cavalo do Sorraia em Regime Extensivo*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 2004. Tese de mestrado.

DEAN, Bashford - “A Descriptive Label for Spurs”. *The Metropolitan Museum of Art Bulletin*. Nova Iorque: The Metropolitan Museum of Art, Vol.11, No.10, 1916. pp.217-219. ISSN: 00261521.

DE MAN, Adriaan – “Algumas considerações em torno da cerâmica comum tardia conimbrigense”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I. P., 2004. Vol. 7, n.º 2. pp. 459-471. ISSN: 0874-2782.

DE MAN, Adriaan - “Cerâmica Medieval de Conimbriga”. In **MAN, Adriaan de; TENTE, Catarina (coord.)** - *ESTUDOS DE CERÂMICA MEDIEVAL: O Norte e Centro de Portugal - séculos XI a XII*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014. ISBN: 978-989 98749 2-3.

DIAS, Isabel - *A arte de ser bom cavaleiro*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. ISBN 972-33-1312-X.

DIXON, Karen; SOUTHERN, Pat - *The Roman Cavalry: From the First to the Third Century AD*. London: Barnes & Noble, 1992. ISBN: 978-0760717004.

EDGE, David; PADDOCK, John Miles – *Arms & Armour of the Medieval Knight*. Londres: Defoe Publishing, 1988. ISBN: 978-051-764-468-3.

EIROA, Jorge A. – *Antigüedades Medievales, Catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2006. ISBN: 978-849-598-376-3.

ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. *Portvgalia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Nova Série, vol. XXIX-XXX, 2008-2009. pp. 179-192. ISSN: 0871-4290.

FERRAZ, Carla; MATA, Luís - *Urbi Scallabis - Centro de interpretação*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, 2009.

GHENESCU, Ovidiu – “Medieval Rowel Spurs in the collection of the “Ioan Raica” Municipal Museum of Sebes”. *Terra Sebus: Acta Musei Sabesiensis*. Sebes: Muzeul Municipal “Ioan Raica” Sebeş, vol. 4, 2012. pp. 243-258. ISSN: 2066-9143.

GOODWIN, D. – “Horse behaviour: evolution, domestication and feralization”. In **WARAN, N.** (ed.) - *The Welfare of Horses*. Heidelberg: Springer Netherlands, Series Animal Welfare, vol. 1, 2002. pp. 1-18. ISBN: 978-1-4020-0766-8.

HOFFMEYER, Ada Bruhn de – “Introduction to the history of the European sword”. *Gladius*. Madrid: CSIC, vol. I, 1961. pp.30-75. ISSN: 0436-029X.

JANOWSKI, Andrzej – “Chronology and evolution of early medieval hooked spurs in the light of new funds and analyses”. *Fasciculi Archaeologiae Historicae*. Warszawa, Institute of Archaeology and Ethnology Polish Academy of Sciences, vol. 30, 2017. pp. 181-191. ISSN: 0860-0007.

JOPE, E.M – “The tinning of iron spurs: A continuous practice from the teeth to the seventeenth century”. *Oxoniensia*. Oxfordshire: Oxfordshire Architectural and Historical Society, vol. 21, 1956. pp.35-42. ISSN: 0308-5562.

LASOTA-MOSKALEWSKA, Alicja; SZYMCZAK, Karol; KHUDZHANAZAROV, Mukhiddnin – “A Problem of the Earliest Horse Domestication. Data from the Neolithic Camp Ayakagytna ‘The Site’, Uzbekistan, Central Asia”. *Archaeologia Baltica*. Klaipėda: Klaipėda University Press, vol. 11, 2009. pp. 14 -21.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge López – “De Conimbriga a Condeixa Evolución y transformación de una ciuitas romana en una ‘aldeia’ medieval”. In **LÓPEZ QUIROGA, Jorge** – *Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal)*. Oxford: British Archaeological Reports, 2013. pp. 319-341. ISBN 978-1407310770.

LÓPEZ QUIROGA, Jorge; BENITO DÍEZ, Laura – “Un cementerio medieval en la domus tancinus de Conimbriga, (Condeixa-à-velha, Portugal)”. In **LÓPEZ QUIROGA, Jorge** –

Conimbriga tardo-antigua y medieval: Excavaciones arqueológicas en la domus tancinus (2004-2008) (Condeixa-a-Velha, Portugal). Oxford: British Archaeological Reports, 2013. pp. 203-237. ISBN 978-1407310770.

MACHADO, José Pedro – *Vocabulário Português de Origem Árabe*. Lisboa: Editorial Notícias, 1991. ISBN: 978-972-460-557-9.

MATTOSO, José - *Ricos-homens, Infanções e Cavaleiros*. Lisboa: Guimarães Editores, 1985. ISBN: 9789726653035.

MATTOSO, José – “A nobreza e os cavaleiros vilãos na Península Ibérica (séculos X a XIV)”. In **MATTOSO, José** - *Naquele Tempo: Ensaio de História Medieval*. Lisboa: Temas e Debates, 2011. pp. 353-365. ISBN: 9789896440527.

MAUÉS, Fernando - As ensinanças do livro do cavalgar. Pará: Universidade Federal do Pará. [Consult. 06-02-2021]. Disponível em https://www.academia.edu/1204668/As_ensinan%C3%A7as_do_livro_do_cavalgar

MICHALAK, Arkadiusz – “Finding perfect equestrian equipment. Some thoughts about medieval and modern hybrids of stirrups and spurs from Central Europe”. *Fasciculi Archaeologiae Historicae*. Varsóvia: Institute of Archaeology and Ethnology of Polish Academy of Sciences, vol. 28, 2015. pp. 65-70. ISSN: 0860-0007. [Consult. 06-02-2021]. Disponível em http://www.rcin.org.pl/Content/58681/WA308_78463_PIII368_Finding-perfect-eque_l.pdf.

MONTEIRO, João Gouveia – *A Guerra em Portugal nos finais da Idade Média*. Lisboa: Editorial Notícias, 1999. ISBN: 972-460-961-3.

NOVICHENKOVA, Maria; KONTNY, Bartosz – “Spurs from the sanctuary at the gurzufskoe sedlo in crimea. on the problem of hook spurs”. In **TOMAS, Agnieszka (ed.)** - *Ad Fines Imperii Romani. Studia Thaddaeo Sarnowski septuagenario ab amicis, collegis discipulisque dedicata*. Varsóvia: Archeobooks, 2015. pp. 303–324. ISBN: 978-8361376460.

OLIVEIRA, José – “PEÃO OU CAVALEIRO a fortuna de um pequeno proprietário de Sesimbra, em 1369”. *ARQUIPÉLAGO – HISTÓRIA*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, 2ª série, VII, 2003.

OTTOWAY, Patrick; ROGERS, Nicola – *The Archaeology of York. The Small Finds: Craft Industry and Everyday Life*. York: Council for British Archaeology, vol. 17(15), 2002. ISBN: 978-190-277-111-3.

PEREIRA, Carlos; ARRUDA, Ana; SOUSA, Elisa – “Os artefactos metálicos da Idade do Ferro de Monte Molião (Lagos, Portugal)”. *LVCENTVM*. Alicante: Universitat d’Alacant / Universidad de Alicante: Departamento de Prehistoria, Arqueología e Historia Antigua, vol. XXXVIII, 2019. pp. 77-88. ISSN: 0213-2338.

PINHEIRO, Aristides; RITA, Abílio (trad.) - *Lei de almotaçaria, 26 de Dezembro de 1253*. Porto: Banco Pinto & Sotto Mayor, Subsídios para a História Económica de Portugal, 1983.

PONTE, António (dir.) - *Convento de Vilar de Frades: perspectivas de intervenção: 1994-2008*. Porto: Direção Regional de Cultura do Norte - Ministério da Cultura, n.º 8, 2020. ISBN 978-989-54871-1-0. [Consult. 12-05-21]. Disponível em https://www.academia.edu/44620320/_Convento_de_Vilar_de_Frades_perspetivas_de_interven%C3%A7%C3%A3o_1994_2008_Convent_of_Vilar_de_Frades_perspectives_of_intervention_1994_2008_

QUESADA, Fernando – “Mirando el mundo desde lo alto: espuelas y otros elementos asociados al caballo en el poblado de La Serreta de Alcoi”. *Recerques del Museu d’Alcoi*. Alcoi: CSUC, n.º 11, 2003. pp. 85-100. ISSN 1135-2663. [Consult. 08-02-2021]. Disponível em <https://www.raco.cat/index.php/RecerquesMuseuAlcoi/article/view/175580>.

QUESADA, Fernando - El gobierno del caballo montado antigüedad clásica con especial referencia al caso de iberia. Bocados, espuelas y la cuestión de la silla de montar, estribos y herraduras. *Gladius*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, vol. 25, 2005. pp. 97-150. ISSN 0436-029X.

RAMOS, Paulo - *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578): catálogo da exposição*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, 2004. ISBN: 9728491271.

RAPOSO, Raquel - *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Colecção Hipólito Cabaço*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2017. Tese de mestrado.

RAPOSO, Raquel – “Intervenção Arqueológica na “Porta da Conceição”, Alenquer, primeiros resultados.”. *Al-Madan Online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada, II Série (23), Tomo 2, 2020. pp.48-56. ISSN: 2183-7265.

SANTOS, Marília - *Arquitetura e Memória: Conimbriga e o Aqueduto Romano: a água enquanto Promotora de Intervenção no Território*. Coimbra: Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2017. Tese de mestrado.

SHORTT, H. de S. - “A provincial Roman spur from Longstock, Hants., and other spurs from Roman Britain”. *The Antiquaries Journal*. Cambridge: Cambridge University Press, vol. 39, 1959. pp. 61-76. ISSN: 0003-5815.

SIMPLÍCIO, Domingas – “A cidade de Évora e a relevância do Centro Histórico”. In **FERNANDES, José Alberto Rio; SPOSITO, Maria Encarnação** – *A Nova Vida do Velho Centro nas Cidades Portuguesas e Brasileiras*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, CEGOT, 2013. ISBN: 978-989-8648-01-3.

SIMPLÍCIO, Domingas – “Évora: Origem e Evolução de uma Cidade Medieval”. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Iª Série, vol. XIX, 2003. pp. 365-372. ISSN: 0871-1666.

ROBAK, Zbigniew – “Carolingian or not? An analysis of the fitting from Haliczany in the context of other Early Medieval finds from selected areas of the Western Slavic Territories”. *Slovenská archeológia*. Bratislava: Slovenská Akadémia Vied, nº.66, 2018. pp.49-105. ISSN:1335-0102.

ROBAK, Zbigniew – “The Early Carolingian spur from Smolenice, found in 1934”. *Študijné zvesti Archeologického Ústavu Sav.* Eslovénia: Nitra-Ústav, nº.66, 2019. pp. 149-160. ISSN: 0560-2793.

SOLER DEL CAMPO, Álvaro – “Espuelas andalusíes del Museo Arqueológico Nacional”. *Boletín de la Sociedad Española de Orientalistas.* Madrid: Portada Publicaciones, vol. XX, 1984. pp. 261-269. ISSN: 0571-3692.

SOLER DEL CAMPO, Álvaro – “Estudio comparativo de un conjunto de espuelas bajomedievales”. *Actas del II Congreso Medieval de Arqueología Española tomo III.* Madrid: Asociación Española de Arqueología Medieval, 1987. pp. 179-190.

SOLER DEL CAMPO, Álvaro – *La Evolución del Armamento Medieval en el Reino Castellano-Leonés y Al-Andalus (Siglos XII-XIV).* Madrid: Servicio de Publicaciones del EME, Col. ADALID, vol.33, 1993. ISBN: 978-848-680-644-6.

SOLER DEL CAMPO, Álvaro – “Arreos y jaeces para caballería en Al Andalus”. *In Al-Andalus y el caballo.* Granada: Fundación el Legado Andalusi, 1995. pp. 81-98. ISBN: 8477823413.

VIANA, Mário – “A lei de almotaçaria e a política económica de Afonso III”. *In GREGÓRIO, Rute - Abordagens à história rural continental e insular portuguesa, séculos XIII-XVIII.* Ponta Delgada: Centro de História de Além-Mar, Estudos & Documentos, vol. 20, 2013. pp. 45-71. ISBN: 9789898492210.

VIGNERON, Paul - *Le cheval dans l'antiquité gréco-romaine (Des Guerres médiques aux grandes Invasions).* Nancy: Faculté des Lettres et des Sciences Humaines de L'Université de Nancy, 1968.

VILLAMARIZ, Catarina Madureira – *A arquitectura das Ordens Mendicantes dos Séculos XIII e XIV: Singularidades do Panorama Nacional.* Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2018. ISBN: 978-972-623-344-2.

Anexos

Anexo 1 – Catálogo de Materiais

ALENQUER

ER 1 / MHCA, 2201

Proveniência: Castelo de Alenquer (Freg. Santo Estevão; Conc. Alenquer; Dist. Lisboa).

Paradeiro: ---

Nº de Inventário: 2201

Tipologia: Espora de roldana.

Material: Ferro.

Peso: 51,20 g.

Dimensões gerais: 14,5 cm de comprimento e 9 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: ---

Talão: ---

Secção aro: ---

Sistema de Fixação: Abertura ovalada.

Contexto: Escavações promovidas por Hipólito Cabaço junto da Porta da Conceição do Castelo de Alenquer.

Descrição: Espora de roldana, em ferro. Aro em U, com braços longos e sem curvatura para adaptação anatómica. Possui 14,5 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9 cm no seu ponto mais amplo. A espora apresenta uma haste de reduzido desenvolvimento, onde a roldana está ausente, por fratura. Como sistema de fixação, apresenta nas suas extremidades uma única abertura ovalada para o encaixe das correias.

Proposta de cronologia: Século XIV.

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. pp. 301-302. (nº 39).

RAPOSO, Raquel - *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Colecção Hipólito Cabaço*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2017. Tese de mestrado. p.243.



Figura1: Fotografia da espora ER 1 / MHCA, 2201²¹⁹.

²¹⁹ **RAPOSO, Raquel** - Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Colecção Hipólito Cabaço. (p. 243).

ER 2 / MHCA, 5295

Proveniência: Castelo de Alenquer (Freg. Santo Estevão; Conc. Alenquer; Dist. Lisboa).

Paradeiro: ---

Nº de Inventário: 5295

Tipologia: Espora de roldana.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: 16,1 cm de comprimento e 9,2 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: 6.

Talão: 2 cm (?)

Secção aro: ---

Sistema de Fixação: Abertura circular.

Contexto: Escavações promovidas por Hipólito Cabaço junto da Porta da Conceição do Castelo de Alenquer.

Descrição: Espora de roldana, em ferro. Aro em V, possível secção em D, com uma ligeira curvatura para adaptação anatómica e talão. Possui 16,1cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9,2 cm no seu ponto mais amplo. A espora apresenta uma haste rematada por uma roldana de 6 puas. Como sistema de fixação, apresenta numa das suas extremidades uma única abertura circular, com a presença de um clipe de metal. O outro terminar encontra-se fraturado.

Proposta de cronologia: Século XIV.

Bibliografia:

RAPOSO, Raquel - *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Colecção Hipólito Cabaço*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2017. Tese de mestrado. p. 243.

Notas: Apresenta paralelos com uma congénere exumada do castelo de Faria, Barcelos apresentada neste trabalho - ER3 / MAB, S/Ref^a.



Figura 2: Fotografia e desenho da espora ER 2 / MHCA, 5295²²⁰.

²²⁰ **RAPOSO, Raquel** - *Castelo de Alenquer: ensaio sobre a Colecção Hipólito Cabaço*. (p. 243).

ALMOUROL

ER 3 / CITA, S/Refª.

Proveniência: Castelo de Almourol (Freg. Praia do Ribatejo; Conc. Vila Nova da Barquinha; Dist. Santarém).

Paradeiro: Centro de Interpretação Templário de Almourol

Nº de Inventário: ---

Tipologia: Espora de roldana.

Material: Cobre.

Peso: ---

Dimensões gerais: 15,5 cm comprimento e 13,5 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: 8.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Dois orifícios circulares com uma presilha.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana, em cobre. Aro em U, com secção triangular, e quando visto de perfil, revela uma curvatura para adaptação anatómica. Possui 17,5 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 13,5 cm no seu ponto mais amplo. A espora apresenta uma haste com desenvolvimento médio, que remata numa roldana de 8 puas. Como sistema de fixação das correias, apresenta nas suas extremidades dois orifícios circulares onde, num dos braços se encontra fixado uma fivela em forma de “8”. Apresenta em cada extremidade dois apliques em forma retangular.

Proposta de cronologia: Séculos XIV-XV.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 3: Fotografia da espora ER 2 / CITA, S/Ref^a.
Fotografia da autora.



Figura 4: Fotografia da espora ER 2 / CITA, S/Ref^a.
Fotografia da autora.

BAIÃO

EE 1 / MAB, 372-98

Proveniência: Castelo de Matos (Freg.; Conc. Baião; Dist. Porto).

Paradeiro: Museu Arqueológico de Baião

Nº de Inventário: 372-98

Tipologia: Espora de espeto.

Material: Ferro.

Peso: 323,00 g.

Dimensões gerais: 25,60 cm de comprimento e 8,40 cm de largura.

Dimensões Espeto: 8,80 cm de comprimento.

Secção aro: Sub-circular.

Talão: ---

Sistema de Fixação: Rebites.

Contexto: Encontrada no Castelo de Matos, no Estrato 2^a, que correspondente ao nível de incêndio que destruiu a primeira estrutura fortificada em madeira, sobre o qual se edificou o castelo românico do século XII. Os materiais encontrados apontam para uma cronologia dentro da segunda metade do século XI, o que é confirmado também pelos dados documentais²²¹.

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro, com perfil em U e de secção subcircular, quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Mede 17 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de aproximadamente 8,4 cm no seu ponto mais amplo. O seu espeto, bicónico, longo e volumoso, possui 8,8 cm de comprimento e apresenta secção circular. Numa das suas extremidades é visível os terminais das correias que se afixavam à espora com o que aparenta ser rebites.

²²¹ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 286).

Proposta de cronologia: Segunda metade do Século XI.

Bibliografia:

BARROCA, Mário – “A Ocupação Medieval em Castelo de Matos. Primeira abordagem”. *Arqueologia*. Porto: Centro de Estudos Arqueológicos do Porto- Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1988. nº 17, pp. 159-171.

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. P.292. (nº26).



Figura 5: Fotografia da espora EE 1 / MAB, 372-98, por Egídio Santos, CMB. Núcleo de Arqueologia do Museu Municipal de Baião.

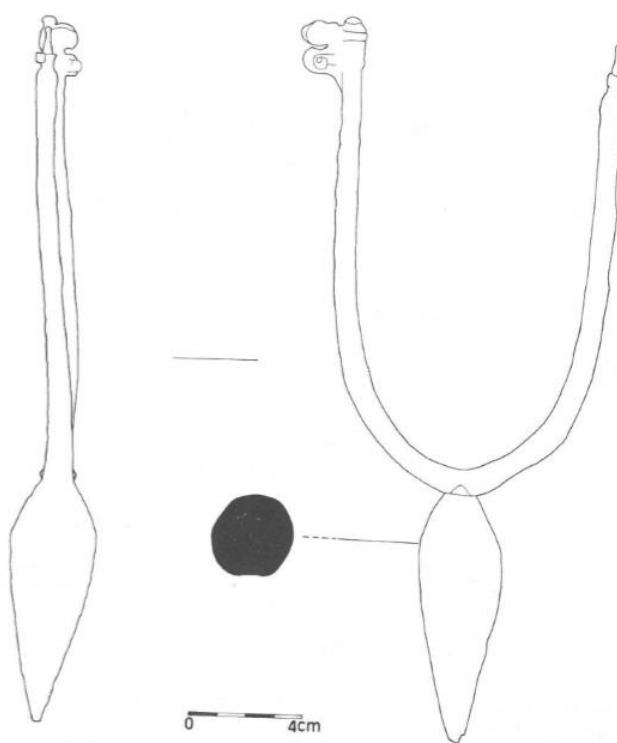


Figura 6: Desenho da espora EE 1 / MAB, 372²²².

²²² **BARROCA, Mário** – “A Ocupação Medieval em Castelo de Matos. Primeira abordagem”. (p.15).

BARCELOS

EE 2 / MAB, S/Refª.

Proveniência: Castelo de Faria (Freg. Pereira; Conc. Barcelos; Dist. Braga).

Paradeiro: Museu Arqueológico de Barcelos

Nº de Inventário: ---

Tipologia: Espora de espeto.

Material: Ferro.

Peso: 81 g.

Dimensões gerais: 12,8 cm de comprimento e 11,14 cm de largura.

Dimensões espeto: 4,59 de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: Perfuração para as duas correias.

Contexto: Escavações realizadas entre 1930 e 1949, pelo “Grupo Alcides de Faria”²²³, sem contexto estratigráfico. As escavações forneceram um elevado número de materiais atribuídos ao século XIV. Porém, coloca-se a hipótese de a espora ser anterior a essa centúria²²⁴.

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro, com perfil em U e de secção circular, quando visto de perfil apresenta curvatura para adaptação anatómica. Apenas um dos seus braços se encontra completo. Mede 12,8 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de aproximadamente 11,14 cm no seu ponto mais amplo. O seu espeto, pouco pronunciado, é rematado por uma cabeça piramidal com quatro faces (2,1 cm de

²²³ Grupo amador, procedendo a escavações sem a utilização de métodos científicos.

²²⁴ BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 291).

largura e comprimento máximo de 2,5 cm), possui 4,59 cm comprimento. Como sistema de fixação, a espora é rematada por uma única perfuração.

Proposta de cronologia: Séculos XII-XIII.

Bibliografia:

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1978. Tese de Doutoramento.

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.292. (nº29).

Notas: ---



Figura 7: Fotografia da Espora EE 2 / MAB, S/Refª.²²⁵.

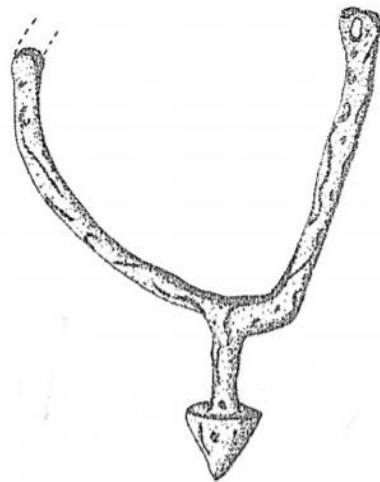


Figura 8: Desenho da espora EE 2 / MAB, S/Refª²²⁶.

²²⁵ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 290).

²²⁶ **ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de** - *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1978. Tese de Doutoramento. (p. 71).

ER 4 / MAB, S/Refª.

Proveniência: Castelo de Faria (Freg. Pereira; Conc. Barcelos; Dist. Braga).

Paradeiro: Museu Arqueológico de Barcelos.

Nº de Inventário: ---

Tipologia: Espora de roldana.

Material: Ferro.

Peso: 47,7 g.

Dimensões gerais: 13,3 cm de comprimento e 6,94 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: 3,94 cm.

Nº puas: 8.

Talão: ---

Secção aro: ---

Sistema de Fixação: Orifício circular.

Contexto: Escavações realizadas entre 1930 e 1949, pelo “Grupo Alcides de Faria”²²⁷, sem contexto estratigráfico.

Descrição: Espora de roldana, em ferro.

O seu aro, com perfil em “V”, quando visto de perfil apresenta uma ligeira curvatura para adaptação anatómica. Ambos os braços se encontram fragmentados, não possuindo assim o sistema para a fixação das correias. Mede 13,3 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de aproximadamente 6,94 cm no seu ponto mais amplo. A espora apresenta uma pequena haste, de secção circular, com 3,65 cm de

²²⁷ Grupo amador, procedendo a escavações sem a utilização de métodos científicos.

comprimento e 0,88 cm de diâmetro que remata na sua roldana de 8 puas. Esta, de médio desenvolvimento possui 3,94 cm de diâmetro.

Proposta de cronologia: Século XIV.

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.300-301. (nº38)..

Notas: ---



Figura 9: Fotografia da espora ER 4 / MAB, S/Refª.²²⁸

²²⁸ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 300).

EE 3 / VF99/30/23/16

Proveniência: Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Freg. Areia de Vilar; Conc. Barcelos; Dist. Braga).

Paradeiro: ---

Nº de Inventário: VF99/30/23/16

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: 17 cm de comprimento e 10,4 cm de largura.

Dimensões espeto: 8 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D” e Triangular.

Sistema de Fixação: No lado direito é visível uma perfuração circular enquanto no lado esquerdo a perfuração é vertical e de forma quadrangular.

Contexto: Escavações arqueológicas realizadas no âmbito das obras de reabilitação no Convento de Vilar de Frades, na segunda campanha de 1999. Espólio proveniente da sondagem 30, localizada no canto Sudoeste da nave da Igreja. As esporas foram encontradas sob o piso de ocupação do séc. XV, em contexto de destruição dos enterramentos do séc. XII/ XIII realizados em sepulturas polilíticas.

Descrição: Espora de espeto, em ferro (pé esquerdo). Aros com perfil em U e curvados em S, que, quando vistos de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé. Mede 17 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 10,4 cm no seu ponto mais amplo. O seu espeto, com 8 cm de comprimento, de secção tubular, colo curto e ponta piramidal é rematado por um botão de secção com tendência semicircular e apresenta uma inclinação de 45 graus em relação ao arco. Como sistema de fixação das correias, a espora apresenta dois tipos diferentes de terminais.

No lado direito é visível uma perfuração circular enquanto no lado esquerdo a perfuração é vertical e de forma quadrada, protegida externamente por uma placa cuja superfície conserva marcas de decoração²²⁹.

Proposta de cronologia: Século XIII.

Bibliografia:

ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. *Portvgalia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008-2009. Nova Série, vol. XXIX-XXX, pp. 179-192. ISSN: 0871-4290.

Notas: Como paralelos, segundo Erasun Cortez, podemos referir “*os acicates de Fernando de la Cerda; Santa Maria de la Real de Huelgas, Burgos no Museu de Telas Medievales – inv.001/017MH; o acicate de Fernando III na Armaria Real de Madrid, datado em 1218-1252 – cat.F.159, f-60; o acicate do Museu Nacional de Arte Romano de Merida; o acicate do Museu Arqueológico Provincial de Cuenca, encontrado no Reillo e o Acicate do Museu de Ciudad Real -inv. AI-88-III*”²³⁰.

²²⁹ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.183).

²³⁰ *Idem.* (p.184).

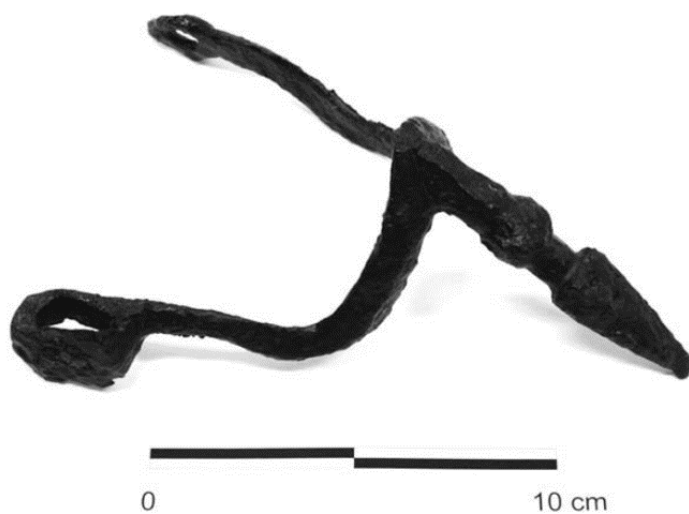


Figura 10: Fotografia da espora EE 3 / VF99/30/23/16.²³¹

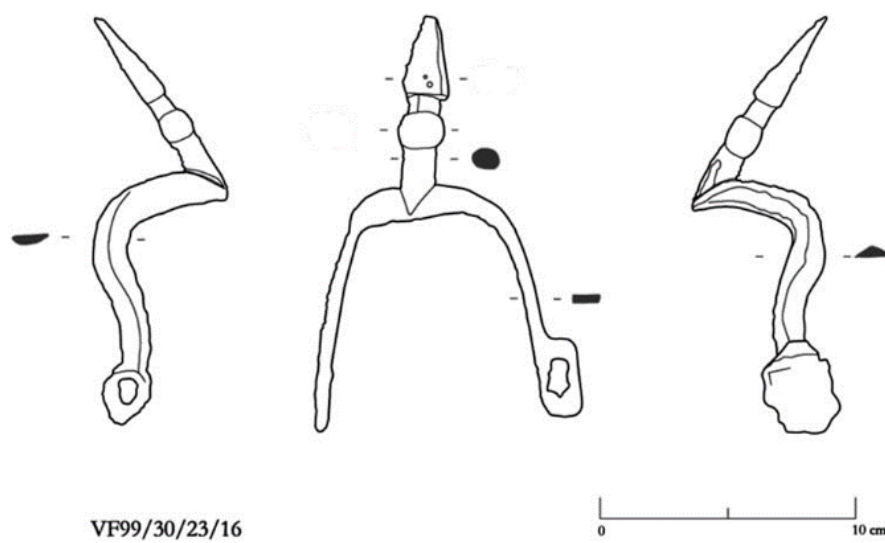


Figura 11: Desenho da espora EE 3 / VF99/30/23/16.²³²

²³¹ ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p. 190).

²³² *Idem. Ibidem.*

EE 4 / VF99/30/23/17, A20 e A21

Proveniência: Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Freg. Areia de Vilar; Conc. Barcelos; Dist. Braga).

Paradeiro: ---

Nº de Inventário: VF99/30/23/17, A20 e A21

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: 12,5 cm de comprimento e 8 cm de largura.

Dimensões espeto: 7 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: São visíveis dois tipos de terminais. Uma perfuração circular que corresponde ao lado interior do botim e uma perfuração vertical de forma quadrada.

Contexto: Escavações arqueológicas realizadas no âmbito das obras de reabilitação no Convento de Vilar de Frades, na segunda campanha de 1999. Espólio proveniente da sondagem 30, localizada no canto Sudoeste da nave da Igreja. As esporas foram encontradas sob o piso de ocupação do séc. XV, em contexto de destruição dos enterramentos do séc. XII/ XIII realizados em sepulturas polilíticas.

Descrição: Esporas de espeto, em ferro (pé esquerdo). Aros com perfil em U com braços retos e ligeiramente descaídos nas extremidades. Quando vistos de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé. Medem 12,5 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 8 cm no seu ponto mais amplo. O seu espeto, incompleto, com 7 cm, de secção cónica é rematado por um topo de botão tendência semicircular delimitado por anéis. Como sistema de fixação das correias, uma das esporas conserva os dois terminais, onde é visível uma perfuração circular que corresponde ao lado interior do botim e uma perfuração vertical de forma quadrada.

As esporas apresentam ainda decoração externa, um triângulo cujo campo não apresenta preenchimento visível na curvatura dos seus braços²³³.

Proposta de cronologia: Século XV.

Bibliografia:

ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. *Portvgalia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008-2009. Nova Série, vol. XXIX-XXX, pp. 179-192. ISSN: 0871-4290.

Notas: Como paralelos, segundo Erasun Cortez, podemos referir “*um par de esporas pertencentes ao fundo de S. João de Alporão do Museu Municipal de Santarém – inv. MMS-003796 e 003796/1-TR (Barroca e Monteiro, 2000, p. 293-294), que como já foi indicado são datadas no século XV mas que, diferentemente das peças em estudo, estão feitas em cobre*”²³⁴.



Figura 12: Fotografia da espora EE 4 / VF99/30/23/17, A20 e A21.²³⁵

²³³ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.184).

²³⁴ *Idem. Ibidem.*

²³⁵ *Idem.* (p. 192).

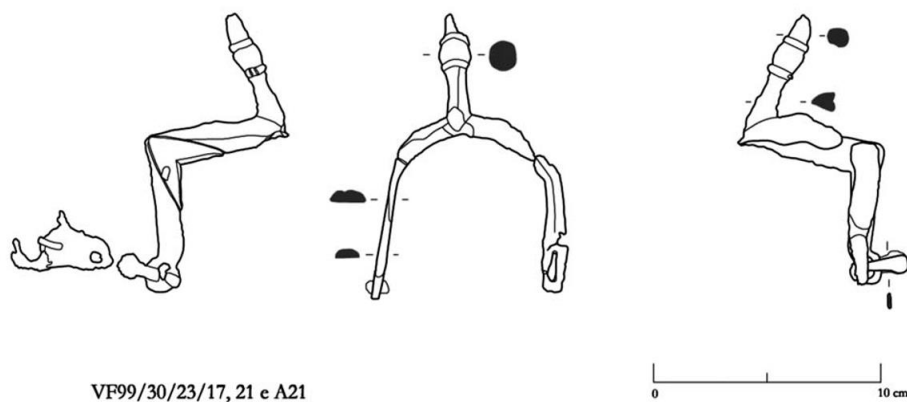


Figura 13: Desenho da espora EE 4 / VF99/30/23/17, A20 e A21.²³⁶

²³⁶ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p. 192).

EE 5 / VF99/30/23/18 e 21

Proveniência: Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Freg. Areia de Vilar; Conc. Barcelos; Dist. Braga).

Paradeiro: ---

Nº de Inventário: VF99/30/23/18 e 21

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: 14,5 cm de comprimento e 6,8 cm de largura.

Dimensões espeto: 6,5 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Orifício circular num dos braços.

Contexto: Escavações arqueológicas realizadas no âmbito das obras de reabilitação no Convento de Vilar de Frades, na segunda campanha de 1999. Espólio proveniente da sondagem 30, localizada no canto Sudoeste da nave da Igreja. As esporas foram encontradas sob o piso de ocupação do séc. XV, em contexto de destruição dos enterramentos do séc. XII/ XIII realizados em sepulturas polilíticas.

Descrição: Espora de espeto, em ferro (pé direito). Aros com perfil em U, com braços retos e ligeiramente descaídos nas extremidades. Quando vistos de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé. Medem 14,5 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 6,8 cm no seu ponto mais amplo. O seu espeto, deteriorado, com 6,5 cm, de secção tubular e ponta cónica, após restauro, apresenta ser idêntico ao espeto da espora VF99/30/23/17, A20 e A21. Como sistema de fixação das correias, a espora conserva apenas um dos terminais, perfurado na haste, em forma circular. Conserva ainda parte da anilha que fixaria a fivela à espora, assim como esta última.

A espora apresenta ainda decoração externa, um triângulo cujo campo não apresenta preenchimento visível na curvatura dos seus braços²³⁷.

Proposta de cronologia: Século XV.

Bibliografia:

ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. *Portvgalia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008-2009. Nova Série, vol. XXIX-XXX, pp. 179-192. ISSN: 0871-4290.

Notas: Como paralelos, segundo Erasun Cortez, podemos referir um “*par de esporas pertencentes ao fundo de S. João de Alporão do Museu Municipal de Santarém – inv. MMS-003796 e 003796/1-TR (Barroca e Monteiro, 2000, p. 293-294), que como já foi indicado são datadas no século XV, mas que, diferentemente das peças em estudo, estão feitas em cobre*”²³⁸.



Figura 14: Fotografia da espora EE 5 / VF99/30/23/18 e 21.²³⁹

²³⁷ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.184).

²³⁸ *Idem.* (p.184).

²³⁹ *Idem.* (p.191).

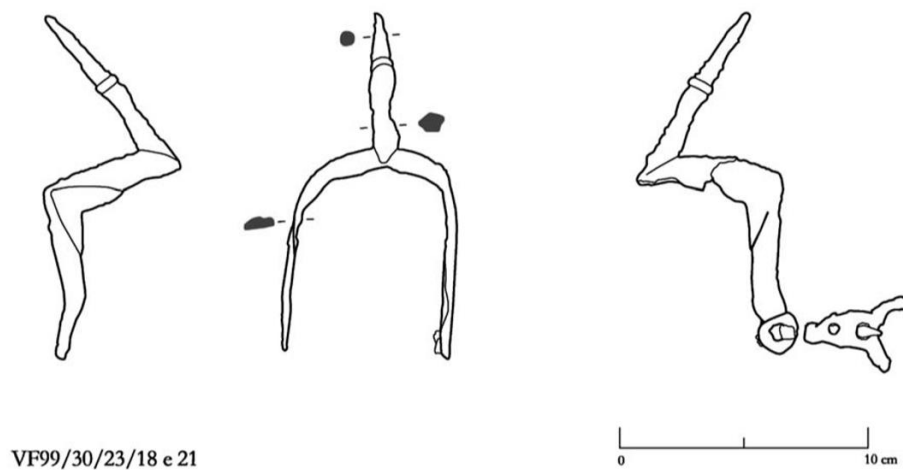


Figura 15: Desenho da espora EE 5 / VF99/30/23/18 e 21.²⁴⁰

²⁴⁰ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.191).

Proveniência: Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Freg. Areia de Vilar; Conc. Barcelos; Dist. Braga).

Paradeiro: ---

Nº de Inventário: VF99/30/23/19

Tipologia: Espora de espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: 14,5 cm de comprimento e 8 cm de largura.

Dimensões espeto: 6,5 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Orifício circular num dos braços.

Contexto: Escavações arqueológicas realizadas no âmbito das obras de reabilitação no Convento de Vilar de Frades, na segunda campanha de 1999. Espólio proveniente da sondagem 30, localizada no canto Sudoeste da nave da Igreja. As esporas foram encontradas sob o piso de ocupação do séc. XV, em contexto de destruição dos enterramentos do séc. XII/ XIII realizados em sepulturas polilíticas.

Descrição: Espora de espeto, em ferro. Aros com perfil em U, retos, com ângulo de 90 graus e secção semicircular. Quando vista de perfil, a espora apresenta curvatura do perfil para se adaptar à anatomia do pé. Mede 14,5 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 6,5 cm no seu ponto mais amplo. O seu espeto, com 8 cm de comprimento, de secção tubular e ponta cónica é rematado por um botão de tendência semicircular e colo curto e apresenta uma inclinação de 45 graus em relação ao arco. Como sistema de fixação das correias, a espora apresenta nas suas extremidades perfurações em forma circular. As suas reduzidas dimensões colocam a hipótese de se

tratar de uma peça associada a um botim de couro destinado a uso civil ou ao pé de um infante²⁴¹.

Proposta de cronologia: Século XIII.

Bibliografia:

ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. *Portvgalia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008-2009. Nova Série, vol. XXIX-XXX, pp. 179-192. ISSN: 0871-4290.

Notas: Como paralelos, segundo Erasun Cortez, podemos referir os “*acicates de Fernando de la Cerda; Santa Maria de la Real de Huelgas, Burgos no Museu de Telas Medievales – inv.001/017MH; o acicate de Fernando III na Armaria Real de Madrid, datado em 1218-1252 – cat.F.159, f-60; o acicate do Museu Nacional de Arte Romano de Merida; o acicate do Museu Arqueológico Provincial de Cuenca, encontrado no Reillo e o Acicate do Museu de Ciudad Real -inv. AI-88-III*”²⁴².

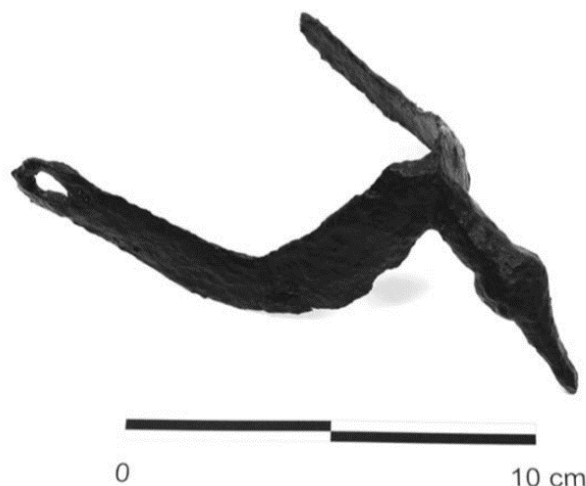


Figura 16: Fotografia da espora EE 6 / VF99/30/23/19.²⁴³

²⁴¹ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.183).

²⁴² *Idem.* (p.184).

²⁴³ *Idem.* (p.189).

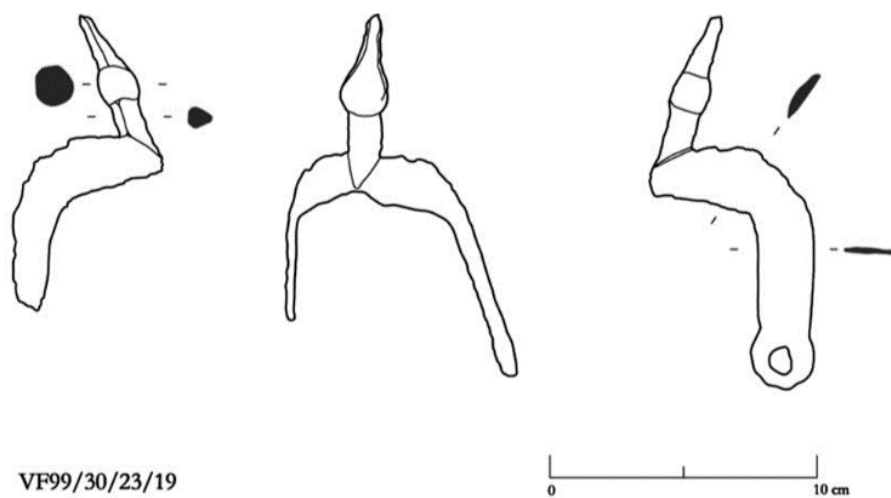


Figura 17: Desenho da espora EE 6 / VF99/30/23/19.²⁴⁴

²⁴⁴ **ERASUN CORTEZ, Ricardo; FAURE, Francisco Líbano Monteiro** – “Um conjunto de Esporas Medievais Provenientes do Convento de S. Salvador de Vilar de Frades (Barcelos)”. (p.189).

CASTELO BRANCO

A 1 / MFTPJ, 41.6

Proveniência: Desconhecida (Freg. Castelo Branco; Conc. Castelo Branco; Dist. Castelo Branco).

Paradeiro: Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Nº de Inventário: 41.6 MFTPJ

Tipologia: Acicate.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: 19 cm de comprimento e 6,40 cm de largura.

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Possível duplo encaixe retangular.

Contexto: ---

Descrição: Acicate em Ferro, com braços incompletos, perfil em U e secção em D. Mede 19 cm de comprimento e 6,4 cm de largura. Apresenta uma ponta tubular que inicia a partir de um disco de configuração circular. A sua ponta é colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo, com um bico espesso. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, de secção oval achatada, colocado verticalmente.

Apresenta vestígios de dourado.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: Doação de Tenente Mário Marques de Andrade.



Figura 18: Fotografia do acicate A 1 / MFTPJ, 41.6.
Fotografia por José Pessoa²⁴⁵.

245

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=217245&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

A 2 / MFTPJ, 41.7

Proveniência: Desconhecida (Freg. Castelo Branco; Conc. Castelo Branco; Dist. Castelo Branco).

Paradeiro: Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Nº de Inventário: 41.7 MFTPJ

Tipologia: Acicate.

Material: Ferro.

Peso: 180 g.

Dimensões gerais: 27 cm de comprimento e 6,40 cm de largura.

Dimensões espeto: 9,9 cm de comprimento e cerca de 1,2 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Retangular aplanada.

Sistema de Fixação: Duplo encaixe retangular.

Contexto: ---

Descrição: Acicate em Ferro, com braços direitos, perfil em U e secção retangular aplanada. Mede 27 cm de comprimento. Apresenta uma ponta tubular, com 9,9 cm de comprimento, que inicia a partir de um disco de secção losangular, com 5,2 cm de diâmetro. A sua ponta tubular, com espessura entre 0,4 e 1,2 cm é colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo, com bico estreito e apontado. Como sistema de fixação apresenta em ambas as extremidades duplos encaixes retangulares - orifícios alongados retangulares. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, de secção oval achatada, colocado verticalmente. Apresenta vestígios de dourado e laminação.

Proposta de cronologia: Século XII.

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.297. (nº34).

Notas: ---



Figura 19: Acicate A 2 / MFTPJ, 41.7.
Fotografia por José Pessoa²⁴⁶.

246

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=217246&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

A 3 / MFTPJ, 41.8

Proveniência: Desconhecida (Freg. Castelo Branco; Conc. Castelo Branco; Dist. Castelo Branco).

Paradeiro: Museu Francisco Tavares Proença Júnior

Nº de Inventário: 41.8 MFTPJ

Tipologia: Acicate.

Material: Ferro. **Peso:** 126,60 g

Dimensões gerais: 19 cm de comprimento.

Dimensões espeto: 11,20 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: Subretangular.

Sistema de Fixação: Duplo encaixe retangular.

Contexto: ---

Descrição: Acicate em Ferro, perfil em U, direito e de secção subretangular. Apresenta um dos braços incompletos - sem a extremidade. Mede 19 cm de comprimento. Apresenta uma ponta tubular, com 11,2 cm de comprimento, que inicia a partir de um disco de secção losangular, com 4,6 cm de diâmetro. A sua ponta, com espessura entre 0,8 e 1,3 cm é colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo, com bico espesso alongado. Como sistema de fixação apresenta, na extremidade preservada, um duplo encaixe - orifícios alongados retangulares. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, de secção oval achatada, colocado verticalmente.

Apresenta vestígios de dourado.

Proposta de cronologia: Século XII

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.297. (nº35).

Notas: Doação de Coronel José Martins Cameira.



Figura 20: Fotografia do acicate A 3 / MFTPJ, 41.8.
Fotografia por José Pessoa²⁴⁷.

²⁴⁷ MatrizNet,
<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=217247>, acedido em
22/05/2018.

CONÍMBRIGA

EE 7 / MMC, A 4092

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conimbriga

Nº de Inventário: A 4092

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 138,52 g.

Dimensões gerais: 23,8 cm de comprimento, 9, 6 cm de largura.

Dimensões espeto: 4,9 cm de comprimento e 0,95 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta braços em forma de U, de secção circular, e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Mede 23,8 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9,6 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 7,3 mm e os 8,9 mm. O seu espeto possui 4,9 cm de comprimento e apresenta secção circular. Tanto nos braços como no espeto a espora apresenta decoração a fio dourado formando o que aparenta ser motivos geométricos.

Proposta de cronologia: Século XII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: Possível paralelo: MC73 1 (72), Figura 90 (320)²⁴⁸. Dois fragmentos de uma espora de espeto, com decoração em fio, encontrado entre materiais Anglo-saxonicos.



Figura 21: Fotografia da espora EE 7 / MMC, A 4092.
Fotografia da autora.

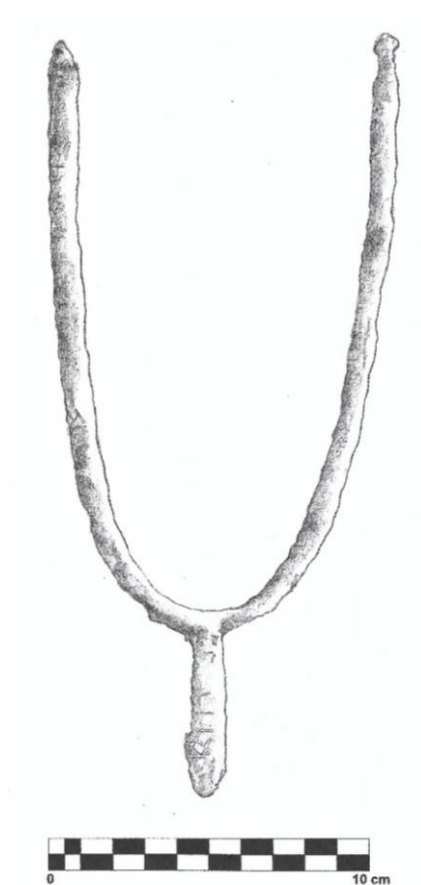


Figura 22: Desenho da espora
EE 7 /MMC, A 4092.
Desenho da autora.



Figura 23: Pormenor da decoração a
dourado do espeto.
Fotografia da autora.

²⁴⁸ CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 131).

EE 8 / MMC, 65.124

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conimbriga

Nº de Inventário: 65.124

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 51, 11 cm.

Dimensões gerais: 18,4 cm de comprimento e 7,3 cm de comprimento.

Dimensões espeto: 3,40 cm de comprimento e 0,46 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: Passadores retangulares, perfurados na haste.

Contexto: Nas Fouilles de Conimbriga²⁴⁹ é referido que a espora foi recolhida em contexto de destruição do Fórum – 65 F IX.27(3). Segundo Virgílio Correia, o Fórum, de Época Flaviana foi identificado durante as escavações arqueológicas que decorreram entre 1964 e 1971 e sob este foram identificados restos de um fórum de “modelo republicano”. O Fórum, devido ao abandono da população, e à conta do aparecimento do cristianismo foi, alguns séculos mais tarde, utilizado como cemitério²⁵⁰.

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta braços em forma de U, de secção circular, e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Mede 18,4 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 7,3 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 4,4 mm e os 4,9 mm. O seu espeto possui 3,4 cm de comprimento e apresenta secção circular, expondo no final um pico

²⁴⁹ ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.) - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales.* (p. 102).

²⁵⁰ CORREIA, Virgílio Hipólito – “O fórum de Conimbriga e a evolução do centro urbano”. In BASARRATE, Nogueles (ed.) - *Cidade e foro na Lusitânia Romana.* (p.90).

em forma de ogiva. O espeto encontra-se ligeiramente inclinado para a esquerda. A espora é rematada por aberturas retangulares perfuradas nas hastes. Estas servem o propósito de receber as correias de couro que serviam para as fixar ao pé do cavaleiro.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia:

ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.) - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales.* (p. 102).

Notas: ---



Figura 24: Fotografia da espora EE 8 / MMC, 65.124.
Fotografia da autora.

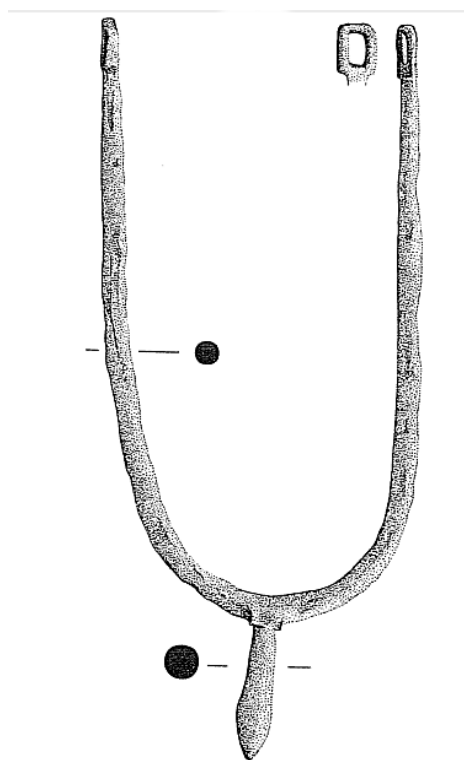


Figura 25: Desenho da espora EE 8 / MMC, 65.124²⁵¹.

²⁵¹ **ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.)** - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales.* PLANCHE XXII.

EE 9 / MMC, 67.578

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conimbriga

Nº de Inventário: 67.578

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 22, 50g.

Dimensões gerais: 13 cm de comprimento e 7 cm de largura.

Dimensões espeto: 2,6 cm de comprimento e 0,6 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Triangular.

Sistema de Fixação: Placa retangular composta por dois rebites.

Contexto: A espora foi recolhida numa área não identificada na est. 57 de Fouilles 1. Corresponde à escavação da esplanada do templo em 1967, que veio a ser prosseguida sob as referências 69 TEM. Os estratos corresponderão à ocupação final do fórum.

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta apenas um braço em forma de U, ligeiramente aberto, de secção triangular que, quando visto de perfil, revela curvatura para adaptação anatómica. Mede 13 cm de comprimento e, apesar de apenas possuir um braço, é possível estimar a distância entre os braços como sendo de 7 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 3 mm e os 4,8 mm. O seu espeto possui 2,6 cm de comprimento e apresenta uma ponta cônica pouco afiada. Prévia a esta ponta encontra-se um elemento circular (em forma de cálice) que delimita a parte do espeto de secção circular da sua ponta cônica. Na extremidade do seu único braço, a espora apresenta uma pequena placa retangular perpendicular composta por dois rebites nos quais se fixavam os couros.

Proposta de cronologia: Século XII – XIII.

Bibliografia:

ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.) - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales.* (p. 102).

Notas: Possível paralelo: POM79 535 (1431), Figura 90 (321)²⁵². Espora encontrada em sítio arqueológico datado entre 1250-1350.



Figura 26: Fotografia da espora EE 9 / MMC, 67.578. Fotografia da autora.

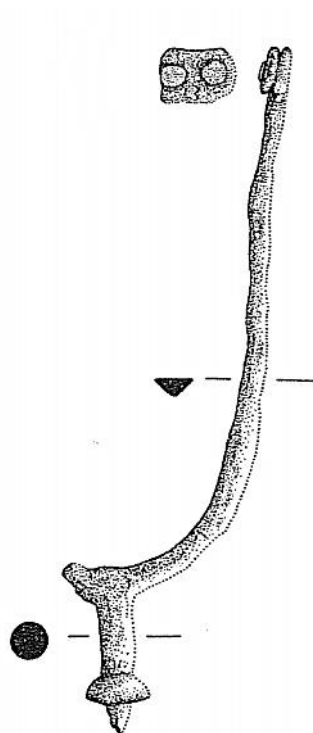


Figura 27: Desenho da espora de EE 9 / MMC, 67.578.²⁵³

²⁵² **CLARK, John (ed.)** – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London.* (p. 131).

²⁵³ **ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.)** - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales.* PLANCHE XXII.



Figura 28: Pormenor da parte externa (lado direito) e interna (lado esquerdo) do sistema de fixação.

EE 10 / MMC, 65.156

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conimbriga

Nº de Inventário: 65.156

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 49,83g.

Dimensões gerais: 16,5 cm de comprimento e 7 cm de largura.

Dimensões espeto: 2,4 cm de comprimento e 0,75 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Sistema duplo retangular.

Contexto: Área sobre o pórtico oeste da praça do Fórum.

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta braços em forma de U, com uma ligeira inclinação para dentro, de secção em forma de “D” e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Mede 16,5 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 7 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 3,6 mm e os 5,4 mm. O seu espeto, de forma ogival, possui 2,4 cm de comprimento e apresenta secção circular. A espora é rematada por duas aberturas perfuradas em cada haste. Estas apresentam uma forma retangular, porém não se encontram completas. A espora apresenta ainda, como decoração, um fio de prata enrolado em quase toda a peça.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia: ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.) - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales*. Paris : Diffusion E. De Boccard, 1979. (p.102).



Figura 29: Fotografia da espora EE 10 / MMC, 65.156. Fotografia da autora.

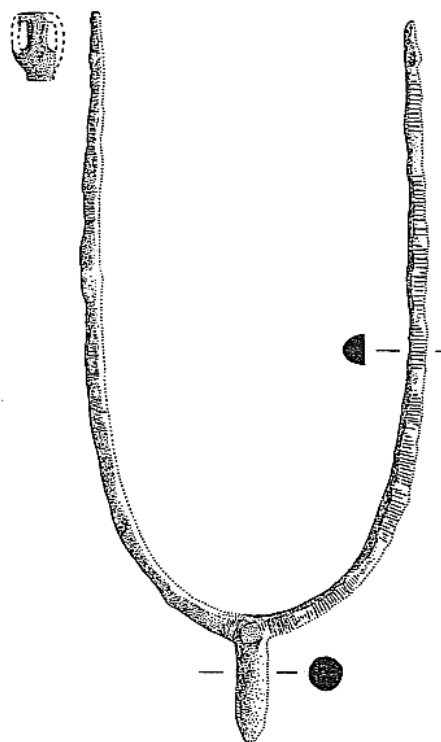


Figura 30: Desenho da espora EE 10 / MMC, 65.156. ²⁵⁴



Figura 31: Pormenor da decoração com fio de prata no braço direito da espora. Fotografia da autora.



Figura 32: Pormenor do espeto com decoração a fio de prata. Fotografia da autora.

²⁵⁴ **ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.)** - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales. PLANCHE XXII.*

EE 11 / MMC, 66.117

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conimbriga

Nº de Inventário: 66.117

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 37,27g.

Dimensões gerais: 12,9 cm de comprimento e 10 cm de largura.

Dimensões espeto: 2,4 cm de comprimento e 0,55 cm de largura.

Talão: ---

Secção aro: Cilíndrica.

Sistema de Fixação: Abertura circular perfurada na haste esquerda.

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro, mais aberto, apresenta braços em forma de U, de secção cilíndrica e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Mede 12,9 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 10 cm aproximadamente, no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 2,4 mm e os 5,5 mm. O seu espeto, possui 2,4 cm de comprimento e apresenta secção circular. A espora é rematada por uma abertura perfurada na haste esquerda. Esta apresenta uma forma circular com o diâmetro de 12.3 mm.

A espora apresenta ainda, no início do espeto e no final do braço esquerdo 4 pequenas incisões.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia: ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.) - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales*. Paris : Diffusion E. De Boccard, 1979. (p. 102).

Notas: A peça encontra-se erradamente identificada com o número de inventário 67.579 na obra acima mencionada.



Figura 33: Fotografia da espora EE 11 / MMC, 66.117.
Fotografia da autora.

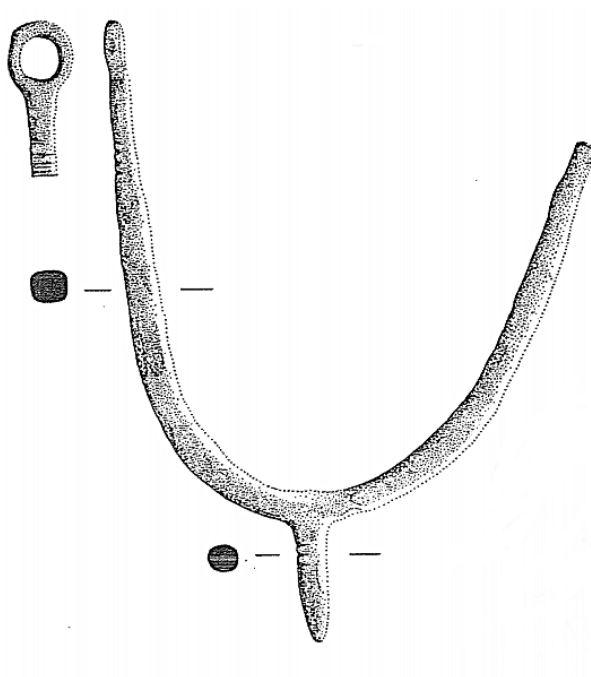


Figura 34: Espora de espeto EE 11 / MMC, 66.117.²⁵⁵

²⁵⁵ **ALARCÃO, Jorge de; ETIENNE, Robert (coord.)** - *Fouilles de Conimbriga. Vol. VII, Trouvailles Diverses. Conclusions Générales.* PLANCHE XXII.

EE 12 / MMC, 67.747

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conímbriga

Nº de Inventário: 67.747

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: ---

Peso: ---

Dimensões gerais: 13,4 cm de comprimento e 9,3 cm de largura.

Dimensões espeto: 2,3 cm de comprimento e 0,6 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Cilíndrica.

Sistema de Fixação: Abertura circular.

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro, mais aberto, apresenta braços em forma de U, de secção cilíndrica e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Mede 13,4 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9,3 cm, no seu ponto mais amplo. Apresenta um braço mais comprido que o outro. A sua espessura varia entre os 4 mm e os 5,8 mm. O seu espeto, com uma ligeira inclinação para baixo, possui 2,3 cm de comprimento e apresenta secção circular. A espora é rematada por duas aberturas perfuradas nos braços. Estas apresentam uma forma circular com o diâmetro de 10 mm aproximadamente. A abertura do braço esquerdo encontra-se partida.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 35: Fotografia da espora EE 12 / MMC, 67.747.
Fotografia da autora.

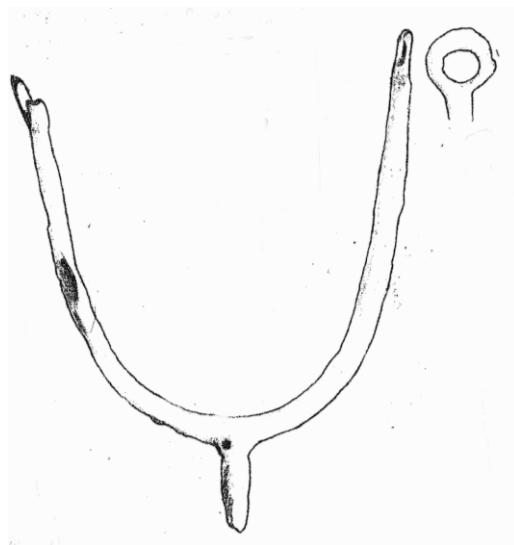


Figura 36: Desenho da espora EE 12 / MMC, 67.747.
Desenho fornecido pelo Museu Monográfico de Conímbriga.

EE 13 / MMC, A 406

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conímbriga

Nº de Inventário: A 406

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 15,59g.

Dimensões gerais: 8,7 cm de comprimento e 5,5 cm de largura.

Dimensões espeto: 3,2 cm de comprimento e 0,7 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta apenas um braço em forma de U, de secção em forma de “D” e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Mede 8,7 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de aproximadamente 7,3 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 3,3 mm e os 4,9 mm. O seu espeto, bastante longo, possui 3,2 cm de comprimento e apresenta secção circular. Começa por exhibir uma espessura elevada, que diminui até rematar com uma ponta bastante pronunciada. A espora, encontra-se em mau estado de conservação, não apresentando nenhum dos braços por completo, e consequentemente, nenhum sistema de fixação.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 37: Fotografia da espora EE13 / MMC, A 406.
Fotografia da autora.



Figura 38: Desenho da espora EE 13 / MMC, A 406.
Desenho da autora.

EE 14 / MMC, S/Refª.

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conimbriga

Nº de Inventário: ---

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 125,94g.

Dimensões gerais: 26 cm de comprimento e 11,5 cm de largura.

Dimensões espeto: 5,4 cm de comprimento e 0,13 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta braços em forma de U, ligeiramente abertos, de secção circular, e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Mede 26 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 11,5 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 5,3 mm e os 6,5 mm. O seu espeto possui 5,4 cm de comprimento e apresenta secção bicónica, mostrando um aumento de tamanho desde o colo até se desenvolver numa ponta não muito afiada. No colo do espeto encontram-se duas saliências circulares. Não apresenta sistemas de fixação, apenas pequenas reentrâncias nas extremidades das hastes.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 39: Fotografia da espora EE14 / MMC, S/Refª.
Fotografia por autora.

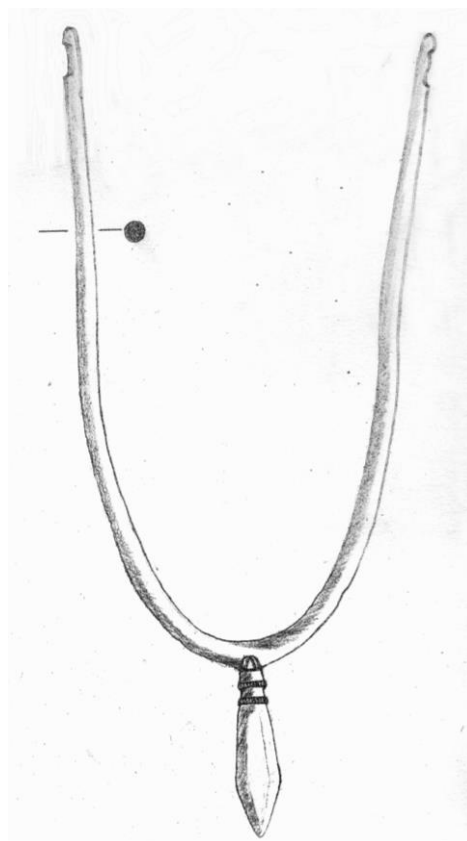


Figura 40: Desenho da espora EE14 / MMC, S/Refª.
Desenho fornecido pelo Museu Monográfico de Conímbriga.



Figura 41: Pormenor do espeto.
Fotografia da autora

EE 15 / MMC, S/Refª.

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conímbriga

Nº de Inventário: ---

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 37,27g.

Dimensões gerais: 10,2 cm de comprimento e 13 cm de largura.

Dimensões espeto: 1,7 cm de comprimento e 0,35 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro, mais aberto, apresenta braços em forma de U, de secção circular e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Apresenta, porém, uma deformação no braço esquerdo, alargando assim a abertura dos braços da espora. Mede 10,2 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 13 cm aproximadamente, no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 3,3 mm e os 4,6 mm. O seu espeto, bastante agudo, possui 1,7 cm de comprimento e apresenta secção circular. A espora não apresenta qualquer sistema de fixação.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 42: Fotografia da espora EE 15 / MMC, S/Refª.
Fotografia da autora.

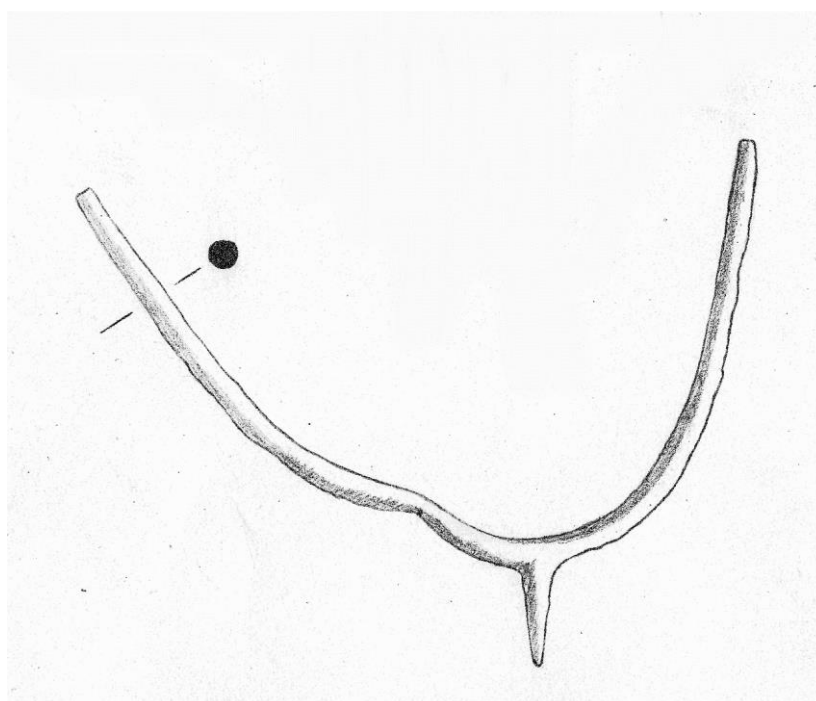


Figura 43: Desenho da espora EE 15 / MMC, S/Refª.
Desenho fornecido pelo Museu Monográfico de Conímbriga.

EE 16 / MMC, S/Refª.

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conímbriga

Nº de Inventário: ---

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 30,21g.

Dimensões gerais: 9,9cm de comprimento e 6,2 cm de largura.

Dimensões espeto: 3,5 cm de comprimento e 2,1 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta os braços em forma de V, ligeiramente aberto, de secção em forma de “D” que, quando visto de perfil, revela curvatura para adaptação anatómica. A espora mete 9,9 cm de comprimento e, apesar de apenas possuir um braço quebrado, é possível estimar a distância entre os braços como sendo de 6,2 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 1,2 mm e os 3,6 mm. O seu espeto possui 3,5 cm de comprimento e apresenta um espeto de secção quadrangular que alarga até ao diâmetro máximo, tendo depois solução simétrica. Não apresenta sistemas de fixação.

Proposta de cronologia: Século XII- XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 44: Fotografia da espora EE 16/ MMC, Refª.
Fotografia da autora.

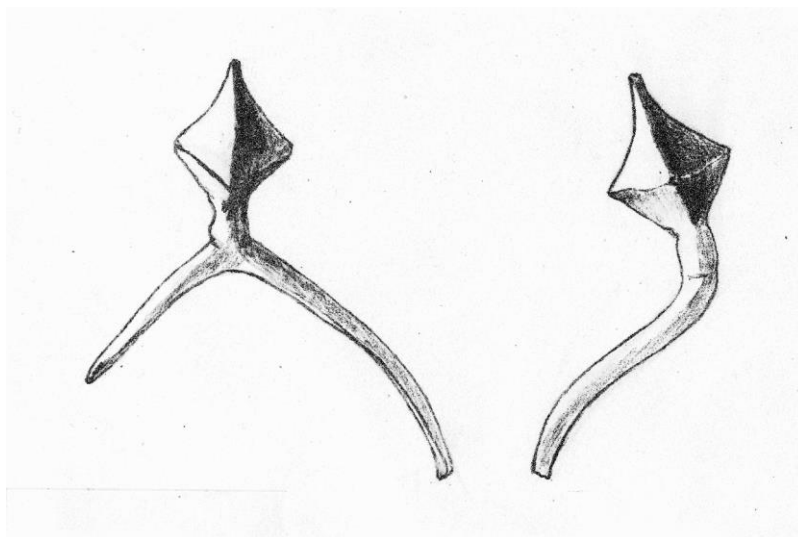


Figura 45: Desenho da espora EE 16/ MMC, Refª.
Desenho fornecido pelo Museu Monográfico de Conímbriga.

EE 17 / MMC, 68.964

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conímbriga

Nº de Inventário: 68.964

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 37,27g.

Dimensões gerais: 11,8 cm de comprimento e 8,2 cm de largura.

Dimensões espeto: 3,7 cm de comprimento e 0,9 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro, mais aberto, apresenta braços em forma de U, de secção em forma de “D” e quando visto de perfil é plano - não apresentando qualquer curvatura. Apresenta, porém, uma deformação no braço direito. Mede 11,8 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de aproximadamente 8,2 cm aproximadamente, no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 2,4 mm e os 5,6 mm. O seu espeto, bastante comprido e volumoso, possui 3,7 cm de comprimento e apresenta secção circular, com uma ligeira inclinação para a direita. A espora não apresenta qualquer sistema de fixação.

Proposta de cronologia: Século XI – XII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 46: Fotografia da espora EE 17 / MMC, 68.964.
Fotografia da autora.



Figura 47: Desenho da espora EE 17 / MMC, 68.964.
Desenho da autora.

EE 18 / MMC, A 760

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conímbriga

Nº de Inventário: A 760

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 75,7g.

Dimensões gerais: 10,45 cm de comprimento e 1,04cm de largura.

Dimensões espeto: 4,7 cm de comprimento e 0,7 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Rebites troncocónicos.

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto. O seu aro apresenta braços em forma de U, ligeiramente abertos, de secção em forma de “D”. O seu espeto apresenta uma ponta cônica pouco afiada. Prévia a esta ponta encontra-se um elemento circular (em forma de cálice) que delimita a parte do espeto de secção circular da sua ponta cônica. Como sistema de fixação apresenta nas suas extremidades rebites troncocónicos para a fixação das correias.

Proposta de cronologia: Século XII-XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: Possível paralelo: POM79 535 (1431), Figura 90 (321)²⁵⁶. Espora encontrada em sítio arqueológico datado entre 1250-1350.

²⁵⁶ CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 131).



Figura 48: Fotografia da espóra EE 18 / MMC, A760.
Fotografia fornecida pelo Museu Monográfico de Conímbriga.

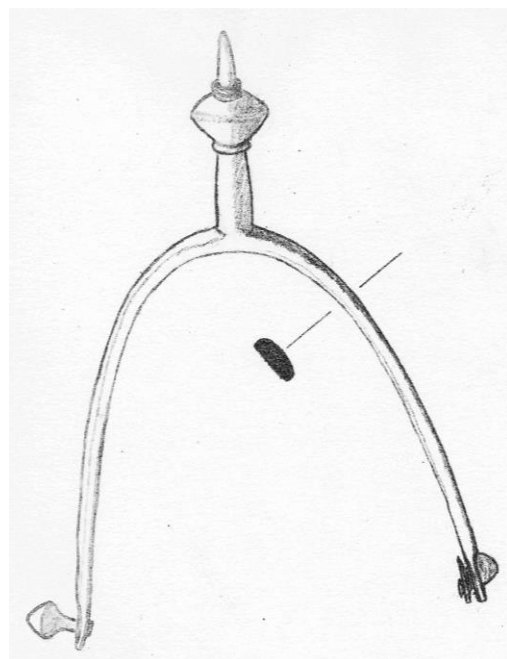


Figura 49: Desenho da espóra EE 18 / MMC, A760.
Desenho fornecido pelo Museu Monográfico de Conímbriga.

EE 19 / MMC, S/Refª.

Proveniência: Conímbriga (Freg. Condeixa-a-Velha; Conc. Condeixa-a-Nova; Dist. Coimbra).

Paradeiro: Museu Monográfico de Conímbriga

Nº de Inventário: ---

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: ---

Peso: ---

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Fragmento de espora de espeto. Apresenta aro e espeto de secção circular.

Proposta de cronologia: Século XI (?)

Bibliografia: Inédita.

Notas: Existência apenas do seu registo gráfico. A peça encontra-se perdida.

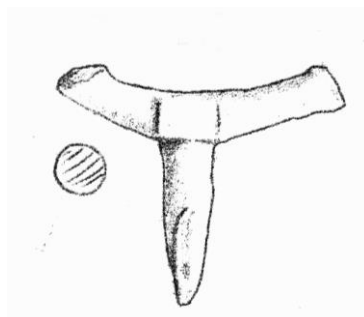


Figura 50: Desenho da espora EE 19 / MMC, S/Refª.
Desenho fornecido pelo Museu Monográfico de Conímbriga.

ÉVORA

ER 5 / ME, 557

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 557

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: Liga de Cobre.

Peso (g): ---

Dimensões gerais: 19 cm de comprimento e 7,7 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: 8.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Duplos orifícios circulares.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana, dourada. O seu aro apresenta braços em forma de U, com secção em forma de “D”, curvo e recortado superiormente. Possui 19 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 7,7 cm no seu ponto mais amplo. Apresenta uma haste com grande desenvolvimento que é rematada com uma roldana de 8 puas. Como sistema de fixação de correias, apresenta nas suas extremidades duplos orifícios circulares. Ostenta decoração vegetalista e é rematado lateralmente por botões com decoração floral.

Proposta de cronologia: Século XV.

Bibliografia: *Catálogo da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. 2, 1882. [Consult. 20-12-20]. Disponível em <https://purl.pt/763>. (p. 211).

Notas: “Esta peça é originária da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, Arcebispo de Évora que esteve na origem da colecção da Biblioteca Pública de Évora, e vem mencionada no Inventário do Barata com o número 29, que diz respeito a um lote de “Onze esporaz e (...)” a qual, a 1 de Março de 1915 foi transferida para o Museu de Évora.”²⁵⁷



Figura 51: Fotografia da espora ER 5/ ME, 557.
Fotografia por Margarida Chantre.²⁵⁸

²⁵⁷ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15074&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

²⁵⁸ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15074&EntSep=5#gotoPosition>, acedido a 22/05/2018.

EE 20 / ME, 734/1 e 734/2

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 734/1 e ME 734/2

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Cobre.

Peso: ---

Dimensões gerais: 18 cm de comprimento e 9,5 cm de largura.

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Retangular aplanada.

Sistema de Fixação: Num dos braços apresenta um orifício retangular, enquanto no outro exhibe um orifício circular, com duas peças articuladas.

Contexto: ---

Descrição: Par de esporas de espeto douradas, em cobre. Apresentam aros em U curtos e uma curvatura do perfil para se adaptar à anatomia do pé. Possuem 18 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9,5 cm no seu ponto mais amplo. Os seus espetos são levantados e alongados, com secção circular e exibem, junto à sua extremidade um anel. Como sistema de fixação, as esporas apresentam nas suas extremidades, de um lado, um orifício vertical em forma retangular que fixava a correia, e no lado apostado, por duas peças articuladas presas a um orifício circular, que apertariam a correia.

Proposta de cronologia: Século XII - XIII.

Bibliografia: *Catálogo da Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola*. Lisboa: Imprensa Nacional, vol. 2, 1882. [Consult. 20-12-20]. Disponível em <https://purl.pt/763>. (p. 211).

Notas: “Estas esporas são originárias da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, Arcebispo de Évora, que esteve na origem da colecção da Biblioteca Pública de Évora, e que vêm mencionadas no Inventário do Barata com o número 29, que diz respeito a um lote de “Onze esporaz e (...)” as quais, a 1 de Março de 1915 foram transferidas para o Museu de Évora.”²⁵⁹



Figura 52: Fotografia da espora EE 20 / ME, 734/1.
Fotografia por Vítor de Sousa.²⁶⁰



Figura 53: Fotografia da espora EE 20 / ME, 734/1.
Fotografia por Vítor de Sousa.²⁶¹

²⁵⁹ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15077&EntSep=4#gotoPosition>, acedido a 22/05/2018.

²⁶⁰ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15077&EntSep=4#gotoPosition>, (acedido a 22/05/2018);

²⁶¹ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=20672> (acedido a 22/05/2018).

ER 6 / ME, 738

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 738

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: Cobre(?)

Peso (g): ---

Dimensões gerais: 15 cm de comprimento e 9 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: 6.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Orifícios em forma retangular.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana em cobre (?). Apresenta com o aro curto sem curvatura, com secção em forma de “D”. Mede 15 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9 cm no seu ponto mais amplo. No extremo da sua haste de secção circular, apresenta uma roldana com 6 puas, no entanto, uma destas encontra-se partida. Como sistema de fixação apresenta em ambas extremidades, orifícios em forma retangular.

Proposta de cronologia: Século XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: *“Esta peça é originária da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, Arcebispo de Évora que esteve na origem da colecção da Biblioteca Pública de Évora, e vem mencionada no Inventário do Barata com o número 29, que diz respeito a um lote*

de "Onze esporaz e (...)" a qual, a 1 de Março de 1915 foi transferida para o Museu de Évora."²⁶²



Figura 54: Fotografia da espora ER 6 / ME 738.
Fotografia por Vítor de Sousa.²⁶³

²⁶² <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15078>, acedido em 22/05/2018.

²⁶³ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15078>, acedido em 22/05/2018.

A 4 / ME, 739

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora.

Nº de Inventário: ME 739

Tipologia: Acicate.

Material: Cobre.

Peso: 126,60 g.

Dimensões gerais: 23 cm de comprimento e 10,5 cm de largura.

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: Duplo encaixe retangular.

Contexto: ---

Descrição: Acicate em cobre(?), com hastes curvas e perfil em U. Mede 23 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 10,5 cm no seu ponto mais amplo. Apresenta um bico de secção hexagonal que inicia a partir de um disco de secção octogonal. Como sistema de fixação apresenta em ambas extremidades dos seus braços um duplo encaixe retangular e no calcanhar, um passador de correia, também retangular, colocado verticalmente. Apresenta vestígios de dourado.

Proposta de cronologia: Século XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: *“Esta peça é originária da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, Arcebispo de Évora que esteve na origem da colecção da Biblioteca Pública de Évora, e vem mencionada no Inventário do Barata, nos Objectos Diversos com o número 29, que*

*diz respeito a um lote de "Onze esporaz e (...)" a qual, a 1 de Março de 1915 foi transferida para o Museu de Évora."*²⁶⁴



Figura 55: Fotografia da do acicate A4 / ME, 739.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁶⁵.

²⁶⁴ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15079>, acedido em 22/05/2018.

²⁶⁵ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15079>, acedido em 22/05/2018.

ER 7 / ME, 740

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 740

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: --- **Peso (g):** ---

Dimensões gerais: 14 cm de comprimento e 8,5 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: ---

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Duas aberturas em circulares em “8” em cada extremidade.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana, em cobre (?). O seu aro apresenta perfil em U, com secção em forma de D. Possui 14 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 8,5 cm no seu ponto mais amplo. Não possui roldana, contudo esta formaria um ângulo obtuso com voluta na parte superior. Na extremidade de um dos seus braços apresenta, verticalmente, duas aberturas circular perfuradas em “8” como sistema de fixação.

Proposta de cronologia: Século XIII-XIV.

Bibliografia: Inédita.

Notas: *“Esta peça é originária da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, Arcebispo de Évora que esteve na origem da colecção da Biblioteca Pública de Évora, e vem mencionada no Inventário do Barata, nos Objectos Diversos com o número 29, que*

*diz respeito a um lote de "Onze esporaz e (...)" a qual, a 1 de Março de 1915 foi transferida para o Museu de Évora."*²⁶⁶



Figura 56: Fotografia da espora ER 7 / ME, 740.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁶⁷.

²⁶⁶ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15080>, acedido em 22/05/2018.

²⁶⁷ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15080>, acedido em 22/05/2018.

ER 8 / ME, 750

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 750

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: --- **Peso (g):** ---

Dimensões gerais: 15 cm de comprimento e 8 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: ---

Talão: ---

Secção aro: Retangular aplanada (?).

Sistema de Fixação: Passadeiras redondas

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana. O seu aro apresenta braços em forma de U, possível secção retangular aplanada(?) e não apresenta curvatura para adaptação anatómica quando visto de perfil. Possui 15 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 8 cm no seu ponto mais amplo. A sua haste apresenta-se curva e levantada, sem a presença da roldana. Ambos os braços se encontram rematados com passadeiras redondas. Apresenta vestígios de decoração.

Proposta de cronologia: Século XIII-XIV.

Bibliografia: Inédita.

Notas: *“Esta peça é originária da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, Arcebispo de Évora que esteve na origem da colecção da Biblioteca Pública de Évora, e vem mencionada no Inventário do Barata, nos Objectos Diversos com o número 29, que*

*diz respeito a um lote de "Onze esporaz e (...)" a qual, a 1 de Março de 1915 foi transferida para o Museu de Évora."*²⁶⁸



Figura 57: Fotografia da espora ER 8 / ME, 750.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁶⁹.

²⁶⁸ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15081>, acedido em 22/05/2018.

²⁶⁹ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15081>, acedido em 22/05/2018.

ER 9 / ME, 843

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 843

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: --- **Peso (g):** Ferro.

Dimensões gerais: 19,3 cm de comprimento e 8,5 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: ---

Talão: ---

Secção aro: Retangular.

Sistema de Fixação: Aberturas retangulares.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana. O seu aro apresenta braços em forma de U. Possui 19,5 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 8,5 cm no seu ponto mais amplo. A sua haste, de secção circular, longa e reta não apresenta roldana, porém apresenta sinais de decoração. Como sistema de fixação, ambos os braços se encontram rematados por aberturas retangulares para a passagem das correias. Apresenta vestígios de decoração.

Proposta de cronologia: Século XIII- XIV.

Bibliografia: Inédita.

Notas: *“Esta peça é originária da colecção de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, Arcebispo de Évora que esteve na origem da colecção da Biblioteca Pública de Évora, e vem mencionada no Inventário do Barata, nos Objectos Diversos com o número 29, que*

diz respeito a um lote de “Onze esporaz e (...)” a qual, a 1 de Março de 1915 foi transferida para o Museu de Évora.”²⁷⁰



Figura 58: Fotografia da espora ER 9 / ME, 843.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁷¹.

²⁷⁰ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15082>, acedido em 22/05/2018.

²⁷¹ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15082>, acedido em 22/05/2018.

ER 10 / ME, 939

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora ; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 939

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: Ferro.

Peso (g): ---

Dimensões gerais: 21 cm de comprimento e 9 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: ---

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Aberturas circulares.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana, em ferro. O seu aro apresenta braços em forma de V, com uma ligeira curvatura quando vistos de perfil. Possui 21 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 9 cm no seu ponto mais amplo. A sua haste de grande desenvolvimento é reta e de secção circular. Encontra-se sem a presença da roldana – devido a fratura. Ambos os braços se encontram rematados por aberturas circulares, no entanto, um deles encontra-se partido.

Proposta de cronologia: Século XIV-XV.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 59: Fotografia da espóra ER 10 / ME, 939.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁷².

²⁷² <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=23501>, acedido em 22/05/2018.

ER 11 / ME, 946

Proveniência: (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: ---

Nº de Inventário:

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: Ferro.

Peso (g): ---

Dimensões gerais: 14 cm de comprimento e 7,5 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: ---

Nº puas: 6.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Aberturas circulares em “8” perfuradas em cada braço.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana, em ferro. O seu aro apresenta braços em forma de U com secção em forma de D e apresenta uma ligeira curvatura para melhor adaptação anatómica do pé. Possui 14 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 7,5 cm no seu ponto mais amplo. A sua haste, curta, incorpora uma roldana com 6 puas. Na extremidade de cada um dos seus braços apresenta, verticalmente, duas aberturas em “8” perfuradas em forma circular como sistema de fixação.

Proposta de cronologia: Século XIII-XIV.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 60: Fotografia da espora ER 11 / ME, 946.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁷³.

²⁷³ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15275>, acedido em 22/05/2018.

A 5 / ME, 951/1 e 951/2

Proveniência: Desconhecida (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora.

Nº de Inventário: ME 951/1 e ME 951/2

Tipologia: Acicate.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: 27 cm de comprimento e 9,5 cm de largura.

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: Duplo encaixe retangular.

Contexto: ---

Descrição: Par de acicates em ferro. Os seus aros apresentam perfil em U. Medem 27 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9,5 cm no seu ponto mais amplo. Um dos acicates possui um braço fraturado. Exibem um espeto de secção circular e este é rematado, junto ao aro, com um elemento em forma de disco. Como sistema de fixação apresentam em ambas extremidades dos seus braços um duplo encaixe retangular e na zona do calcanhar um passador de correia retangular, colocado verticalmente. Apresenta vestígios de dourado.

Proposta de cronologia: Século XII-XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 61: Fotografia do acicate A 5 / ME, 951/1.
Fotografias por Vítor de Sousa²⁷⁴.



Figura 62: Fotografia do acicate A 5 / ME, 951/2.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁷⁵.

²⁷⁴

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15278&EntSep=5#fotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

²⁷⁵ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=15279>, acedido em 22/05/2018.

EE 21 / ME, 956/1 e 956/2

Proveniência: (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 956/1 e ME 956/2

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: 17 cm de comprimento e 10 cm de largura.

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Retangular.

Sistema de Fixação: Orifício circular em cada extremidade, com apliques de correia.

Contexto: ---

Descrição: Par de acicates em ferro. Aros com perfil em U. Medem 17 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 10 cm no seu ponto mais amplo. Exibem um bico de secção circular, que inicia num elemento em forma de disco e se encontra ligeiramente elevado, verticalmente em relação ao seu aro. Como sistema de fixação apresentam em ambas extremidades dos seus braços um orifício circular e o que restam de pequenos apliques de correia.

Proposta de cronologia: Século XII-XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 63: Fotografia da espora EE 21 / ME, 956/1.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁷⁶.



Figura 64: Fotografia da espora EE 21 / ME, 956/2.
Fotografia por Vítor de Sousa²⁷⁷.

²⁷⁶

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=15277&EntSep=0&EntRegAss=1#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

²⁷⁷ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=20676>, acedido em 22/05/2018.

EE 22 / ME, 10854

Proveniência: Escavações arqueológicas no Museu de Évora (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 10854

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: 5 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: ---

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Fragmentos de espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta possível perfil em U e o seu espeto, pouco pronunciado, de 5 cm, é rematado por cabeça piramidal.

Proposta de cronologia: Século XII – XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 65: Fotografia da espóra EE 22 / ME, 10854.
Fotografia por Carla Dias²⁷⁸.

²⁷⁸ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24139>, acedido a 22/05/2018.

EE 23 / ME, 10855/1 e 10855/2

Proveniência: Escavações arqueológicas no Museu de Évora (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 10855/1 e ME 10855/2

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Subcircular.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Par de esporas de espeto em ferro. Os seus aros, com perfil em V e secção subcircular, quando vistos de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé. Os seus espetos, pouco pronunciados são rematados por cabeça piramidal.

Proposta de cronologia: Século XII – XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 66: Fotografia das esporas EE 23 / ME, 10855/1 e 10855/2
Fotografia por Carla Dias²⁷⁹.

²⁷⁹ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24140>, acedido a 22/05/2018.

EE 24 / ME, 10856

Proveniência: (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora.

Nº de Inventário: ME 10856

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: --- **Peso:** ---

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: 5 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: ---

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Fragmentos de espora de espeto, em ferro. O seu aro apresenta possível perfil em U e o seu espeto, pouco pronunciado, de 5 cm, é rematado por cabeça piramidal.

Proposta de cronologia: Século XII – XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 67: Fotografia da espora EE 24 / ME, 10856.
Fotografia por Carla Dias²⁸⁰.

²⁸⁰ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objetos/ObjetosConsultar.aspx?IdReg=24141>, acedido em 22/05/2018.

EE 25 / ME, 10857

Proveniência: Escavações arqueológicas no Museu de Évora (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 10857

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: ---

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Fragmentos de espora de espeto. O seu aro, largo, apresenta perfil em U e o seu espeto, pouco pronunciado é rematado por cabeça piramidal.

Proposta de cronologia: Século XII – XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 68: Fotografia da espora EE 25 / ME, 10857.
Fotografia por Carla Dias²⁸¹.

²⁸¹ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24142>, acedido em 22/05/2018.

EE 26 / ME, 10858

Proveniência: Escavações arqueológicas no Museu de Évora (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 10858

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: ---

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Piramidal.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Fragmentos de espora de espeto. O seu aro, largo, apresenta perfil em U e o seu espeto, pouco pronunciado é rematado por cabeça piramidal.

Proposta de cronologia: Século XII – XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 69: Fotografia da espora EE 26 / ME, 10858.
Fotografia por Carla Dias²⁸².

²⁸² <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24143>, acedido em 22/05/2018.

EE 27 / ME, 10859

Proveniência: Escavações arqueológicas no Museu de Évora (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora.

Nº de Inventário: ME 10895

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: --- **Peso:** ---

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Subcircular.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Fragmentos de espora de espeto, em ferro. O seu aro, em V apresenta secção sub-circular e quando visto de perfil apresenta curvatura para se adaptar à anatomia do pé do cavaleiro. O seu espeto possui secção piramidal.

Proposta de cronologia: Século XII – XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 70: Fotografia da espora EE 27 / ME, 10859.
Fotografia por Carla Dias²⁸³.

283

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24144&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

EE 28 / ME, 10860

Proveniência: Escavações arqueológicas no Museu de Évora (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora.

Nº de Inventário: ME 10860

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro. **Peso:** ---

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Subcircular.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Fragmentos de espora de espeto, em ferro. O seu aro, em V apresenta secção sub-circular e quando visto de perfil apresenta curvatura para se adaptar à anatomia do pé do cavaleiro. O seu espeto possui secção piramidal.

Proposta de cronologia: Século XII – XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 70: Fotografia da espora EE 28 / ME, 10860.
Fotografia por Carla Dias²⁸⁴.

²⁸⁴ <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24145>, acedido em 22/05/2018.

EE 29 / ME, 10862/1 e 10862/2

Proveniência: Escavações arqueológicas no Museu de Évora (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora, **Nº de Inventário:** ME 10862/1 e ME 10862/2

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro. **Peso:** 160g.

Dimensões gerais: ---

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Subcircular.

Sistema de Fixação: Orifícios circulares.

Contexto: Exemplares encontradas *in situ* durante as escavações arqueológicas na área da necrópole medieval de Évora, localizada no lado SE do edifício do Museu Regional de Évora – Sepultura E, enterramento 477. A necrópole encontrava-se celada por um pavimento do século XVI, e aquando do estudo das sepulturas e dos indivíduos masculinos nelas presentes, foi observável que estes apresentavam lesões traumáticas, apontando para possíveis enterramentos de cavaleiros de estratos sociais privilegiados.

A presença de botões decorados com uma cruz florenciada cantonada por travas ou algemas e de diversas moedas de D. Sancho I e D. Sancho II, leva a que se possa deduzir que os enterramentos se relacionarem com a Milícia de Évora (futura Ordem de Avis), criada por D. Afonso Henriques em 1175 e que se possa propor uma cronologia para as

sepulturas entre os finais do séc. XII (instalação da Milícia de Évora) e o séc. XIII (estratos que cobrem as sepulturas)²⁸⁵.

Descrição: Par de esporas de espeto, em ferro. Os seus aros, mais abertos na sua área terminal, com perfil em V e secção subcircular, quando vistos de perfil apresentam curvatura do perfil para se adaptar à anatomia do pé. Medem 15 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9 cm no seu ponto mais amplo. Os seus espetos, com 8 cm, são alongados, de secção bicónica e apresentam uma inclinação de 100-110 graus em relação ao arco²⁸⁶. As esporas encontram-se unidas nos espetos pela oxidação do metal. Como sistema de fixação das correias, as esporas apresentam nas suas extremidades orifícios circulares e placas decorativas em bronze e fivela. Estas apresentam também outras placas decorativas e foram ainda recolhidos diversos botões e uma fivela junto aos pés, decorados com uma cruz estilizada²⁸⁷.

Proposta de cronologia: Fins Séc. XII d.C. – Meados Séc. XIII

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.288-289. (nº28).

Notas: ---

²⁸⁵ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 299).

²⁸⁶ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 288).

²⁸⁷ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 288).



Figura 71: Fotografia das esporas EE 29 / ME, 10862/1 e 10862/2.
Fotografia por José Pessoa²⁸⁸.



Figura 72: Fotografia das esporas EE 29 / ME, 10862/1 e 10862/2.
Fotografia por Carla Dias²⁸⁹.

²⁸⁸

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24148&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

²⁸⁹

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=24148&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

EE 30 / ME, 10863/1 e 10863/2

Proveniência: Escavações arqueológicas no Museu de Évora (Freg. Évora; Conc. Évora; Dist. Évora).

Paradeiro: Museu de Évora

Nº de Inventário: ME 10863/1 e ME 10863/2

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 100g.

Dimensões gerais: 12,5 cm de comprimento e 8 cm de largura.

Dimensões espeto: 5 cm de comprimento

Talão: ---

Secção aro: Subcircular.

Sistema de Fixação: Aberturas circulares.

Contexto: Exemplares encontradas *in situ* durante as escavações arqueológicas na área da necrópole medieval de Évora, localizada no lado SE do edifício do Museu Regional de Évora – Sondagem 50, sepultura H. A necrópole encontrava-se celada por um pavimento do século XVI, e aquando do estudo das sepulturas e dos indivíduos masculinos nelas presentes, foi observável que estes apresentavam lesões traumáticas, apontando para possíveis enterramentos de cavaleiros de estratos sociais privilegiados.

A presença de botões decorados com uma cruz florenciada cantonada por travas ou algemas e de diversas moedas de D. Sancho I e D. Sancho II, leva a que se possa deduzir que os enterramentos se relacionarem com a Milícia de Évora (futura Ordem de Avis), criada por D. Afonso Henriques em 1175 e que se possa propor uma cronologia para as

sepulturas entre os finais do séc. XII (instalação da Milícia de Évora) e o séc. XIII (estratos que cobrem as sepulturas)²⁹⁰.

Descrição: Par de esporas de espero, em ferro. Os seus aros, mais abertos na sua área terminal, com perfil em V e secção subcircular, quando vistos de perfil apresentam curvatura do perfil para se adaptar à anatomia do pé. Medem 12,5 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 8 cm no seu ponto mais amplo. Os seus espetos, com 5 cm, são alongados, de secção piramidal e apresentam uma inclinação de 90-100 graus em relação ao arco²⁹¹. Como sistema de fixação das correias, as esporas apresentam nas suas extremidades duas aberturas circulares em “8” perfuradas em cada haste.

Proposta de cronologia: Fins Séc. XII – Meados Séc. XIII.

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.287-288. (nº27).

Notas: ---

²⁹⁰ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 289).

²⁹¹ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 288).



Figura 73: Fotografias das esporas EE 30 / ME, 10863/1 e 10863/2.
Fotografia por José Pessoa²⁹².



Figura 74: Fotografias das esporas EE 30 / ME, 10863/1 e 10863/2.
Fotografia por Carla Dias²⁹³.

²⁹²

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=28059&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

²⁹³

<http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=28059&EntSep=5#gotoPosition>, acedido em 22/05/2018.

LAGOS

A 6 / ML, 2254

Proveniência: Desconhecida (Freg. ?; Conc. Lagos; Dist. Faro).

Paradeiro: Museu Municipal Dr. José Formosinho **Nº de Inventário:** 2254

Tipologia: Acicate.

Material: Bronze. **Peso:** 132 g.

Dimensões gerais: 22 cm de comprimento e 7,1 cm de largura.

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: Duplo encaixe retangular.

Contexto: ---

Descrição: Acicate em bronze, com braços longos, incompletas, com perfil em U e de secção circular. Mede 22 cm de comprimento e possui 7,1 cm de largura. Apresenta uma ponta tubular alongada que inicia a partir de um disco de secção circular com 7,5 cm de raio, sendo esta colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo. Como sistema de fixação apresenta numa das suas extremidades achatadas, um duplo encaixe retangular, largo. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, de secção oval achatada, colocado verticalmente. Apresenta corrosão.

Proposta de cronologia: Século XII-XIII.

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.298. (nº36).

Notas: ---

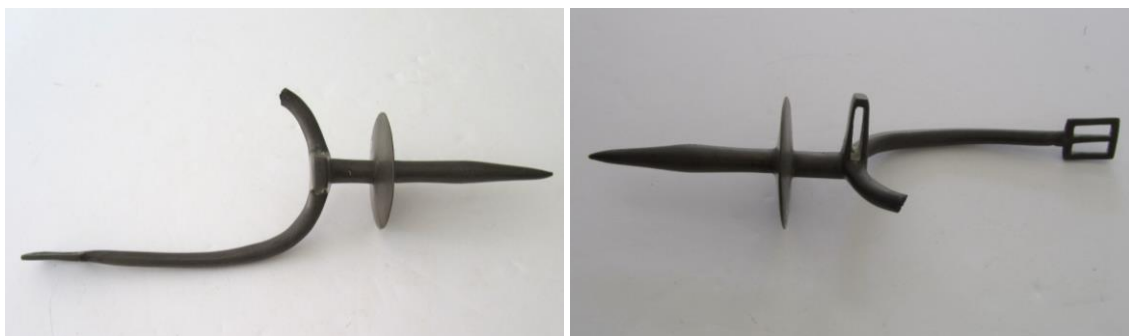


Figura 75: Fotografias do acicate A 6 / ML, 2254.
Fotografias por Bruno Milhano, fornecidas pelo Museu Municipal Dr. José Formosinho.

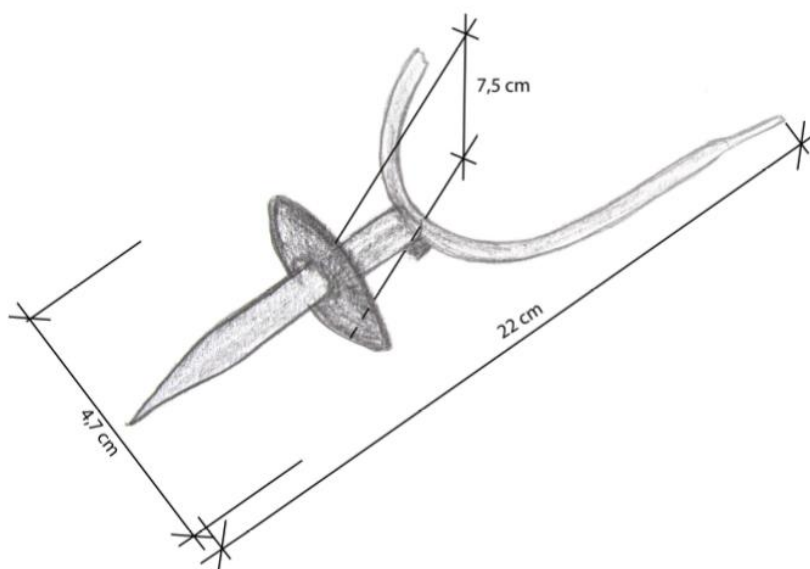


Figura 76: Fotografias do acicate A 6 / ML, 2254.
Desenho de Bruno Milhano, fornecido pelo Museu Municipal Dr. José Formosinho.

LISBOA

ER 12 / MML, S/Refª.

Proveniência: Desconhecida (Freg. ?; Conc. ?; Dist. ?).

Paradeiro: Museu Militar de Lisboa

Nº de Inventário: ---

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: Ferro.

Peso (g): 81g.

Dimensões gerais: 27,7cm de comprimento e 7,7cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: 5,5cm.

Nº puas: 4.

Talão: 2,5cm.

Secção aro: Triangular.

Sistema de Fixação: Dois orifícios circulares em “8” em cada extremidade.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana, em ferro. Aro em U, com secção triangular, apresenta o braço direito fraturado e quando visto de perfil, revela uma curvatura acentuada para adaptação anatómica, assim como talão na zona do calcanhar, para proporcionar uma melhor fixação da espora ao calcanhar do cavaleiro. Possui 25,7 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de aproximadamente 7,7 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre 0,3 cm e 1,3 cm.

A espora apresenta uma haste comprida, com 15,5 cm, de secção elíptica, que remata numa roldana de 6 puas – duas encontram-se fraturadas, com 5,5 cm de diâmetro. Como sistema de fixação de correias, apresenta na extremidade do seu braço esquerdo, dois orifícios circulares em “8” para a fixação das correias. Ainda se encontra presente um pequeno aplique, retangular, da correia.

Proposta de cronologia: Século XV.

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.302-303. (nº40).

Notas: ---

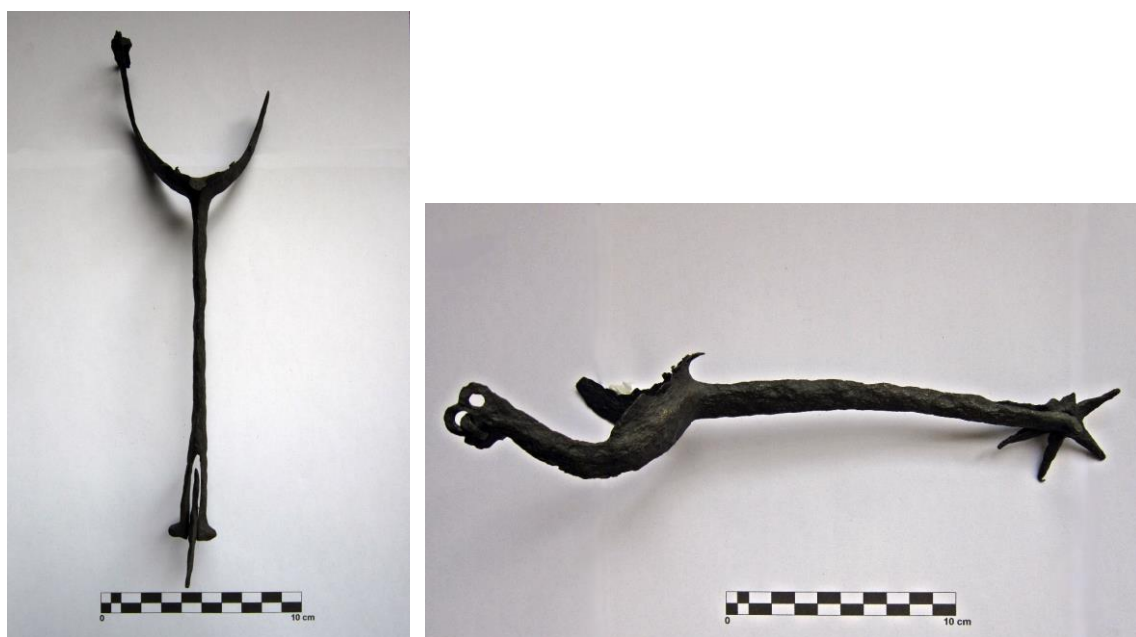


Figura 77: Fotografias da espora ER 12 / MML, S/Refª.
Fotografias da autora.

A 7 / MML, S/Refª.

Proveniência: Tomar (Freg. Tomar; Conc. Tomar; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Militar de Lisboa **Nº de Inventário:** 2254

Tipologia: Acicate.

Material: Bronze. **Peso:** 223,5 g.

Dimensões gerais: 22,1 cm de comprimento e 6,6 cm de largura.

Dimensões espeto: 8,3 de comprimento e cerca de 1,5 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: Duplo encaixe retangular.

Contexto: Peça encontrada num poço em Tomar.

Descrição: Acicate em bronze, com braços longos, aro em U e de secção circular. Mede 22,1 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 6,6 cm no seu ponto mais amplo. Apresenta um espeto prolongado, bicónico, que inicia a partir de um disco circular com um raio de 5 cm e 0,3 cm de espessura. A sua espessura varia entre os 0,5 cm e os 1,5 cm. Como sistema de fixação, apresenta nas suas extremidades, duplos encaixes retangulares, com 4,4 cm de comprimento e 1,7 cm de largura. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, retangular achatado, colocado verticalmente com 5,8 cm de altura e 1,2 cm de largura. Este é então rematado por um crescente com uma largura de 2,5 cm e 1,3 cm de altura.

Proposta de cronologia: Século XII-XIII.

Bibliografia:

Catálogo do Museu Militar (Antigo Museu da Artekharía). Lisboa: Imprensa Nacional, n.º 9, 1930. (p. 158).

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.298-299. (nº37).

Notas: ---



Figura 78: Fotografias do acicate A 7 / MML, S/Refª.
Fotografias da autora.



Figura 79: Fotografia do acicate A 7 / MML, S/Refª.
Fotografia da autora.

SANTARÉM

EE 31 / MMS, 003790

Proveniência: Escavações para a construção da Avenida Laurentino (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém

Nº de Inventário: MMS/003790

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 43g.

Dimensões gerais: 11,3 cm de comprimento e 9 cm de largura.

Dimensões espeto: ---

Talão: ---

Secção aro: Em forma de "D".

Sistema de Fixação: Possível abertura circular fraturada.

Contexto: ---

Descrição: Espora em ferro. Não possui espeto. O seu aro apresenta perfil em U, de secção em forma de D. Mede 11,3 cm e a sua espessura varia entre os 0,3 mm e 0,7 mm. É rematada por uma possível abertura circular em gancho na haste esquerda.

Proposta de cronologia: Século XII - XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 80: Fotografia da espóra EE 31 / MMS, 003790.
Fotografia da autora.



Figura 81: Pormenor do sistema de fixação.
Fotografia da autora.

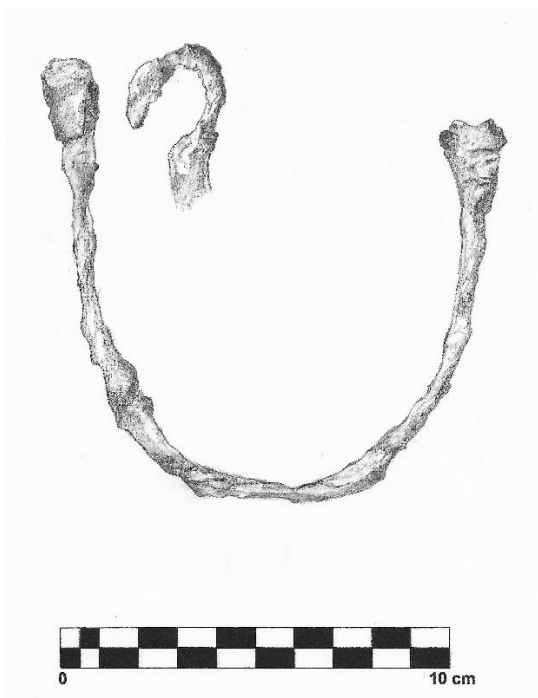


Figura 82: Desenho da espóra EE 31 / MMS, 003790.
Desenho da autora.

EE 32 / MMS, 003791

Proveniência: Fundações da Igreja do Salvador (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém

Nº de Inventário: MMS/003791

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 50 g.

Dimensões gerais: 15,3 cm de comprimento e 9,5 cm de largura.

Dimensões espeto: 6,8 cm de comprimento 8 mm de diâmetro.

Talão: 2 cm.

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Dois orifícios circulares em forma de “8”.

Contexto: Exemplar encontrado nas primitivas fundações da demolida igreja do Salvador, em Santarém.²⁹⁴

Descrição: Espora de espeto, em ferro. O seu aro, com perfil em U e secção em forma de D, quando visto de perfil, revela curvatura para adaptação anatómica, com um ângulo de 120º em relação ao arco. Apresenta também talão, com 2 cm de altura, na zona correspondente ao calcanhar do cavaleiro, procurando uma fixação mais estável. Mede 15,3 cm de comprimento e 9,5 cm de largura. A sua espessura varia entre os 0,8 mm e 0,3 mm. O seu espeto, longo, com 6,8 cm de comprimento, é rematado por uma ponta de secção piramidal. Como Sistema de fixação a espora apresenta em cada terminal, dois orifícios circulares, em forma de “8”. Num dos braços, um dos orifícios circulares

²⁹⁴ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

encontra-se fraturado enquanto no outro, este ainda apresenta os rebites usados para a fixação das correias à espora.

Proposta de cronologia: Século XII - XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 83: Fotografia da espora EE 32 / MMS, 003791.
Fotografia da autora.



Figura 84: Pormenor do espeto.
Fotografia da autora.

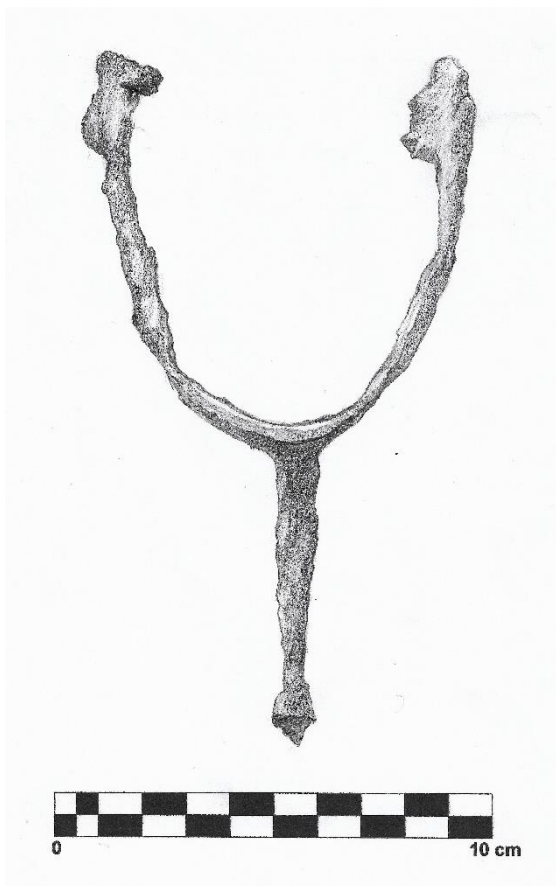


Figura 85: Desenho da espora EE 32 / MMS, 003791.
Desenho da autora.

A 8 / MMS, 003793

Proveniência: Desconhecida (Freg. ?; Conc. ?; Dist. Santarém?).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém

Nº de Inventário: MMS/003793

Tipologia: Acicate.

Material: Ferro. **Peso:** 157 g.

Dimensões gerais: 23,4 cm de comprimento e 10,4 cm de largura.

Dimensões espeto: 9,5 cm de comprimento e cerca de 1 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: Duplo encaixe retangular.

Contexto: Encontrado nas remoções de terreno para a construção da Avenida Laurentino em Santarém. Oferecido por Laurentino Veríssimo, de Santarém.²⁹⁵

Descrição: Acicate em Ferro. Aro com braços direitos, secção circular e perfil em U. Mede 23,4 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 10,4 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia de entre 0,6 e 1,1 cm. Apresenta um espeto tubular que inicia a partir de um disco de secção circular, colocado no prolongamento externo do corpo. Como sistema de fixação, apesar das suas extremidades se encontrarem fraturadas, apresenta vestígios de duplo encaixe retangular. No calcanhar, possui um passador de correia, também retangular, colocado verticalmente, no entanto, um pouco deteriorado e ligeiramente inclinado.

Proposta de cronologia: Século XIII.

Bibliografia:

²⁹⁵ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

Catálogo do Museu Militar (Antigo Museu da Artekharía). Lisboa: Imprensa Nacional, n.º 9, 1930. (p. 158).

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.296. (n.º33).

Notas: ---



Figura 86: Fotografia do acicate A 8 / MMS, 003793.
Fotografia da autora.



Figura 87: Desenho do acicate A 8 / MMS, 003793.
Desenho da autora.

EE 33 / MMS, 003794

Proveniência: Escavações para a construção da Avenida Laurentino (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém.

Nº de Inventário: MMS/003794

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 40 g.

Dimensões gerais: 10 cm de comprimento e 7,3 cm de largura.

Dimensões espeto: 4,8 cm de comprimento e 1 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: Encontrado nas remoções de terreno para a construção da Avenida Laurentino em Santarém. Oferecido por Laurentino Veríssimo, de Santarém²⁹⁶.

Descrição: Espora de espeto, em ferro. Aros com perfil em U, secção em “D”, danificados, não apresentando extremidades, nem sistemas de fixação para as correias. Quando vista de perfil apresentam curvatura para se adaptar à anatomia do pé. Mede 10 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 7,3 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre 0,1cm a 1,1 cm. O seu espeto, deteriorado, com 4,8 cm, de secção tubular apresenta uma inclinação de 80 graus em relação ao arco. Apresenta corrosão.

Proposta de cronologia: Século XIII-XIV.

Bibliografia: Inédita.

²⁹⁶ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

Notas: ---



Figura 88: Fotografias da espora EE 33 / MMS, 003794.
Fotografias da autora.



Figura 89: Desenho da espora EE 33 / MMS, 003794.
Desenho da autora.

EE 34 / MMS, 003796 e 003796/1

Proveniência: Desconhecida (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém
MS/003796/1

Nº de Inventário: MS/003796 e

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Cobre.

Peso: 158 g e 178 g.

Dimensões gerais: 18,7 cm de comprimento e 9,5 cm de largura.

Dimensões espeto: 8,2 cm de comprimento e 1,3 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Triangular.

Sistema de Fixação: Aro vertical de forma retangular e presilha em forma de coração.

Contexto: ---

Descrição: Par de esporas de espeto, do tipo de acicate, com forma de espeto evoluído, em cobre. Os seus aros, com perfil em V e secção triangular, quando vistos de perfil apresentam curvatura do perfil para se adaptar à anatomia do pé. Medem 18,7 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 9,5 cm no seu ponto mais amplo. Os seus braços apresentam, no ângulo da sua curvatura, pequenos escudos de formato redondo, preenchidos com uma flor de lis, gravada em sulco. O seu espeto, destaca-se a partir de uma haste de 8 cm de comprimento, possuindo o espeto 3,8 cm. Esta haste encontra-se dividida por uma peça funcional em forma de ponta de diamante. A haste apresenta uma inclinação de 70 graus em relação ao arco.

Como sistema de fixação das correias, as esporas possuem, de um lado, um aro vertical de forma retangular, onde a correia se segurava, que apresenta decoração - um escudo pequeno, com a flor de lis gravada em sulco. Na outra lateral, o sistema de fixação é composto por duas peças articuladas, presas a um orifício circular, com o intuito de

apertarem a correia. Estas duas peças são um tipo de tacha pequena e uma presilha em forma de coração, estando esta presa ao orifício circular por um pequeno rebite de cabeça redonda. *“Do ponto de vista técnico, o par de acicates são peças forjadas e polidas nas faces visíveis, revelando rebitagem, soldadura a quente e gravura a traço contínuo”*²⁹⁷.

Proposta de cronologia: Século XV.

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p.293-295. (nº31).

Notas: ---



Figura 90: Fotografia das esporas EE 34 / MMS, 003796 e 003796/1. Fotografia da autora.

²⁹⁷ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 293).



Figura 91: Pormenor do pequeno escudo preenchido com uma flor de lis (no braço da espora e no terminal) e do sistema de fixação das correias, com presilha em forma de coração. Fotografias da autora.



Figura 92: Desenho da espora EE 34 / MMS, 003796. Desenho da autora.

ER 13 / MMS, 003799

Proveniência: Desconhecida (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém.

Nº de Inventário: MMS/003799

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: Ferro.

Peso (g): 234 g.

Dimensões gerais: 17,7 cm de comprimento e 9,5 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: 56 mm.

Nº puas: 14.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: Extremidades em forma losangular com duplos orifícios.

Contexto: ---

Descrição: Espora de roldana, em ferro forjado e com revestimento em placa de ouro. O seu aro apresenta braços em forma de U. Possui 17,7 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 9,5 cm no seu ponto mais amplo. Cada um dos seus braços encontra-se decorado com quatro elementos de ouro – dois lisos intercalados e dois com reticulado inciso²⁹⁸. Como sistema de fixação de correias, apresenta as suas extremidades em forma losangular com duplos orifícios. A haste, de secção circular, decorada com elementos de ouro e dois pequenos orifícios, é rematada com roseta de médio desenvolvimento, composta por catorze puas e que apresenta 56 mm de diâmetro.

²⁹⁸ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

Proposta de cronologia: Século XIV.

Bibliografia:

RAMOS, Paulo - *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578): catálogo da exposição*. Santarém: Câmara Municipal de Santarém, 2004. ISBN: 9728491271.

Notas: ---



Figura 93: Fotografia por Pedro Clérigo.²⁹⁹

²⁹⁹ Fotografia fornecida pelo Museu Municipal de Santarém e presente em **RAMOS, Paulo** - *Santarém e o Magreb: encontro secular (970-1578): catálogo da exposição*.

ER 14 / MMS, 003800

Proveniência: Desconhecida (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém

Nº de Inventário: MMS/003800

Tipologia: Espora de Roldana.

Material: Ferro.

Peso (g): 74 g.

Dimensões gerais: 15 cm de comprimento e 6,3 cm de largura.

Dimensões roldana:

Diâmetro roldana: 2,7 cm.

Nº puas: 6.

Talão: ---

Secção aro: Retangular.

Sistema de Fixação: Orifícios retangulares.

Contexto: Espora encontrada em escavações para o assentamento da canalização das águas para a nova Avenida da Rafoa, em frente da praça de Touros, em 1 de Janeiro de 1922. Foi oferecida ao Museu por Jorge dos Reis Nunes³⁰⁰.

Descrição: Espora de roldana, em ferro. O seu aro apresenta braços em forma de U em secção retangular. Possui 15,0 cm de comprimento e a distância entre seus braços é de 6,3 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 0,3 mm e 1 cm. No extremo da sua haste de secção circular, apresenta uma roldana, de 2,7 cm de diâmetro, com 6 puas. Como sistema de fixação apresenta em ambas extremidades, orifícios em forma retangular.

Proposta de cronologia: Século XIII.

³⁰⁰ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 94: Fotografia da espora ER 14 / MMS, 003800.
Fotografia da autora.



Figura 95: Pormenor da
Roldana.
Fotografia da autora.



Figura 96: Desenho da espora ER 14 / MMS, 003800.
Desenho da autora.

Proveniência: Desconhecida (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém

Nº de Inventário: MMS/003984

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 62 g.

Dimensões gerais: 12 cm de comprimento e 6,5 cm de largura.

Dimensões espeto: 3,4 cm de comprimento e 1,3 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em foram de “D”.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. Aros com perfil em U, e secção em D, porém não apresenta extremidades, encontram-se partidas. Mede 12 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de aproximadamente 6,5 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 0,2 cm e o 1,3 cm. O seu espeto possui 3,4 cm de comprimento e apresenta secção circular.

Proposta de cronologia: Século XI.

Bibliografia: Inédita.

Notas: Possível paralelo: BWB83 acc no 616 (contexto 308), ceramic phase 6-12, Figura 90 (316)³⁰¹.

³⁰¹ CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 131).



Figura 97: Fotografia da espora EE 35 / MMS, 003984.
Fotografia da autora.

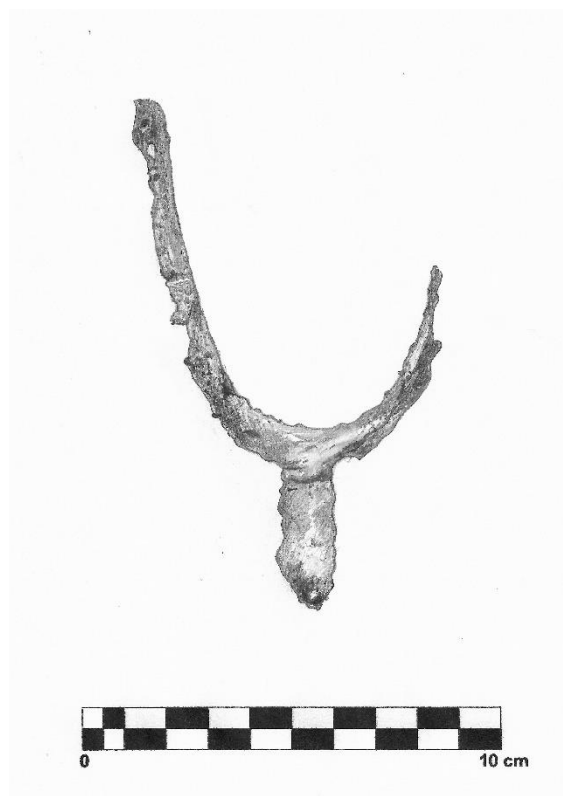


Figura 98: Desenho da espora EE 35 / MMS, 003984.
Desenho da autora.

EE 36 / MMS, 005737

Proveniência: Cemitério dos Capuchos (?) (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém

Nº de Inventário: MMS/005737

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 132 g.

Dimensões gerais: 22,3 cm de comprimento e 7 cm de largura.

Dimensões espeto: 8 cm de comprimento e 1,4 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: Possível orifício retangular.

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro, aro com secção circular. Mede 22,3 cm, e, apesar de apenas possuir um braço, é possível estimar a distância entre os braços como sendo de 7,0 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 0,5 mm e os 1,5 cm. O seu espeto possui 5,6 cm de comprimento e apresenta uma ponta tubular pouco afiada. Prévia a esta ponta encontra-se um elemento em forma losangular que delimita a parte do espeto de secção circular da sua ponta. Como sistema de fixação, a espora apresenta apenas num dos seus braços o que aparente ser um orifício retangular fraturado.

Proposta de cronologia: Século XIII.

Bibliografia: Inédita.

Notas: Oferecido ao Museu em 26 de abril 1918 por António Nunes Ferreira³⁰².



Figura 99: Fotografia da espora EE 36 / MMS, 005737.
Fotografia da autora.



Figura 100: Desenho da espora EE 36 / MMS, 005737.
Desenho da autora.

³⁰² Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

EE 37 / MMS, 005738

Proveniência: Desconhecida (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém

Nº de Inventário: MMS/005738

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 49 g.

Dimensões gerais: 8,56 cm de comprimento e 4,9 cm de largura.

Dimensões espeto: 3,6 cm de comprimento e 1,3 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: ---

Descrição: Espora de espeto, em ferro. Aros com secção em “D”. Mede 8,56 cm, e, apesar de possuir os dois braços incompletos, é possível estimar a distância a sua distância como sendo de 4,90 cm no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre os 0,7 mm e os 1,3 cm. A sua ponta tubular, pouco afiada, de secção circular, mede 3,6 cm de comprimento e a sua espessura varia entre 1,0 cm e 1,3 cm. Apresenta vestígios de ouro no espeto.

Proposta de cronologia: Século XI.

Bibliografia: Inédita.

Notas: Oferecido ao Museu em 26 de abril 1918 por António Nunes Ferreira³⁰³.

³⁰³ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

Possível paralelo: BWB83 acc no 616 (contexto 308), ceramic phase 6-12, Figura 90 (316)³⁰⁴.



Figura 101: Fotografia da espora EE 37 / MMS, 005738.
Fotografia da autora.



Figura 102: Desenho da espora EE 37 / MMS, 005738.
Desenho da autora.

³⁰⁴ CLARK, John (ed.) – *The Medieval Horse and Its Equipment, Medieval Finds from Excavations in London*. (p. 131).

A 9 / MMS, 005739

Proveniência: Igreja do Salvador (Freg. São Salvador; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: Museu Municipal de Santarém

Nº de Inventário: MMS/005739

Tipologia: Acicate.

Material: Ferro. **Peso:** 119 g.

Dimensões gerais: 15,3 cm de comprimento e 5,5 cm de largura.

Dimensões espeto: 1 cm de comprimento e cerca de 1 cm de diâmetro.

Talão: ---

Secção aro: Em forma de “D”.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: “Encontrado nas primitivas fundações da demolida igreja do Salvador, em Santarém.”³⁰⁵

Descrição: Acicate em ferro, com hastes incompletas e perfil em U. Mede 15,3 cm de comprimento e, apesar de apenas possuir um braço completo, é possível estimar a largura entre estes como sendo 5,5 cm de largura no seu ponto mais amplo. A sua espessura varia entre 0,4 cm e 1,0 cm. Apresenta uma ponta tubular que inicia a partir de um disco de secção circular, com cerca de 1 cm de comprimento um raio que varia entre 4,5 cm e 5,5 cm. Esta ponta é colocada no prolongamento externo da curvatura do corpo e encontra-se fraturada. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia, colocado verticalmente, no entanto, encontra-se muito danificado. Apresenta vestígios de dourado.

Proposta de cronologia: Século XIII.

³⁰⁵ Informação presente na ficha de inventário fornecida pelo Museu Municipal de Santarém.

Bibliografia: Inédita.

Notas: ---



Figura 103: Fotografia do acicate A 9 / MMS, 005739.
Fotografia da autora.

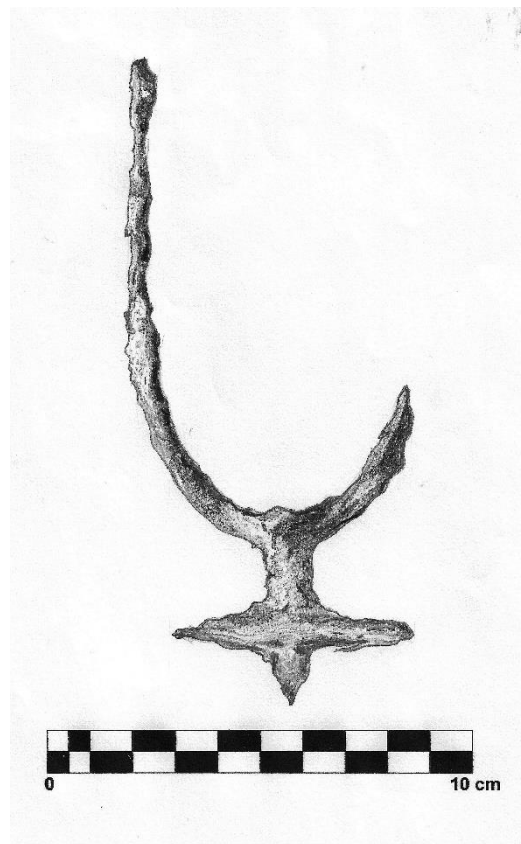


Figura 104: Desenho do acicate A 9 / MMS, 005739.
Desenho da autora.



Figura 105: Pormenor do espeto e disco.
Fotografia da autora.



Figura 106: Fotografia do acicate A 9 / MMS, 005739.
Fotografia da autora.

A 10 / MMS, 765

Proveniência: Escavações arqueológicas no Convento São Francisco de Santarém (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: I.P.P.A.R

Nº de Inventário: 765

Tipologia: Acicate.

Material: Ferro. **Peso:** 306,6 g.

Dimensões gerais: 20 cm de comprimento e 10,5 cm de largura.

Dimensões espeto: 13 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: ---

Sistema de Fixação: Duplo encaixe retangular.

Contexto: Acicate encontrado próximo do Coro Alto de D. Fernando. Estrutura arquitetónica abobada erguida nas imediações da entrada com funcionalidade de abrigar o túmulo de D. Fernando³⁰⁶.

Descrição: Acicate em ferro, com perfil em U. Mede 29 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 10,5 cm. Apresenta um espeto longo, com 13 cm de comprimento, de secção circular, que inicia a partir de um elemento em forma de disco. Como sistema de fixação, apresenta em ambas extremidades encaixe duplo retangular para as correias. Na zona do calcanhar apresenta um passador de correia retangular, colocado verticalmente.

Proposta de cronologia: Século XIII.

Bibliografia:

³⁰⁶ BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 296).

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p. 292. (nº32).

Notas: ---



Figura 107: Fotografia do acicate A 10 / MMS, 765.³⁰⁷

³⁰⁷ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 295).

Proveniência: Escavações arqueológicas no Convento São Francisco de Santarém (Freg. Santarém; Conc. Santarém; Dist. Santarém).

Paradeiro: ---

Nº de Inventário: 765

Tipologia: Espora de Espeto.

Material: Ferro.

Peso: 61,93 g.

Dimensões gerais: 13 cm de comprimento e 6 cm de largura.

Dimensões espeto: 7,5 cm de comprimento.

Talão: ---

Secção aro: Circular.

Sistema de Fixação: ---

Contexto: Espora encontrada na zona fronteira à Capela Mor. Local de importância religiosa, com inúmeros enterramentos ao longo dos séculos, mostrou ser uma área de grande revolvimento, não podendo assim ser associado a algum indivíduo em específico³⁰⁸.

Descrição: Espora de espeto, em ferro com revestimento em dourado. Aros em U aberto, um dos braços encontra-se fraturado. Mede 13 cm de comprimento e a distância entre os seus braços é de 6 cm no seu ponto mais amplo. O seu espeto possui 7,5 cm de comprimento e apresenta secção circular, com inclinação de 15º em relação ao seu aro. Apresenta um pequeno elemento circular próxima à extremidade do espeto.

³⁰⁸ BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 292).

As pequenas dimensões da espora e o seu revestimento com película de ouro colocam a possibilidade de esta pertencer a um indivíduo jovem de família distinta³⁰⁹.

Proposta de cronologia: Século XIII – XIV.

Bibliografia:

BARROCA, Mário; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MONTEIRO, João Gouveia (coord.) – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2000. p. 292. (nº 30).

Notas: ---



Figura 108: Fotografia da espora EE 38 /MMS, 629.³¹⁰

³⁰⁹ **BARROCA, Mário Jorge; MONTEIRO, João Gouveia; FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.)** – *Pera Guerrejar. Armamento Medieval no Espaço Português: Catálogo da Exposição*. (p. 292).

³¹⁰ *Idem. Ibidem.*